



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

QUANDO A RUA SOA, O COTIDIANO É PALCO
ESTUDOS SONOROS LATINO-AMERICANOS E NARRATIVAS DE FRONTEIRA

VICTÓRIA TUPINI PEREIRA

Foz do Iguaçu
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

QUANDO A RUA SOA, O COTIDIANO É PALCO
ESTUDOS SONOROS LATINO-AMERICANOS E NARRATIVAS DE FRONTEIRA

VICTÓRIA TUPINI PEREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Ricardo Villena

Foz do Iguaçu
2023

VICTÓRIA TUPINI PEREIRA

QUANDO A RUA SOA, O COTIDIANO É PALCO
ESTUDOS SONOROS LATINO-AMERICANOS E NARRATIVAS DE FRONTEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho
UNILA

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Ricardo Villena
UNILA

Profa. Dra. Viviane da Silva Araújo
UNILA

Profa. Dra. Viviane Vedana
UFSC

Foz do Iguaçu, 01 de novembro de 2023

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

P436

Pereira, Victória Tupini.

Quando a rua soa, o cotidiano é palco: Estudos Sonoros Latino-Americanos e narrativas de fronteira / Victória Tupini Pereira. - Foz do Iguaçu, 2023.

116 f.: il., color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu - PR, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Allan Mendes Ramalho.

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Ricardo Villena.

1. Registros Sonoros. 2. América Latina. 3. Fronteiras. 4. Cartografia. I. Ramalho, Prof. Dr. Fábio Allan Mendes. II. Villena, Prof. Dr. Marcelo Ricardo. III. Título.

CDU 908:681.84(81:82:893

Dedico esta escrita aos estudantes-trabalhadores, que cumprem múltiplas jornadas de trabalho mas ainda carregam a alegria de refletir nossos novos passos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer seria pouco para o tanto que o processo do mestrado me afetou. Através do som, cheguei a seis países, três línguas, muitas estradas e um desejo de escutar cada ruído. Não haveria de imaginar que embarcaria em uma metodologia para isso (risos). Também um processo doloroso. Ciclos se iniciaram e se romperam abruptamente nesse meio tempo. Mas sem dúvidas, aos laços, serei grata enquanto minhas lembranças ainda forem minhas.

Aos meus pais, Adalgisa e Paulo, dispenso palavras. Obrigada por confiarem em mim e por cultivarem minhas asas. Ao meu irmão, sou grata ao universo por ter nos colocado lado a lado.

Agradeço às minhas irmãs de vida, Giulia e Maria Ester, obrigada por andarem de mãos dadas comigo, me recordando que a vida é divertida e ao mesmo tempo trabalhosa.

Sou imensamente grata aos meus orientadores Fábio Ramalho e Marcelo Villena, que gentilmente aceitaram me orientar nessa dissertação e tiveram tanta paciência comigo no processo da escrita. Ao Marcelo, agradeço pela companhia nos trabalhos de campo em Ciudad del Este. Ao Fábio, por me ajudar a não desistir dos processos.

Às membras da banca, professoras Dra. Viviane Araújo e Dra. Viviane Vedana, por suas colocações precisas que me orientaram desde a qualificação a defesa da dissertação.

Aos amigos que o mestrado me deu, Pedro e Maria Clara, que sempre me colocam para cima nos momentos de desespero e por me ensinarem a arte de pesquisar.

Agradezco a mi compañero Andres, por compartir conmigo las rutas y las investigaciones fronterizas. Gracias por haberme acogido en Foz y me incentivado a explorar la frontera. También por haberme enseñado español. Soy realmente muy grata por todo.

Agradeço a Priscila, Alisson, Valentina e Tatiana, por terem dividido a casa, a comida e a rotina comigo nesse período do mestrado. Vocês são mulheres incríveis!

También, el grupo del *Taller de Grabaciones de Campo y Mapa Sonoro*, Ana Laura, Fede, Alfonsina, Mathias, Alfredo y en especial a Pablo Bas. Me hicieron creer en la potencia de la integración y en el trabajo colectivo. Gracias por abrir esta puerta y

por aceitar fazer parte de esta escrita.

Agradeço às professoras Simonne Teixeira e Marcia Carneiro. À Simonne, por ter me ensinado que a história também se faz com os ouvidos. À Márcia, por ser a pessoa mais generosa que já conheci. Suas (des)orientações me fizeram uma pessoa mais curiosa e ousada.

Agradeço à CAPES, por ter financiado parte dessa pesquisa. Também à equipe da Memória da Eletricidade, em especial Filipe, Tarcísio, Caroline, Isabela e Ana Carolina. Com vocês, acordar cedo até que ficou divertido. Aos amigos Paulo Mena e Adriano pela ajuda nos mapas aqui inseridos.

Ainda poderia colocar muitas outras pessoas aqui. Essa pesquisa tem sido feita há muitos anos, muitas cabeças pensantes colaboraram para que ela tomasse o rumo que tomou. Como costumo brincar, ela anda sozinha, e dessa vez me trouxe para a Tríplice Fronteira, se estendendo virtualmente para muitos outros cantos da América Latina. Portanto, agradeço às pessoas que fazem desse lugar um espaço tão potente e colorido. Há braços! E também muitas histórias para contar.

*La copla no tiene dueño
Patrones no más mandar
La guitarra americana
Peleando aprendió a cantar*
Canción para mi América. Mercedes Sosa

*Sempre vejo anunciando cursos de oratória. Nunca vi
anunciando um curso de escutatória. Todo mundo quer
aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei
que ninguém vai se matricular*
Rubem Alves

RESUMO

Quando a rua soa, o cotidiano é palco - Estudos Sonoros Latino-americanos e narrativas de fronteira é uma investigação onde adentramos no território da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina, respectivamente Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, através de uma escuta atenta de seus cotidianos. Tendo como palco principal a rua, nosso objetivo foi construir uma cartografia sonora e afetiva do território estudado. Como referencial teórico, essa pesquisa esquematizou e se ancorou na rede dos Estudos Sonoros Latino-americanos (TRUJILLO, 2016; ZAUG, 2016; VARELO, 2017; DOMÍNGUEZ RUÍZ, 2019), bem como nas diretrizes da História Pública e das Histórias alternativas (RIVERA CUSICANQUI, 2015). Com metodologia baseada no trabalho de campo, registros sonoros e pesquisa bibliográfica documental, nesta investigação o cotidiano é reivindicado como potencializador de encontros, denunciante de experiências históricas colonialistas e palco de lutas e reivindicações coletivas. Ao todo, foram 233 registros sonoros captados em diferentes contextos das cidades fronteiriças, com sons que vão desde manifestações políticas, trânsitos nas pontes, vendedores, pássaros, festejos e reflexões de seus habitantes, nos auxiliando a compreender as sociabilidades e modos de habitar a região. Desses registros, selecionamos oito, analisados através de uma escrita-conto e disponíveis no Mapa *Sonoridades Fronterizas*. A partir dessa perspectiva interdisciplinar e prática, pretendemos colaborar com a rede de cooperação teórica e autônoma latino-americana.

Palavras-chave: Registros Sonoros. América Latina. Fronteiras. Cartografia.

RESUMEN

Cuando la calle suena, el cotidiano es palco - Estudios Sonoros Latinoamericanos y narrativas de frontera es una investigación donde adentramos en territorio de la Triple Frontera, respectivamente Ciudad del Este, Foz de Iguazú y Puerto Iguazú, a través de una escucha atenta de sus cotidianos. Como referencial teórico, esa investigación fue esquematizada y basada en la red de los Estudios Sonoros Latinoamericanos (TRUJILLO, 2016; ZAOUG, 2016; VARELO, 2017; DOMÍNGUEZ RUÍZ, 2019), como también en las pautas de la Historia Pública y de las Historias alternativas (RIVERA CUSICANQUI, 2015). Con la calle como escenario principal, nuestro objetivo fue construir una cartografía sonora y afectiva del territorio estudiado. Con metodología basada en el trabajo de campo, registros sonoros y pesquisa bibliográfica documental, en esa investigación el cotidiano es reivindicado como potenciador de encuentros, denunciante de experiencias históricas colonialistas y palco de luchas y reivindicaciones colectivas. En total fueron 233 grabaciones sonoras captadas en diferentes contextos de las ciudades fronterizas, con sonidos que van desde manifestaciones políticas, tránsitos en los puentes, vendedores, pájaros, festejos y reflexiones de sus habitantes, que nos ayudan a comprender las sociabilidades y maneras de vivir en la región. De esas grabaciones, seleccionamos ocho, analizadas a través de una escrita-cuento y disponibilizadas en el Mapa Sonoridades Fronterizas. A partir de esa perspectiva interdisciplinar y práctica, pretendemos colaborar con la red de cooperación teórica y autónoma de latinoamérica.

Palabras-claves: Registros Sonoros. América Latina. Fronteras. Cartografía.

ABSTRACT

When the street sings, everyday life is the stage - Latin American Sound Studies and border narratives is an investigation in which we entered the territory of the Paraguay-Brazil-Argentina Triple Border, respectively Ciudad del Este, Foz do Iguazu and Puerto Iguazú, through an attentive listening to their daily lives. With the streets as the main stage, our aim was to build a cartography of sounds and emotions of the territory in question. As a theoretical framework, this research was schematized and anchored in the Latin American Sound Studies network (TRUJILLO, 2016; ZAOUG, 2016; VARELO, 2017; DOMÍNGUEZ RUÍZ, 2019), as well as in the guidelines of Public History and Alternative Histories (RIVERA CUSICANQUI, 2015). Using fieldwork, sound recordings and documentary bibliographical research as methodology, this investigation claims everyday life as an enhancer of encounters, a denouncer of colonialist historical experiences and a stage for collective struggles and demands. 233 sound recordings were captured altogether in a variety of contexts in the border towns, such as political manifestations, traffic on the bridges, vendors, birds and celebrations as reflections of their inhabitants, helping us understand the sociability and ways of inhabiting the region. Out of those 233 recordings, 8 were selected and analyzed through a story-writing process and are available on the *Borderline Sonorities Map*. From this interdisciplinary and practical perspective, we intend to enrich the latin american theoretical and autonomous cooperation network.

Key words: Recorded Sounds. Latin America. Border. Cartography.

SIGLAS

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

BIEV/UFRGS - Banco de Imagens e Efeitos Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Mapa da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina.....	22
Figura 2 – Mapa Sonoro <i>Ganar la Calle</i>	39
Figura 3 – Mapa <i>Sonoridades Fronterizas</i>	39
Figura 4 – Pontos de partida das caminhadas sonoras em Ciudad del Este/Paraguai....	54
Figura 5 – Pontos de partida das caminhadas sonoras em Foz do Iguaçu/Brasil.....	55
Figura 6 – Pontos de partida das caminhadas sonoras em Puerto Iguazú/Argentina.....	56

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Caminhada sonora pela Zona Franca de Ciudad del Este	36
Fotografia 2 – Zona Franca de Ciudad del Este	64
Fotografia 3 – Zona Franca de Ciudad del Este. Placa indicando shoppings	64
Fotografia 4 – Organização da Marcha 8M em Ciudad del Este. Praça atrás da Biblioteca Municipal de Ciudad del Este.....	69
Fotografia 5 – Faixas da Marcha 8M em Ciudad del Este.....	69
Fotografia 6 – Piquete de caminhões de médio porte impedindo a passagem de veículos.....	72
Fotografia 7 – Piquete de vans impedindo a passagem de veículos.....	73
Fotografia 8 – Motociclistas aguardando para atravessarem a ponte.....	74
Fotografia 9 – Mulheres na paralisação.....	75
Fotografia 10 – Plaza San Martín no dia da gravação de campo.....	78
Fotografia 11 – Vista à esquerda do Estádio Antonio Oddone Sarubbi durante a partida de futebol Olimpia versus 3 de Febrero.....	80
Fotografia 12 – Partida de futebol Olimpia versus 3 de Febrero, no Estádio Antonio Oddone Sarubbi. Ao fundo, arquibancada onde estava a bateria.....	80
Fotografia 13 – Mototaxista saindo da aduana brasileira e chegando no Paraguai	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Condições de pré-roteiro da pesquisa.....	50
Quadro 2 – Pré-roteiro da pesquisa, produzido pós caminhadas sem o microfone.....	52
Quadro 3 – Modelo de decupagem.....	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: DESEMBARCANDO NAS SONORIDADES FRONTERIZAS.....	15
2. SONORIDADES COMO LUGAR DE CONHECIMENTO.....	23
2.1 Dos ouvidos sem pálpebras ao direito de soar.....	26
2.2 Estudos Sonoros Latino-americanos: Território, Entorno Sonoro e Criação.....	28
2.2.1 Entorno Sonoro e as apropriações das reprodutibilidades técnicas.....	31
2.2.2 Arcabouços metodológicos para investigações-sonoras.....	34
3. PERCORRER LA CIUDAD CON OÍDOS ATENTOS.....	41
3.1 Notas sobre a história da Tríplice Fronteira.....	42
3.2 Pré-campo - entre levantamento e escolhas.....	49
3.3 Campo - Flanando na Tríplice Fronteira.....	52
3.4 Pós-campo - entendendo o anarquivo.....	57
4. CARTOGRAFIA SONORIDADES FRONTERIZAS.....	60
4.1 Ruas e Vendedores.....	62
4.2 Manifestações.....	67
4.3 Festa.....	76
4.5 Reflexões sobre a fronteira.....	81
5. CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICES.....	92

1. INTRODUÇÃO: DESEMBARCANDO NAS SONORIDADES FRONTERIZAS

Árvores chacoalhando recebendo os ventos. Pássaros marcando suas presenças. Silêncio repentino. Os pássaros voltam a cantar. Uma ventania toma conta. Mais alguns passos, o imponente rio Paraná se faz caminho para que os barcos atravessem do Paraguai para a Argentina, da Argentina para o Brasil e do Brasil ao Paraguai. Neste dia, ainda com a aduana fechada devido à pandemia do Coronavírus, os pequenos barcos atracados e as vozes masculinas ao fundo nos deixam com a incerteza de qual caminho pretendem percorrer. Caiu uma árvore, e o barulho da serra elétrica a acompanha. Estamos no *Hito de las Tres Fronteras*, em Presidente Franco, Paraguai, à frente estão o Brasil e a Argentina. E essa investigação começa aqui, na encruzilhada entre o rio Paraná e o Iguazú, lugar de muitos rostos, vozes, vivências, complexidades, estereótipos e circularidades.

Nesta encruzilhada entre os rios, a presente pesquisa é o resultado de uma experimentação sonora e interdisciplinar, pautada no *objetivo de realizar um mapeamento das sonoridades da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina, a fim de compreender o entorno histórico e social da região*¹, tendo como base teórica os Estudos Sonoros Latino-Americanos. Se, por um lado, historicamente foi gestada e propagandeada a ideia de fronteira como um lugar de violência, contrabando e pirataria, por outro, o presente trabalho se guiou pela questão do que estaria sendo camuflado por essa espetacularização e estigmatização da região.

Como os moradores da fronteira lidam com essa espetacularização? Como é o cotidiano desse encontro entre três países e três línguas oficiais? Nossa principal hipótese era de um cenário plural e multiforme, escancarado em um dos principais centros urbanos, turísticos e comerciais da América Latina: a Tríplice Fronteira formada por Ciudad del Este/PY, Foz do Iguaçu/BR e Puerto Iguazú/AR, separadas pelos rios citados. Para isso, nossas atenções se voltaram para um campo tão aberto, democrático, quanto negligenciado: as sonoridades. Como pressuposto teórico, as sonoridades aqui

¹ A cartografia sonora produzida neste trabalho pode ser acessado em:

https://umap.openstreetmap.fr/pt-br/map/sonoridades-fronterizas_794606?scaleControl=false&miniMap=false&scrollWheelZoom=false&zoomControl=true&editMode=disabled&moreControl=true&searchControl=null&tilelayersControl=null&embedControl=null&datalayersControl=true&onLoadPanel=undefined&captionBar=false&captionMenus=true%22%3E%3C/iframe%3E%3Cp%3E%3Ca%20href=%22//umap.openstreetmap.fr/pt-br/map/sonoridades-fronterizas_794606?scaleControl=false&miniMap=false&scrollWheelZoom=true&zoomControl=true&editMode=disabled&moreControl=true&searchControl=null&tilelayersControl=null&embedControl=null&datalayersControl=true&onLoadPanel=undefined&captionBar=false&captionMenus=true#12/-25.5038/-54.6292. Sua composição será devidamente explicada ao longo desta dissertação.

são entendidas como um fenômeno social, ou seja, produto e produtoras de seu território (MAZER et al.; 2020), tendo como foco principal as sonoridades produzidas no espaço público, com um sentido coletivo e horizontal (SANTOS, 2000), sendo elas representações simbólicas da história e das interações comunitárias, criadoras de memórias e identidades, pois *“todo lugar ocupado por seres vivos conlleva prácticas sonoras y que en ciertos casos estas prácticas son un condicionante para la existencia del territorio”* (ZAOUG, 2016, p. 7).

Por certo, minhas aspirações para uma experimentação-investigação-sonora começaram ainda nos idos de 2016, durante minha graduação em História no interior do Rio de Janeiro, quando entrei pela primeira vez no acervo fonográfico Amador Pinheiro da Silva, salvaguardado na Casa de Cultura Villa Maria/UENF². Desde os fonogramas, comecei a refletir sobre as possibilidades de um fazer científico que se pautasse na escuta como mecanismo de compreensão e análise de um determinado contexto e território do qual essas fontes emergiam, uma vez que as sonoridades desempenham um papel de mediação e tradução histórico-social, pois, “por meio de diferentes técnicas sônicas, os habitantes da cidade compartilham, loteiam e disputam o espaço da cidade ao manipular os sons em sua frequência, intensidade e espacialidade” (MAZER et al.; 2020, p. 20). Das muitas arestas que guiaram a pesquisa no acervo fonográfico - desde a história da música, a história dos meios de comunicação ao advento das tecnologias de gravação - o que me interessava mais eram as *formas de escuta* do que a própria composição arquivística. Neste sentido, mais do que o acervo em si, me debrucei sobre as diferentes formas de interação desses sons gravados com os habitantes da cidade, incluindo instalações audiovisuais com o acervo no espaço público³.

Desse modo, passei a experimentar metodologias que pudessem estabelecer uma relação entre as pesquisas sonoras com seu âmbito comunitário. Em relação a estas metodologias, a pesquisadora equatoriana Mayra Estévez Trujillo (2016) salienta que

La búsqueda de las y los experimentadores sonoros en las referencias archivísticas, pudiera constituir una metodología poco usual de exploración respecto a la historia, en cuyo caso la noción hegemónica de archivo sufre un tipo de intervención que actualiza el debate sobre la colonialidad aún presente en nuestro contexto. Promueve un tipo de artefactos culturales sonoros que pueden inscribirse en las líneas fronterizas: arte,

² O acervo em questão, datado do final do século XIX para o início do século XX, foi doado para a instituição pela família de Amador Pinheiro da Silva, seu colecionador. Ao todo são 1836 discos de acetato 78 rotações, com músicas que vão desde clássicos europeus, como Chopin, Bach, Beethoven, à ritmos que surgiram no período em que a coleção se construía, como maxixe, bolero, tango e choro.

³ Embora esse acervo estivesse salvaguardado e sendo tratado em uma instituição pública de pesquisa, poucos sabiam da existência dele.

experimentación sonora, estudios culturales críticos, etnohistoria. (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016, p. 22)

Partindo do lugar da produção artística-sonora para os arquivos históricos, Estévez Trujillo propõe romper fronteiras disciplinares com o objetivo de cruzar possibilidades de refletir e problematizar nossa construção social - para além do que é apresentado nas fileiras hegemônicas da história e da memória oficial - a partir de metodologias que tenham as sonoridades como ponto de partida para análise. Meus anseios por colaborar com essa rede de produção de pesquisas-sonoras só haveria de se sanar com meu ingresso no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos/UNILA em 2021, quando as ideias de experimentações sonoras me trouxeram para o outro lado do Brasil, mais precisamente na fronteira com Paraguai e Argentina.

Portanto, *Quando a rua soa, o cotidiano é palco - Estudos Sonoros Latino-americanos e narrativas sonoras de fronteira* nasce a partir de uma mescla teórica-metodológica entre arte sonora (BAS, 2019; TRUJILLO, 2016; DOMÍNGUEZ RUIZ, 2019), história pública (RABÊLO DE ALMEIDA, ROVAI, 2011) e etnografia de rua (VEDANA; 2010), em uma investigação que contou com diferentes etapas, desde o trabalho de campo a uma composição analítica entre teoria e prática. Para isso, desembarcamos na Tríplice Fronteira - respectivamente Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú - com microfones ligados, buscando registrar diferentes sonoridades que constroem e são construídas no espaço público, denunciando de experiências histórico-sociais comunitárias desde o cotidiano vivido na prática, de forma que nosso campo de investigação se tornou tão fluido quanto uma conversa em meio a risos, com fontes sonoras que vão desde manifestações políticas ao som de pássaros, carros circulando pela cidade, músicas, conversas que misturam diferentes línguas e silêncios curiosamente repentinos.

Posto isso, apresento a seguir o modo de organização do presente trabalho.

No capítulo intitulado *Sonoridades como lugar de conhecimento*, nos debruçamos na esquematização teórica dos Estudos Sonoros Latino-Americanos, área interdisciplinar que estuda a produção, o material e consumo de música, som, ruído e silêncio e como estas mudaram ao longo da história e das distintas sociedades (ZAOUG, 2016). Dos Estudos Sonoros Latino-americanos derivam pesquisas a partir de epistemologias críticas que entendem o campo sonoro como um campo de tensões, lutas pelos significados e que tecem os espaços, portanto, capaz de explorar e analisar, a partir do acúmulo de

expressões sonoras, as identidades, táticas e modos de produção, uso e circulação comunitários nas suas dinâmicas históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016; RODRIGUEZ VARELO; 2017). Teórica dos Estudos Sonoros Latino-Americanos a partir de sua pesquisa desde a região andina, Estévez Trujillo comenta que

Al referirme a los Estudios Sonoros Latinoamericanos, me refiero a un campo desde el cual se interviene, cuestiona y aporta a los conflictos y debates culturales, las convenciones y relaciones de poder, las prácticas sociales, culturales y artísticas, así como los supuestos epistemológicos que articulan lo sonoro como un régimen dominante en el mundo. (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016, p. 91)

Neste mesmo sentido, o pesquisador chileno Francisco Rodriguez Varelo (2017) aponta para a não-neutralidade dos regimes sonoros, pois não são alheios ou abstratos aos processos sócio-culturais que a América Latina tem atravessado. Assim, debates como a colonialidade, o processo de urbanização e o imperialismo cultural entram na pauta da rede dos Estudos Sonoros Latino-Americanos desde uma perspectiva questionadora para apontar caminhos de reconhecimento das práticas sonoras desde o Sul, visto que o autor nos alerta para o disciplinamento da escuta empreendido pela lógica colonial, onde novos sons foram inseridos no contexto latino-americano desde a invasão europeia, provocando assim uma nova configuração da paisagem sonora.

Contudo, na presente pesquisa, o que nos interessa abordar desde os Estudos Sonoros Latino-Americanos é o que a historiadora boliviana Silvia Rivera Cusicanqui tem apontado como *histórias alternativas*, ou seja, uma pluralidade nas formas de se contar histórias, segundo quem as fazem, narram ou sofrem, sendo elas alternativas frente a um modelo hegemônico das fontes escritas e do pensamento único. Diante disso, Rivera Cusicanqui (2015) comenta que

Mientras que los textos escritos representativos del pensamiento social boliviano tienden a domesticar el pasado - haciéndolo transparente e inteligible - las fuentes orales e iconográficas apuntan a la irreductibilidad de la experiencia humana, a las grietas y fracturas del ámbito normativo, mostrando cómo las cosas son, en lugar de figurarse cómo deberían ser. (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 88)

Longe de querer entrar na discussão técnica do som - de intensidade, timbre, volume ou ondulação - o que interessa nesta discussão é precisamente essas gretas e lacunas apontadas pela historiadora citada acima. Apostamos no entorno sonoro como eixo central para a compreensão da construção do entorno social da Tríplice Fronteira,

onde o espaço público e as narrativas históricas e sociais desse viver fronteiriço são abordadas em seu entorno sonoro.

No segundo capítulo, *Percorrer la ciudad con oídos atentos*, abordaremos o passo a passo das metodologias interdisciplinares aplicadas na pesquisa, que se baseou no trabalho de campo e caminhadas sonoras registradas em áudio com a finalidade de construir uma *cartografia do território através das suas sonoridades*. Para o músico e pesquisador argentino Pablo Bas (2019), a maioria das cartografias sonoras advém da gravação de campo, com registros associados a pontos específicos do mapa e com isso formam um tipo particular de fonografias, pois contam com sonoridades produzidas fora de espaços acusticamente controlados, como estúdios, televisão, rádio (BAS, 2019). Sendo assim, as pesquisas que partem dessa metodologia tendem a ter características participativas e interativas, pois, além das sonoridades serem por si só mediadoras sociais, o ato de estar nas ruas com um gravador em mãos, suscetível a qualquer tipo de emissão sonora por mais imprevisível que seja, faz com que as questões do projeto, assim como seu recorte de análise, sofram reorientações a partir do momento em que a pesquisa é inserida no âmbito comunitário e público, e as pessoas passam a construir e intervir nas gravações.

Exemplo disso foram os diferentes “guias-sonoros” que tive durante os trabalhos de campo e gravação, que, após tomarem conhecimento da pesquisa, se interessavam em escolher e acompanhar o que seria documentado, sendo eles tanto companheiros da universidade que também desenvolvem projetos acerca da fronteira e das sonoridades, quanto pessoas que conheci durante o campo, como uma senhora paraguaia que, no meio de uma manifestação, decidiu me levar e acompanhar na gravação de entrevistas. Portanto, essa cartografia sonora foi produzida por diferentes mãos e a partir de diversas escutas, o que possivelmente tenha influenciado a heterogeneidade das sonoridades fontes dessa investigação.

Ao todo foram 233 registros sonoros captados entre agosto de 2021 a novembro de 2022, de diferentes maneiras e táticas (CERTEAU, 2014) de sociabilidade na fronteira, com sons que vão desde o trânsito nas pontes, pessoas caminhando pela Zona Franca, os vendedores de eletrônicos e alimentos nas ruas, as feiras, as musicalidades, as manifestações políticas com diferentes pautas, as construções civis a todo vapor, partidas de futebol amadoras e profissionais, as risadas e gritos, os silêncios acompanhados de ruídos ao fundo, as rádios tocando dentro das casas.

Neste sentido, quando agrupados, esses registros se transformam no que seria um *anarquivo*, sem um catálogo definido ou um discurso oficial (AZCÁRRAGA, 2023). O debate em torno do *anarquivo* caminha ao lado da cultura do comum, aquela que os arquivos oficiais sistematizam em prol da estabilização do mundo ou de uma determinada comunidade (LAFUENTE, 2015). Em oposição, o *anarquivo* busca a desorganização da memória oficial com base no que vem sendo reivindicado por movimentos sociais, pelas práticas culturais cotidianas, bem como pelas entranhas marginalizadas que os discursos oficiais pretendem organizar, neste sentido, seriam “*sensibles a las dimensiones de lo común sin abandonar su origen como repositório de lo público*” (IDEM, 2015), reverberando mais um sentido de denúncia do que de organização da memória de um povo.

Para finalizar, o capítulo *Cartografia Sonoridades Fronterizas*, é destinado a materializar e analisar oito gravações advindas do trabalho de campo, georreferenciados no mapa ao fim desta introdução, que passaram por uma curadoria prévia e apresentadas aqui através de uma escrita-conto. No *corpus* desta cartografia, dividida em quatro camadas, ou seja, quatro eixos temáticos, estão: 1) Ruas e vendedores; 2) Manifestações; 3) Festas; 4) Reflexões sobre a fronteira⁴. Tais camadas foram pensadas com base nos seguintes critérios: que haja uma circulação pela fronteira, assim sonoridades tanto de Ciudad del Este/PY, Foz do Iguaçu/BR como Puerto Iguazú/AR, então presentes em pelo menos duas camadas; que as sonoridades registradas tivessem a mesma finalidade e/ou sentidos semelhantes, deste modo em *Manifestação* estão sonoridades que representam pautas e modos de manifestar-se, ou que *Ruas e vendedores*, tivessem sonoridades características deste tipo de ambiente de comércio; também que as sonoridades representem distintos modos de fazer (CERTEAU, 2014), ou seja, que na camada *Festa* contenha diferentes formas de festejar ou que na camada *Reflexões sobre a fronteira* apresente distintas perspectivas sobre esse espaço.

Contudo, mesmo com o esforço para dividir os registros em camadas, a transversalidade das sonoridades impede que as encaixemos em uma só finalidade, pois, como coloca a pesquisadora em comunicação Camila Lima, “o som expande, ultrapassa paredes e não fica em caixinhas. Os sons transcendem as fronteiras das categorias e temos vários sons que permitem interseções entre várias” (LIMA, 2019, p. 43). Assim que

⁴ Saliento que a divisão em eixos para análise dos materiais produzidos para esta dissertação foi pensada a partir dos apontamentos das componentes da banca de qualificação, Profa. Dra. Viviane Araújo e Profa. Dra. Viviane Vedana, as quais sou grata pelos apontamentos necessários para melhor condução do trabalho.

as sonoridades fronteiriças a qual nos debruçamos por si só já transcendem fronteiras, línguas e caixas, então distintas percepções e agrupamentos de sons ainda podem ser trabalhados através desses registros.

Por fim, seguindo as diretrizes da história pública para explorar as fronteiras de compartilhamento das nossas produções do âmbito acadêmico, os registros captados durante o trabalho de campo podem ser acessados e escutados em três diferentes plataformas: no *Mapa Sonoro Ganar la Calle*, cartografia sonora feita de forma coletiva, com seis pesquisadores-sonoros de diferentes países da América Latina e coordenado por Pablo Bas, onde se pode escutar sons da Argentina, Paraguai, Brasil, Chile e Equador, e no qual os pontos laranjas correspondem aos sons captados durante este trabalho de campo; o *Mapa Sonoridades Fronterizas*, criado para compartilhar os sons que analisaremos neste presente trabalho; e a página *Sonoridades Fronteirizas* no SoundCloud, também criado para o compartilhamento dos sons analisados aqui.

Figura 1 – Mapa da Tríplíce Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina. Autor: Paulo Mena, 2023



Fonte: MENA, 2023

2. SONORIDADES COMO LUGAR DE CONHECIMENTO

No documentário *Apenas El Sol* (2020), a diretora Aramí Ullón acompanha o dia a dia de Mateo Sobode Chiqueno, um senhor indígena do povo Ayoreo que, desde os anos 1960, se empenha em registrar em fitas cassetes canções, histórias e testemunhos de seu povo que, como ele, nasceu em uma vida nômade, na floresta e livres, sem contato com a civilização branca. No documentário, Sobode Chiqueno conta que com a chegada dos missionários e empresas agropecuárias na região do Chaco paraguaio - região de solo arenoso ao norte do país - o povo Ayoreo se viu obrigado a abandonar seu modo ancestral de vida, sociedade e subsistência, passando a viver em condições de rotineira violência, ameaça e exploração de trabalho. Em meio a um conflituoso processo de desterritorialização, Mateo relata que sentiu a necessidade de fazer os registros antes que a memória de seu povo se perdesse frente a constantes apagamentos: *“Recuerdo que vi como los blancos grababan sus propias historias. Me dije entonces: ‘Tengo que trabajar para comprar una grabadora y guardar la cultura ancestral’”* (APENAS EL SOL, 2020). Com registros de canções de cura, histórias dos primeiros contatos com o homem branco e as posteriores experiências de colonização violentas, Sobode Chiqueno, que almeja um dia ainda voltar a viver na floresta, trabalha incansavelmente para que as memórias do povo Ayoreo permaneçam vivas.

Fontes que retratam tanto o processo de colonização contemporâneo vivido pelo povo Ayoreo⁵ como seu modo de vida ancestral, os registros sonoros captados por Mateo Sobode Chiqueno narram décadas de luta pela sobrevivência física e cultural de seu povo, que se veem cada vez mais sufocados e sob a imposição do modo de vida ocidental. Quando observadas a partir da ótica histórica, tais testemunhos sonoros do povo Ayoreo registrados nas fitas cassete correspondem ao que a historiadora boliviana Silvia Rivera Cusicanqui caracteriza como *histórias alternativas*: uma pluralidade nas formas de se contar a história a partir da perspectiva de quem as fazem, narram ou sofrem, se manifestando a partir de diferentes fontes - como o testemunho oral, a pintura, o cinema e a fotografia - frente a um modelo hegemônico das fontes escritas e do

⁵ Chamamos de colonização contemporânea porque o contato do povo Ayoreo com os homens brancos se tornou contínuo a partir da década de 1940, com a invasão de suas terras ancestrais por parte dos menonitas. Já na década de 1970 a chegada dos missionários estadunidenses e fundamentalistas da Missão Novas Tribos marcou um novo período de violência e resistência. O processo de desterritorialização dos Ayoreo acelerou entre as décadas de 1990 e 2000, quando boa parte de suas terras foram saqueadas por empresas estrangeiras e paraguaias do agronegócio, como Yguareté Porã S.A, River Plate S.A e BBC S.A. Estima-se que a taxa de desmatamento dessa região é a mais rápida do mundo. Fonte: <https://www.survivalbrasil.org/povos/ayoreo> <último acesso em 01/03/2023>.

pensamento único (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 73). Recordando que as fontes têm profundas implicações teóricas e políticas, Rivera Cusicanqui aponta que é na pluralidade e na diversidade que reside o potencial das fontes não escritas, capazes de revelar as texturas dos desejos coletivos e as ações (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 91).

O debate acerca das fontes tem sido palco de diferentes embates, sobretudo quanto à questão do que é ou não um documento histórico. Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória* (1990), foi no final do século XIX para o século XX que o documento como fonte passou a ter seu caráter de prova e testemunho histórico, mesma época em que Fustel de Coulanges afirma que “o melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos” (1888, p. 29). Produto e produtora de uma ciência positivista e linear, a História, com H maiúsculo, a qual hoje conhecemos e nos debruçamos como disciplina científica, tem seus paradigmas formados no seio da modernidade europeia, época em que concomitantemente os processos de invasão e colonização relegaram as Américas, Ásia e África a lugares de trabalho e exploração, e não de produção de conhecimento. Paradigmas como a dualidade entre o Eu, investigador, e o Outro, objeto de estudo; a razão sobrepondo a emoção, negligenciando aspectos como a subjetividade e a identidade; a superioridade entre culturas, onde declara-se incivilizados povos que não correspondem à lógica europeia; a racialização e desumanização dos povos não europeus como argumento da exploração, violência e escravidão foram alguns dos argumentos modernos herdados pela historiografia⁶. Para exemplificar tal relação entre a História e os paradigmas da modernidade/colonização, Walter Mignolo afirma que

No século 16, missionários espanhóis julgavam e hierarquizavam a inteligência e civilização dos povos tomando como critério o fato de dominarem ou não a escrita alfabética. (...) Ao se aproximar o fim do século 18 e o início do 19, o critério de avaliação já não era a escrita, mas a história. “Os povos sem história” situavam-se em um tempo “anterior” ao “presente”. Os povos “com história” sabiam escrever a dos povos que não a tinham. (MIGNOLO, 2020, p. 23)

Mas ainda é preciso trazer tal debate para o tempo presente. Os paradigmas modernos/coloniais herdados pela História influenciam de forma significativa o modo como os pesquisadores lidam com suas fontes. A busca incessante por uma “verdade” faz

⁶ Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo* (2020), expressa sua indignação frente à lógica da História moderna: “Historiadores ou romancistas da civilização (é tudo a mesma coisa), não esse ou aquele, mas todos ou quase, sua falsa objetividade, seu chauvinismo, seu racismo furtivo, sua paixão cruel ao negar às raças não brancas, singularmente às raças melaninadas, todos os méritos, sua monomania para monopolizar em benefício próprio toda a glória.” (2020, p. 47)

com que os documentos produzidos e legitimados pelo Estado, utilizados para a construção de uma memória oficial baseada na manutenção do sistema, ocupem lugar de privilégio dentro das produções historiográficas. Embora a ideia de documento tenha sido submetida a uma crítica e ampliação desde a revolução documental de 1960 (LE GOFF, 1990), onde os grandes fatos e feitos passaram a dividir espaço com uma documentação de massa - incluindo seletivas imagens e sonoridades - a hierarquia que privilegia o documento textual ainda permanece. Essa espinhosa afirmativa deriva da própria estrutura colonialista e vertical na qual a história e os historiadores se encontram: a formação de cânones acadêmicos, essencialmente europeus e estadunidenses, que viabiliza determinadas fontes e temas em prol da invisibilidade de outros (RIVERA CUSICANQUI, 2010). Em seu texto *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* (2010), Rivera Cusicanqui ilustra essa lógica de hierarquia acadêmica como um triângulo sem base, uma estrutura vertical que gera dependência, onde o topo seria a produção e diretrizes vindas do norte, e o sul seria essa “não base”, servindo como mão de obra, inclusive acadêmica, de uma rede paternalista e clientelista, neutralizando saberes, debates, teorias e fontes essenciais para o reconhecimento de nós mesmos e das nossas lacunas históricas.

O desafio para desatar essa lógica, como coloca Rivera Cusicanqui (2010), seria construir laços de Sul para Sul, rompendo com o triângulo sem base através da legitimação da heterogeneidade de saberes e de uma ciência própria, que forme sua rede de cooperação a partir de suas formas e fontes de contar histórias, apontando para a não neutralidade dos pensamento locais frente à hegemonia dos discursos oficiais. Tal desafio já tem sido enfrentado por pensadores de diferentes áreas de conhecimento, que buscam, através da construção e compartilhamento de epistemologias críticas, promover uma relação retroalimentativa entre a produção acadêmica e o âmbito comunitário.

Sendo assim, nos subtópicos abaixo apresento uma relação de conceitos e paradigmas trabalhados pela rede dos Estudos Sonoros Latino-americanos, como uma forma de colaborar para a sistematização das reflexões advindas das investigações sonoras produzidas a partir de nosso território, sendo ela base teórica e argumentativa desta dissertação, com pesquisas que nos serviram de referência tanto teórico quanto metodológica.

2.1 Dos ouvidos sem pálpebras ao direito de soar

A partir do arcabouço histórico-social das sonoridades no território, o pesquisador e músico canadense Murray Schafer cunhou, entre 1960-1970, um dos conceitos chave de onde partiu essa investigação: a paisagem sonora. Para ele, a paisagem sonora seria “qualquer campo de estudo acústico” (SCHAFER, 1997, p. 33), ou seja, pesquisas que envolvem desde música, as ondas físicas dos sons às árvores balançando enquanto recebem o vento, a canção que vem do rádio, as conversas sussurradas e acaloradas, o roncar dos motores, os discursos políticos nos comícios, as vozes dos trabalhadores aos jingles improvisados dos vendedores nas ruas, entram nesse conceito guarda-chuva proposto pelo pesquisador.

Sendo assim, por si o conceito proposto por Schafer já abarca uma gama de produções interdisciplinares: nas ciências exatas, as ondas e o estudo da acústica e das propriedades físicas do som; nas artes, o audiovisual e a música como criadores e compiladores de paisagens sonoras; e nos estudos da sociedade - que particularmente nos interessa discutir aqui -, a relação entre som e comunidade em seu aspecto subjetivo, como construtor de territórios e pertencimentos, denunciante de experiências coletivas e das relações de poder, pois, como coloca Varelo, as paisagens sonoras possibilitam “identificar como através do tempo existem sons que expressam particularidades de contextos onde nos socializamos” (VARELO, 2017, p. 171), já demonstrando um rico campo de investigação histórica.

Em *A Afinação do Mundo* (1977), Schafer faz uma longa caminhada na história do som, desde as paisagens sonoras naturais, denominadas pelo autor como sons *hi-fi*, de alta fidelidade, baixo ruído e boa distinção do emissor, até chegar as paisagens sonoras pós-industriais, caracterizadas como sons *lo-fi*, de baixa fidelidade, que “surge como o congestionamento do som” a partir das Revoluções Industrial e Elétrica (SCHAFER, 1977, p. 107), cenário onde surge a possibilidade de acesso a sons do passado com o advento das técnicas de gravação no século XIX.

Segundo o geógrafo brasileiro Marcos Alberto Torres essa seria uma nova fase da paisagem sonora, visto a possibilidade de reprodução fora e dentro de seu contexto natural (TORRES, 2011), contexto que Schafer chama de esquizofonia⁷, pois separa o som de seu produtor e o mesmo ganha uma existência amplificada e independente

⁷ O conceito de esquizofrenia se mostra interessante para essa investigação uma vez que põe em debate a gravação e reprodução de sons fora de seu contexto orgânico, ao mesmo tempo que tal técnica nos permite ter acesso a memórias, territórios e conjunturas distantes, provocando uma aproximação ao passo que superlota nosso entorno de informações sônicas.

(SCHAFER, 1997, p. 134) através da gravação e reprodução desses sons gravados em autofalantes, toca discos, rádios, dentre outros. Neste sentido, Schafer denuncia suas preocupações com as consequências socioambientais de uma sonoridade posta indiscriminadamente no ambiente e, preocupado com a forma como os sons foram se modificando a partir do contexto urbano-industrial, propõe a construção de um projeto-acústico que seja capaz de

documentar aspectos importantes dos sons, observar suas diferenças, semelhanças e tendências, colecionar sons ameaçados a extinção, estudar efeitos de novos sons antes que fossem colocados indiscriminadamente no ambiente, estudar o rico simbolismo dos sons e os padrões do comportamento humano em diferentes ambientes sonoros, com o fim de aplicar conhecimento ao planejamento de futuros ambientes. (SCHAFER, 1997, p. 19)

O projeto sonoro, ou sonográfico, proposto pelo autor caminha para o reconhecimento das paisagens sonoras passadas e presentes a fim de projetarmos nossas ações futuras, em um sentido de filtrar o que seria posto no ambiente cotidiano, prezando por uma audição mais nítida e menos caótica. Embora seja entusiasta da teoria de Schafer, receio que tal “aplicação de conhecimento ao planejamento de futuros ambientes” dialogue com um discurso eugenista e moralista do ecoar das sonoridades produzidas historicamente desde e no território e tome um sentido de perseguição institucionalizada quando manuseado por quem detém o monopólio do poder.

Ao longo da história latino-americana, filtros - no sentido de “limpeza sonora” - já foram impostos, manejando o mesmo discurso civilizatório, como a imposição colonial da música europeia diante das sonoridades indígenas, que os textos coloniais referenciam como “sons diabólicos”, visto que, com o desenrolar do processo de colonização, os europeus introduziram instrumentos musicais de forma sistemática e *“la Iglesia se transformó en el principal mecenas de la música occidental, incentivando la formación de coros y capillas instrumentales en las que se tocaban chirimías, trompas, bajones, arpa, órgano y otros instrumentos europeos”* (SINGER, 2019, p. 119). Também a perseguição aos toques dos tambores do candomblé e das rodas de samba no Brasil, estigmatizadas como feitiçaria e paganismo pela colonial Igreja Católica, perseguição fundada no racismo e na manutenção do poder das elites brancas, já tendo sido promulgada em lei, como no Código Criminal de 1890 e o Código Penal estadonovista de 1942 (OLIVEIRA, 2015) e que até hoje reverbera em ataques de ódio e racismo religioso aos terreiros de matrizes africanas.

Neste sentido, um projeto acústico não é possível sem que se leve em consideração aspectos históricos da colonialidade do poder e das lutas anti-coloniais, das lutas de classes, as cosmopercepções plurais sobre o território, as memórias coletivas, as identidades, modos de produção e pertencimentos comunitários, pois “historicamente los sistemas tecnológicos que obedecen al patrón antropocéntrico-moderno-colonial-imperial-capitalista pretenden silenciar la heterogeneidad acústica del mundo” (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016, p. 147), e o direito a produzir sons ainda é palco de severas disputas e epistemicídios.

No contexto latino-americano, as pesquisas em torno das sonoridades nos apresentam novas reconfigurações sobre as paisagens sonoras, sem desvalidar as contribuições feitas. De uma perspectiva analítica-contemplativa de paisagem às investigações-ações que partem de uma lógica participativa e interativa, os Estudos Sonoros produzidos e teorizados desde a América Latina propõem um giro aural no sentido do entorno sonoro (DOMÍNGUEZ RUIZ, 2019), isto é, nos entendendo como participantes ativos dessa construção e emissão sócio-histórica das sonoridades produzidas até aqui. Esse giro não se limita apenas a uma questão latitudinal, é também epistêmico, na medida em que o som é entendido como lugar de conhecimento, aproximação e uma construção cultural, na qual se expressam formas de opressão assim como de resistências e sanções.

2.2 Estudos Sonoros Latino-americanos: Território, Entorno Sonoro e Criação

Tal giro aural, de uma perspectiva contemplativa para interativa, teve concisa influência nesta investigação a partir da inserção no trabalho de campo - assunto a ser esmiuçado no próximo capítulo. Isso porque, quando a investigação foi territorializada, ou seja, as fontes de análise começaram a ser coletadas através de suas gravações em áudio, novas demandas e reflexões sobre as sonoridades e seu impacto no território começaram a surgir, nos deparando de frente a uma questão dialética da realidade material: os ruídos urbano-industriais - impostos historicamente por uma condição colonial e imperialista - mas que são utilizados e apropriados como táticas sonoras de sobrevivência, seja para o trabalho, o lazer ou a demarcação simbólica de (re)existência. Esse é o caso, por exemplo, da superpopulação de sons da Zona Franca de Ciudad del Este. Nos registros gravados no microcentro - como é chamada a Zona Franca -, escutam-se diversas emissões de sons, de diferentes volumes, distanciamentos, sotaques e finalidades, ao ponto de, em uma gravação de um minuto, escutarmos

músicas em alto volume saindo das caixas de sons dos carros, outras saindo dos pequenos rádios nas tendas mesclando as melodias, infinitas conversas paralelas em espanhol, português, guarani e portunhol, um zunido agudo e estridente saindo de um prédio sendo construído, um vendedor de bananas anunciando o produto e a multidão de passos percorrendo as estreitas ruas. Todas elas mescladas e sobrepostas.

Esta situação de uma encruzilhada sonora, comum entre os grandes e movimentados centros comerciais, pode ser entendida pela nova dimensão que a cidade ganha dentro das tarefas produtivas ligadas à produção globalizada (SANTOS, 2000). Em sua análise sobre o processo de globalização e seus consequentes impactos, o geógrafo brasileiro Milton Santos (2000) chama a atenção para o que ele conceitua como “verticalidade” e “horizontalidades” no território. Respectivamente, o autor comenta que a verticalidade pode ser definida como um conjunto de pontos, formando um “espaço de fluxos” (IDEM, p. 105), impostos por quem dita as atividades econômicas hegemônicas, e que por sua vez, “as frações do território que constituem esse espaço de fluxos constituem o reino do tempo real, subordinando-se a um relógio universal, aferido pela temporalidade globalizada das empresas hegemônicas presentes” (IBIDEM, p. 107). Ou seja, como o próprio termo “verticalidade” já remete, tais atividades produtivas ligadas a esse espaço de fluxo são ditadas de cima para baixo, de acordo com uma temporalidade universal, e com forte tendência homogeneizadora, onde o território é visto unicamente como um recurso.

Por outro lado, na análise de Santos, a verticalidade é contrariada constantemente pelas resistências locais à sua expansão (IDEM, p. 103), que partem de uma outra lógica de interação - o que ele chama de contra-racionalidades, exatamente por estar se distanciando da ideia universal de racionalidade empreendida pelo discurso colonial/modernizador - com o território e a relação comunitária, o que ele chama de “horizontalidades”. Nos termos do autor, as horizontalidades preveem diversas temporalidades, portanto são espaços de vocação comum e de sobrevivência do conjunto, o que ele chama de “espaço-banal”, um espaço de todos: empresas, instituições, pessoas, seres vivos e não vivos, sendo o espaço das vivências cotidianas (IDEM, p. 108), formando extensões contínuas e uma produção residual, pois requer também o exercício de imaginar uma outra conjuntura. Neste sentido, na ideia das “horizontalidades”, todas as temporalidades vigentes no território estão em constante diálogo e enfrentamento, desde as instituições que “exercem uma vontade permanente de desorganização a serviço dos atores hegemônicos” (IDEM, p. 111) aos que fazem a

oposição a elas. Dessa dialética relação vertical/horizontal no território e em diálogo com a ideia de esquizofrenia de Schafer (1997), Santos comenta que

O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que, segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo. (SANTOS, 2000, p. 114)

Nesse caso, o recorte de análise desta investigação é esse território complexo, dialético e horizontal através de seu entorno sonoro esquizofônico, visto a realidade que o trabalho de campo na fronteira me apresentou, de um cotidiano igualmente complexo, dialético, onde as contra-racionalidades se apresentam em constantes embates frente às hegemonias impostas, ao mesmo tempo que a velocidade do tempo global e capitalista adia possibilidades de bem viver. De igual modo, esse giro aural nos aproximando de um entorno sonoro participativo e interativo não seria possível sem o arcabouço teórico e prático que vem sendo produzido pelas pesquisadoras e pesquisadores da América Latina, sobretudo ao longo das últimas décadas, a respeito das relações entre técnica, história, arte, território, sonoridades e os modos de divulgação das pesquisas científicas.

Os assim chamados Estudos Sonoros Latino-Americanos⁸ reúnem investigações que partem tanto das construções histórico-sociais das sonoridades presentes em nossos contextos - de encontro a questões como o processo de colonialidade sonora e o disciplinamento da escuta (VARELO, 2017), como já exemplificado no tópico anterior, às sonoridades que repercutem como sinônimo de resistência frente a modelos hegemônicos da estética do que escutamos -, como também com propostas contra-hegemônicas de divulgação, como as rádios comunitárias, mapas sonoros, filmes e instalações interativas. Ressalto aqui que uso essa nomenclatura, Estudos Sonoros Latino-Americanos, para me referir a um conjunto de investigações que estão sendo produzidas desde e por pesquisadores latino-americanos, o que não significa que é um termo unânime, concluso e que não utilize de referências de fora do continente que o nome abarca.

⁸ Nomenclatura trabalhada por Mayra Estévez Trujillo em sua tese *Estudios Sonoros en y desde América Latina: del régimen colonial de la sonoridad a las sonoridades de la sanación* (2016), quando se refere a essa rede de estudos sonoros baseados no continente latino-americano.

Entretanto, os Estudos Sonoros Latino-americanos partem do pressuposto de que as sonoridades são capazes de expressar os fenômenos das experiências pessoais e coletivas, sendo elas mesmas mediadoras e tradutoras das relações entre o corpo e o exterior, produtor e receptor, e das rupturas e continuidades. Neste sentido, a noção de sonoridade “visa descrever o som em seus aspectos materiais e sensíveis, em interconexão com suas dinâmicas sociais e técnicas” (MAZER et al.; 2020, p. 18), e como diz Estévez Trujillo (2016, p. 11), as experiências sonoras, quando entendidas como fenômeno, podem durar o que dura o tempo de um relâmpago, o que faz delas uma infinidade de fontes e por vezes complexas de serem analisadas, categorizadas e textualizadas.

A fim de sistematizar reflexões a respeito das sonoridades nos Estudos Sonoros Latino-Americanos, algumas delas que já nos auxiliaram até aqui, tanto como suas metodologias e formas de divulgações, nos subtópicos abaixo apresento algumas trabalhadas pelas pesquisadoras e pesquisadores em que nos baseamos e que, justamente, se encaminham para a diretriz proposta por Silvia Rivera Cusicanqui, a qual comentamos no tópico anterior, de construir laços e redes de pesquisa de sul para sul, com a tentativa de colaborar para o rompimento do triângulo sem base acadêmico, como ilustrou a historiadora.

2.2.1 Entorno Sonoro e as apropriações das reprodutibilidades técnicas

Considerar esta díada [entorno sonoro] nos permite, por un lado, conocer la manera en que los parámetros objetivos del sonido configuran los entornos que habrán de ser habitados, organizados y reconfigurados por el ser humano, por el otro lado, al reparar en la escucha, colocamos el sonido en el centro de la actividad humana y, por lo tanto, de los procesos de construcción de sentido a través de las cuales se significan las experiencias sonoras. (DOMÍNGUEZ RUIZ, 2019, p. 94)

Considerando a ideia de entorno sonoro apresentado acima pela antropóloga e pesquisadora mexicana Ana Lúcia Domínguez Ruiz, as pesquisas com sonoridades partiriam de uma dupla questão: como o som configura o território habitado, organizado e reconfigurado a partir das práticas humanas - o que estamos tratando aqui como o som produtor e produto da construção do território - e, também, como podemos colocar, através da escuta, o som em um papel central nos processos de construção objetivos dos sentidos e da relação com o espaço habitado - o que estamos tratando como sons mediadores e tradutores -, ou seja, compreender, através do método da escuta, as experiências e expressões sonoras que rodeiam os sentimentos, identidades, formas de

pertencimento, disputas e relações firmadas no cotidiano. Assim, o próprio significado do uso do termo entorno sonoro corresponderia às sonoridades produzidas nas relações constantes com e no território, através da vitalidade de “estar dentro”, pois, como nos recorda Santos,

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistema de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (SANTOS, 2000, p. 96-97)

Desse mesmo modo, Mehdi Zaoug em sua dissertação *El Espacio desde el Paisaje Sonoro: Caso de la Plaza Grande de Quito* (2016), na qual realiza trabalho de campo que carrega a discussão sobre o direito à cidade, nos traz a percepção do entorno sonoro como um espaço vivido, suporte de representação simbólica, o que consiste em um paradigma que nos permitiria descrever a totalidade do mesmo. A autora, que focaliza sua atenção nas sonoridades do espaço urbano, afirma que “*mientras la ciudad es construida, mantenida, modificada y controlada por los tenientes del poder, democráticos o no, públicos o privados, el sonido es intangible, difuso y temporal, y puede ser creado naturalmente por cualquier ciudadano*” (ZAOUG, 2016, p. 8), característica que a pesquisadora chama de paisagem sonora orgânica, sendo que a natureza por si só produz sons, sem necessitar de terceiros ou tecnologias, onde cada um contribui de maneira única para a criação do entorno sonoro. Sendo assim, desde a paisagem sonora orgânica, o espaço público seria um lugar de interação não seletiva.

Por outro lado, já nos encaminhando para a questão das sonoridades gravadas, Francisco Varelo, em seu artigo *Construcción de las identidades latinoamericanas. Una aproximación desde el entorno sonoro* (2017), onde busca compreender a dimensão estruturante das identidades a partir do sons, aponta para as mudanças estruturais que os entornos sonoros latino-americanos tiveram frente às duras consequências e impactos dos processos de colonização. As estruturas dessa colonialidade sonora, que para o autor se expressam nos “tráfegos caóticos de sons” (VARELO, 2017, p. 178) - ideia que vai de encontro com as novas reconfigurações da paisagem sonora desde as Revoluções tecnológicas e esquizofônicas -, fazem parte de um plano epistemológico de educar nossos ouvidos a sons “civilizatórios”, auxiliado sobretudo pelas apropriações, por parte das instituições do poder, das técnicas de gravação e reprodutibilidade sonora, o que nos remete ao que Estévez Trujillo vem chamando de *régimen colonial de la sonoridad*, ou

seja, “la manera en cómo se articulan e interponen estos fenómenos de uso del sonido para la dominación y la destrucción a través de la violencia bélica” (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016, p. 90) - como a inserção das armas de fogo e os métodos de torturas sonoras⁹ -, mas também sons de reprodutibilidade homogeneizadora e hegemônica, estratégia frequentemente utilizada, sobretudo pelo Estado, para demarcar a manutenção do poder e a dimensão simbólica das identidades nacionais.

Em contrapartida, a ideia das sonoridades como categoria também nos permite analisar os mecanismos de formação de um regime dominante (IDEM, p. 91). Como vínhamos apontando acima, Estévez Trujillo também nos recorda que os sons, como lugar de disputa e compartilhamento, fazem parte de uma rede geopolítica de conhecimentos, onde os usos sociais das técnicas e tecnologias são capazes de desestabilizar regimes de opressão e poder, a fim de agencializar novas relações, sobretudo através da “análise do acúmulo de expressões sonoras que se integram a diferentes usos sociais, culturais e políticos como apostas epistemológicas críticas” (IDEM, p. 15), como por exemplo o documentário *Apenas el Sol* e os registros sonoros do povo Ayoreo, coletados em fitas cassetes por Mateo Sobone Chiqueno, de onde iniciamos este capítulo, que, além de tomar uso da técnica da gravação, vem construindo um acervo contra-hegemônico denunciante de um processo de colonização que vem ocorrendo nos dias de hoje, desestabilizando discursos oficiais e a hierarquia do que deve ou não ser documentado.

De todo modo, se somam outras tantas produções apostando em investigações críticas e criativas, que vêm sendo trabalhadas a partir dos entornos sonoros da América Latina e das possíveis apropriações da reprodutibilidade técnica. Tais referências nos auxiliaram em nossa práxis metodológica, tanto quanto a questão do compartilhamento dos sons registrados - na medida em que os produtos dessas investigações não se contemplam apenas com texto, ou reduziria seu potencial -, como com o reconhecimento das práticas sonoras e sociais, ora semelhantes ora divergentes, no contexto latinoamericano. Sendo assim, no subtópico seguinte apresento as categorias metodológicas que adotamos no processo de trabalho de campo da presente investigação, bem como as formas de compartilhamento das fontes que foram utilizadas.

⁹ A autora faz uma série de denúncias referentes aos métodos de tortura sonora utilizados pela ditaduras civis-militares e que seguem sendo reproduzidas, denúncias feitas a partir de casos da Prisão de Guantánamo.

2.2.2 Arcabouços metodológicos para investigações-sonoras

A más de la reflexión categorial, otra de las posibilidades que dan forma a los Estudios Sonoros Latinoamericanos está relacionada con las prácticas experimentales con sonido, la creación, la producción y circulación que desde éstas se propone, constituye locus de enunciación que superan los lineamientos estéticos ligados a las políticas de verdad imperantes en la construcción discursiva del “Arte” con mayúscula. (ESTÉVEZ TRUJILLO, 2016, p. 91)

Sendo assim, para além de uma análise teórica e conceitual sobre os entornos sonoros latino-americanos e suas consequentes mudanças frente às imposições e apropriações técnicas para fins da manutenção do poder, no seio dos Estudos Sonoros Latino-americanos, como comenta Estévez Trujillo, também estão previstas questões práticas referentes à experimentação sonora, como processos de criação, produção e formas de divulgação e circulação dos materiais sonoros trabalhados e/ou coletados.

Em diálogo, Pablo Bas (2019) aponta que a partir desses processos experimentais, as materializações sonoras são geradas, transformadas, reelaboradas, submetidas a múltiplas interpretações, recontextualizadas e ressignificadas, para produzirem sentido poético na realização artística, de modo que *“pueden develar discursos hegemónicos de modelos imperantes, para intentar ponerlos en crisis en un terreno del que a veces el arte participa, que es la disputa del sentido, que no es otra cosa que una disputa de poder”* (BAS, 2019, s/p), provocando assim o embate entre as disputas simbólica e discursiva do poder com os lineamentos estéticos e técnicos.

Por outro lado, no que se refere às produções acadêmicas, tais disputas por meio das práticas experimentais sonoras também podem ser percebidas por convergências interdisciplinares que colocam em xeque antigos pressupostos canônicos - como a ideia do que deve ou não ser documentado, além de como deve ser documentado, seu suporte de armazenamento¹⁰. Tal perspectiva vem sendo trabalhada por pesquisadores que se dedicam à publicização das pesquisas científicas, bem como por investigações-ações, como é o caso da história pública que, como colocam as historiadoras brasileiras Juniele Râbello de Almeida e Marta Rovai,

pressupõe uma pluralidade disciplinar e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente” (RABÊLO DE ALMEIDA, ROVAI, 2011, p. 8)

¹⁰ Por suportes de armazenamento entende-se papel, fitas cassetes, vinis, tecidos, web, dentre outros.

Desse modo, finalizamos o presente capítulo apresentando aqui as metodologias utilizadas para a produção desta investigação, pois como coloca Mehdi Zaoug (2016) o método “*debe poder ser utilizado por profanos con un mínimo de capacidad de observación auditiva, y por lo tanto basarse en una matriz descriptiva que facilite la sistematización*” (ZAOUG, 2016, p. 8), suficientemente completos e acessíveis de recursos humanos e materiais.

Para a territorialização da pesquisa, contamos com o auxílio do método da etnografia de rua com trabalho de campo, que consiste em “caminhadas constantes pelo cenário da vida urbana, através dos quais observamos as diversas imagens (visuais e sonoras) evocadas pelos indivíduos que habitam esses lugares” (BARROSO, BEXIGA, CARVALHO DA ROCHA, 2010, p. 1). Uma característica que utilizamos no trabalho de campo foi que partimos do pressuposto de realizar caminhadas sonoras, ou seja, com um propósito principal da escuta, “expondo nossos ouvidos a qualquer som ao nosso redor” (WESTERKAMP, 1974, s/p), o que nos possibilitou contar, posteriormente, com o mapeamento de diversas camadas do entorno sonoro da Tríplice Fronteira, que serão devidamente comentadas nos capítulos seguintes.

Para o recolhimento das fontes sonoras fronteiriças, essas caminhadas eram acompanhadas de gravações de áudio, que, para Zaoug (2016), funcionam como mecanismo de captar a interação espacial dos grupos pelas sonoridades e seu entorno¹¹. Complementando, Bas (2019) salienta que as gravações de áudio em trabalho de campo são um tipo particular de fonografia, pois são “registro de som realizado fora do espaço acusticamente controlado” (IDEM, s/p), como estúdios, televisão e rádio. Sendo assim, podem ser gravações de interiores, exteriores, ambientes urbanos, semi urbanos, rurais e naturais, captando sons que atuam simultaneamente a outros sons, como os da Zona Franca que estávamos comentando acima, como também sons pontuais.

¹¹ Quando comenta sobre memória sonora, Zauog afirma que “...el sonido orgánico, o idioma e os acentos desapareciam irremediavelmente antes da invenção da gravação sonora” (2016, p. 6).

Fotografia 1 - Caminhada sonora pela Zona Franca de Ciudad del Este.



Fonte: Acervo pessoal.

Esse produto fonográfico seria, assim, os registros sonoros advindos do trabalho de campo, caminhada sonora e gravação de áudio. Segundo o autor citado acima, tais registros passam por uma série de recortes: o recorte material e tecnológico do equipamento de captação de som, os recortes epistemológicos no que diz respeito à quantidade de experiências audíveis possíveis, e também as escolhas do registrador de como, quando e onde vai gravar.

Desse conjunto de registros sonoros coletados, resultou o que Azcárraga (2023) chama de anarquivo sonoro. Segundo o autor, “cuando un grupo de personas se hace cargo de sus testimonios, documentos y saberes, y además lo hace de maneras creativas, está creando un ‘anarchivo’ o un antiarchivo” (2023, p. 64), apresentando uma contraposição aos arquivos vinculados à memória oficial, grande parte gerenciados pelo próprio Estado. Neste sentido, a função do anarquivo seria

más que poner los objetos al servicio de la pureza, objetividad o completitud de los argumentos con los que construimos el mundo que habitamos, la función del anarchivo es explorar los mundos posibles, habilitar un teatro de la diversidad, dar cobijo a la incertidumbre, las emociones, los traumas, lo ordinario, lo balbuceante o lo disfuncional. En el anarchivo queremos dar cuenta de lo que hemos experimentado pero no sabemos decir. (IDEM, p. 64)

Nos projetos que têm como finalidade a compilação de fontes contra-hegemônicas, é levada em conta a complexidade horizontal e democrática do entorno determinado, ainda que os recortes sejam feitos, visto que Azcárraga nos adverte que “*para realizar*

estos proyectos hay un proceso de discriminación, pues como al tomar una fotografía, quien registra el sonido elige los elementos, los edita y los transforma al realizar el montaje de las piezas, pero lo hacen dándole prioridad a la importancia de los sonidos dentro de un entorno determinado” (IDEM, p. 72). Dito isso, traçamos nosso método de mapeamento e recortes de pesquisa nos debruçando em uma experiência cartográfica que nos permitisse compreender e analisar o entorno sonoro da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina.

Segundo a antropóloga brasileira Viviane Vedana (2010), a experiência cartográfica com registros possibilita a interpretação das sonoridades da região por meio da análise dos sons gravados, captando a via pública como lugar de sociabilidade, pertencimento e disputas (VEDANA, 2010, p. 375), auxiliado pelos registros sonoros geolocalizados - que partem de um ponto específico do mapa para a escuta das materializações sonoras registradas. Para Bas (2019), a cartografia sonora tem o propósito de estabelecer uma relação entre território e som, esse último gerado no espaço representado, buscando relacionar diretamente um determinado território com as práticas sonoras que circulam ali. Neste caso, a ideia de cartografia sai de uma superfície e entra em uma camada sensitiva e subjetiva das texturas e relações de um ambiente, nos auxiliando para um reconhecimento de práticas sociais, das maneiras de estar dos habitantes da cidade, das inventividades populares, as disputas de poder, dentre outras perspectivas do que pode ser escutado no cotidiano de um ambiente.

Salientando as possíveis contribuições para o campo da história, as cartografias sonoras nos auxiliam a ter acesso à ambiência de uma determinada época e lugar, exatamente pela dimensão temporal que as sonoridades expressam, onde a todo momento novos sons surgem e outros se perdem e que, desde a perspectiva trabalhada nesta presente investigação, também são fontes antihegemônicas, indo ao encontro de a ideia de histórias alternativas, trabalhada por Rivera Cusicanqui (2015).

Em diálogo com a História Pública e com a ideia de acesso e compartilhamento da escuta dessas fontes sonoras, diferentes projetos estão sendo levados a cabo, como, por exemplo, os mapas sonoros, que podem ser encontrados com diversos modelos, estéticas sonoras, visuais e temáticas - como o *Mapa Sonoro de México*¹², plataforma gerida pela Fonoteca Nacional do México onde se escutam sons tanto do próprio acervo de fonogramas históricos da instituição como gravados por colaboradores do projeto, o

¹² Disponível em: <https://mapasonoro.cultura.gob.mx/>. Último acesso em 03/08/2022.

*Mapa Sonoro de la Comarca Andina*¹³, o mapa sonoro *Cali Paisaje Sonoro*, da Universidad Icesi, Colômbia¹⁴, o *Mapa Sonoro de Valparaíso*, da Sonoteca de Música Experimental y Arte Sonoro, do Chile¹⁵, o *Mapa Sonoro de Cusco*, Equador, com registros do arquivo *Qapariy*¹⁶, o *Mapa Sonoro Xeno-Canto*, dedicado a compartilhar sons de aves de todo o mundo¹⁷, dentre outros¹⁸.

Segundo Bas, “*los mapas sonoros funcionan como plataforma de reproducción de sonidos y de escucha especializada en referirlos, relacionarse o interactuar con algún tipo de representación visual de espacios físicos, de territorios*” (BAS, 2019, s/p), isso porque as cartografias sonoras postas em formato de mapas nos auxiliam a visualizar exatamente de que parte do mundo foi gravado aquele determinado som, colaborando para a compreensão das especificidades de seu entorno sonoro. Dito isso, parte do anarquivo sonoro construído a partir dessa pesquisa pode ser escutado em dois mapas: no *Mapa Sonoro Ganar la Calle*¹⁹ - em específico nos pontos laranjas - criado de forma coletiva em 2022, em parceria com Alfonsina Tolosa, Ana Laura Romero, Federico Urdi, Mathias Romero e Alfredo Santillan, sob coordenação de Pablo Bas, com sonoridades gravadas na Argentina, Chile, Equador, Paraguai e Brasil, tendo como enfoque os entornos sonoros urbanos que emergem a partir de práticas populares; e também no mapa sonoro *Sonoridades Fronterizas*, criado como um dos produtos desta investigação. Neste segundo mapa, compartilhamos os registros sonoros que serão analisados no quarto capítulo dessa dissertação, onde as colorações dos pontos correspondem a eixos temáticos, que chamaremos aqui de camadas, e que serão devidamente explicadas no próximo capítulo referido.

Contudo, é válido mencionar que ambos mapas se retroalimentam, visto que enquanto estávamos no processo de criação e gravação dos registros sonoros do mapa sonoro *Ganar la Calle*, estávamos em pleno trabalho de campo desta investigação, e,

¹³ O Mapa Sonoro de la Comarca Andina funciona a partir da metodologia colaborativa, e podem enviar gravações qualquer pessoa que esteja na região dos Andes. O passo a passo de como enviar um registro está disponível em: <https://transitsonoro.com.ar/MAPA-SONORO-DE-LA-COMARCA-ANDINA/>. Último acesso em 03/08/2022.

¹⁴ Disponível em: https://www.icesi.edu.co/cali_paisaje_sonoro/. Último acesso em 03/08/2022.

¹⁵ Disponível em: <http://proyectosonec.org/mapa-sonoro-de-valparaiso/>. Último acesso em 03/08/2022.

¹⁶ O arquivo Qapariy é produzido pelo músico e investigador cusquenho Élder Olave. Disponível em: <https://mapasonorodecusco.com/info/>. Último acesso em 03/08/2022.

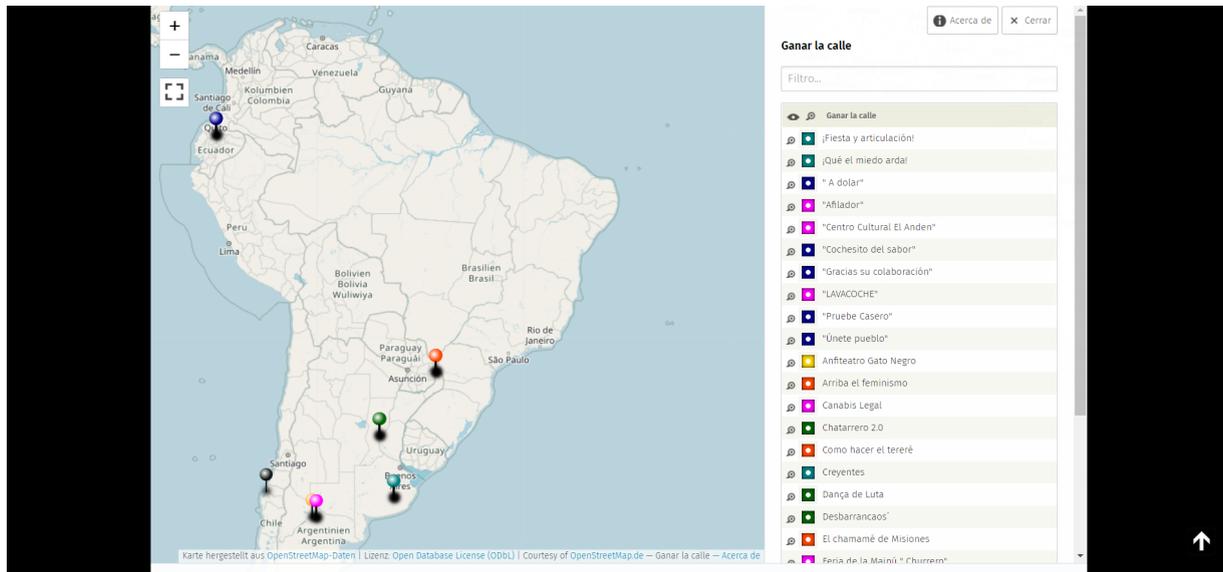
¹⁷ Disponível em: <https://xeno-canto.org/>. Último acesso em 03/08/2022.

¹⁸ O apêndice B desta dissertação contém uma lista de mapas sonoros que referenciam este trabalho, baseada na lista produzida pelo *Archivo Usted no está aquí*, acesso em archivoustednoesta aqui.org, e também nos levantamentos feitos para o estado da arte dessa investigação.

¹⁹ O mapa sonoro *Ganar la Calle* foi criado a partir do marco do *Taller de Grabaciones de Campo y Mapas Sonoros*, edição do primeiro semestre de 2022, ministrado pelo pesquisador Pablo Bas. O pode ser acessado em <https://pablobas.com.ar/mapas-sonoros/ganar-la-calle/>.

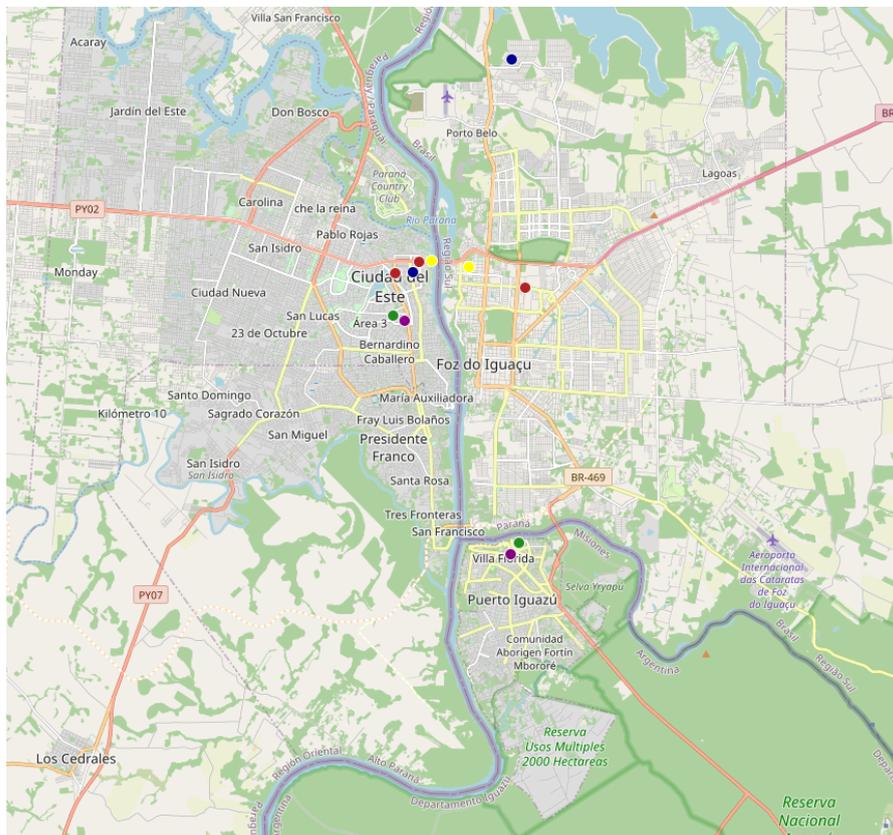
desse modo, recebia e colocava em prática contribuições técnicas e epistemológicas levantadas pelos companheiros citados acima para aperfeiçoar minhas caminhadas sonoras, gravações e reflexões sobre as heterogeneidades e similitudes das sonoridades no contexto latinoamericano.

Figura 2 - Mapa Sonoro *Ganar la Calle*



Fonte: <https://pablobas.com.ar/mapas-sonoros/ganar-la-calle/>.

Figura 3 - Mapa Sonoridades Fronterizas



Fonte:

https://umap.openstreetmap.fr/pt-br/map/sonoridades-fronterizas_794606?scaleControl=false&miniMap=false&scrollWheelZoom=false&zoomControl=true&editMode=disabled&moreControl=true&searchControl=null&tilelayersControl=null&embedControl=null&datalayersControl=true&onLoadPanel=undefined&captionBar=false&captionMenus=true%22%3E%3C/iframe%3E%3Cp%3E%3Ca%20href=%22//umap.openstreetmap.fr/pt-br/map/sonoridades-fronterizas_794606?scaleControl=false&miniMap=false&scrollWheelZoom=true&zoomControl=true&editMode=disabled&moreControl=true&searchControl=null&tilelayersControl=null&embedControl=null&datalayersControl=true&onLoadPanel=undefined&captionBar=false&captionMenus=true#12/-25.5038/-54.6292.

Apresentadas as reflexões teóricas e as ferramentas metodológicas adotadas desde nosso caminho de pesquisa, no capítulo seguinte nos debruçaremos sobre o desenrolar do trabalho de campo na Tríplice Fronteira, onde a rua foi o palco principal. Nele, abordaremos uma breve contextualização histórica da região, a fim de localizar sócio-historicamente a leitora ou o leitor, bem como também serão esmiuçadas as técnicas utilizadas em cada fase de trabalho com os registros sonoros.

3. PERCORRER LA CIUDAD CON OÍDOS ATENTOS

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes - a arte de *flanar*. É fatigante o exercício? (RIO, 1995, p. 33)

Para o poeta brasileiro João do Rio, neologista do cotidiano²⁰, *flanar* é um verbo universal que não se encontra em nenhum dicionário e não pertence a uma só língua. “Que significa *flanar*?”, questiona-se. “*Flanar* é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. *Flanar* é ir por aí, de manhã, de dia, à noite (...)” (RIO, 1995, p. 33), inicia sua resposta. Assim, *flanar* seria uma prática vinculada ao ato de estar na rua, desvendando “modos de percorrer” a cidade, de habitar, caminhar, vender, cozinhar, pechinchar, atravessar uma ponte, reconhecer as esquinas, ao mesmo tempo que, como o poeta nos alerta, tal ato também requer reflexões, questionamentos e compreensões sobre a rua e o que dela vêm, sendo que desde ali se comunicam as práticas sociais e as relação do passado-presente com as utopias futuras.

E as ruas são múltiplas, diversas, semelhantes, inconfundíveis, estreitas, largas, onde acontecem os encontros e os desencontros. Na rua circulam as memórias dos primeiros e dos últimos que ali estiveram, se ocupando em ser palco das lembranças benquistas e esquecidas, de ser a fonte de renda de muitos, de ser espaço de lazer, de reivindicações coletivas, dos murmurinhos e especulações populares, do vai e vem das rotinas cotidianas, da globalização pulsante, sendo ela um espaço - desde a perspectiva de Santos sobre as horizontalidade - de constante criação e reinvenções contínuas, pois, como coloca João do Rio, “a rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros” (1995, p. 18). Neste sentido, a rua é o palco, transversal e coletivo, de onde partimos para a construção dessa cartografia sonora.

Por certo, percorrer as ruas da Tríplice Fronteira com o objetivo da escuta foi um convite a céu aberto para mergulhar nas sonoridades latino-americanas, visto que engloba três países diferentes - Paraguai, Argentina e Brasil -, manejando táticas de

²⁰ Em *A Alma Encantada das Ruas* (2006), João do Rio explora as poéticas relacionadas ao espaço comum desse ambiente urbano em seu sentido fluido e complexo. Para isso, apresenta as multiplicidades de experiências desse espaço, da memória, urbanismo e ocupação popular.

comunicações com três línguas diferentes - espanhol, guarani e português ⁻²¹, com especificidades de jurisprudência, desenrolares históricos, demandas sociais, vetores econômicos e culturais, mas que, ao mesmo tempo, nos apontam para congruências conjunturais, algumas justas e outras nem tanto, em relação à seus entornos sonoros.

Com alto grau de intensidade, articulação e circularidades sonoras, os habitantes de Ciudad del Este, Puerto Iguazú e Foz do Iguazu manejam o convívio das diferentes culturas locais com o intenso fluxo de turistas, visto que as três cidades projetam sua economia no turismo, sendo a própria fronteira e sua natureza o principal atrativo. Juntamente a esse intenso fluxo de turistas, a demografia da região também tem sido alterada com o fluxo migratório, sobretudo por estudantes de outros países e trabalhadores que migram em busca de emprego - principalmente para trabalhar no comércio na Zona Franca de Ciudad del Este, no setor hoteleiro da região, com acentuado enfoque de migração nas décadas de 1970 e 1980, com a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional.

Para iniciarmos essa conversa sobre a Tríplice Fronteira, nos tópicos seguintes abordo os contextos e conjunturas que dão sentido a essa intensa circularidade no entorno sonoro da região, com uma breve nota sobre a história da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina - onde se localiza, os processos de litígio e demarcação nacional, as ocupações urbanas e sua espetacularização midiática -, para em seguida compreender a aplicação de trabalho de campo neste contexto exposto, o qual dividimos em três fases: pré-campo, campo e pós-campo, ou seja, desde a chegada na fronteira, a escolha do equipamento de gravação, o reconhecimento do lugar, mapeamento de espaços e situações a serem gravadas, o trabalho de campo, as caminhadas e gravações sonoras, a escuta dos registros produzidos, as catalogações dos áudios, decupagens e processos de compartilhamento das fontes.

3.1 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA TRÍPLICE FRONTEIRA

Nas margens da encruzilhada entre os rios Paraná e Iguazú estão Paraguai, Brasil, e Argentina. A densa história das relações entre os três países é marcada por violentos conflitos, acordos assinados e fluxos socioeconômicos. Pontos estratégicos para os três países, as cidades fronteiriças Puerto Iguazú, na Argentina, Ciudad del Este, no Paraguai e Foz do Iguazu, Brasil, entram nessa pesquisa como uma porta de entrada e saída para

²¹ No caso das línguas oficiais, português é a língua oficial do Brasil, enquanto que o espanhol está na Argentina e Paraguai, que no caso deste último, também está o guarani.

diferentes questionamentos. Meu primeiro conhecimento sobre esse lugar foi ainda menina, vendo pela televisão os noticiários que representavam ora um comercial de famílias felizes, ora uma série de ação. Influenciados por essa espetacularização (SODRÉ, 2017) midiática, o que comumente se escuta circulando no imaginário social²² é a palavra *fronteira* como sinônimo de contrabando, ilegalidade e caos. Portanto, seria a fronteira o lugar das ilegalidades? O que esta espetacularização midiática estaria camuflando? Como os moradores dessa região convivem e são influenciados por essa estigmatização?

À vista dessas questões, o problema da espetacularização nos foi alertado pelo sociólogo brasileiro Muniz Sodré, em seu texto *A cultura como crise* (2017), quando se trata dessa espetacularização na cultura: esta se converte em uma “festa” permanente, movida exclusivamente pela economia, o que ele chama de “festocracia” empresarial (SODRÉ, 2017, p. 18), camuflando as práticas cotidianas e dando um objetivo, também exclusivamente econômico e vertical (SANTOS, 2000), para o território. A espetacularização na Tríplice Fronteira acontece, pelo menos, de duas formas: um megaevento turístico (SODRÉ, 2015), com um circuito pré-definido que engloba as três cidades fronteiriças, circuito que inclui as Cataratas do Iguaçu tanto do lado brasileiro como do argentino, a Zona Franca de Ciudad del Este, a culinária argentina, as Pontes da Amizade e a Tancredo Neves, a Itaipu Binacional, a rede hoteleira, os Marcos das Três Fronteiras, dentre outras atrações. Segundo a Pesquisa de Tráfego e Perfil de Turistas na Tríplice Fronteira, realizado entre os dias 24 e 27 de novembro de 2021 pelo Centro Universitário UDC de Foz do Iguaçu, a Ponte da Amizade, que liga Ciudad del Este a Foz do Iguaçu, registrou a circulação de aproximadamente 83,4 mil pessoas, sendo 33% por motivo de compra. Já a Ponte Tancredo Neves, entre Puerto Iguazu e Foz do Iguaçu, a pesquisa aponta aproximadamente 4,6 mil veículos por dia²³, dados que nos mostram quantitativamente a magnitude deste megaevento.

A segunda forma dessa espetacularização sobre a região é a violência. Já na década de 1960 se gestava a ideia da Tríplice Fronteira - mais especificamente a região leste do Paraguai, onde está Ciudad del Este - como um possível “centro de contrabando em larga escala para o Brasil” (CERVO, 2021 apud SILVA; CASTRO, 2021, p. 19), com

²² E aqui falo desde a perspectiva de uma brasileira.

²³Fonte:

<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/04/06/ponte-da-amizade-tem-movimento-diario-de-aproximadamente-412-mil-veiculos-aponta-estudo.ghtml>

alertas emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores brasileiro (SILVA, 2021, p. 19)²⁴. Desde então, a exploração midiática e a circulação de centenas de informações que estimulam a ideia da fronteira como espaço de perigo é vinculado e associado cotidianamente, potencializada sobretudo após o 11 de setembro de 2001, “quando a região foi amplamente explorada pela grande mídia dos Estados Unidos, especialmente em matérias sensacionalistas de veículos como *New York Times*, *Los Angeles Time*, *New Yorker*, *CNN* e *CBS News*” (SILVA, 2022, p. 64), violências relacionadas não só à integridade física e material de uma pessoa, mas também da própria representação de Estado-nação hegemônico e soberano.

Há de se levar em conta que a ideia de fronteira, como a vivenciamos hoje, são as linhas limítrofes entre Estados nacionais, ou seja, o limite entre dois ou mais países. Tal lógica se alastrou pela América Latina ainda nos séculos XVI e XVII, quando se constituiu aqui o sistema de Estados-nação modernos (GIMENEZ; LISBOA, 2021). Isso significa que esse fenômeno de fronteirização como linha limite se iniciou em terras latino-americanas através da invasão européia, a fim de fazer a “partilha” do território e assegurar o domínio sobre a região, através de acordos assinados em mesas europeias, como o Tratado de Tordesilhas (1494) e posteriormente o Tratado de Madrid (1750).

No caso da fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil, Gimenez e Lisboa (2021) asseguram que suas linhas limítrofes foram traçadas ao final do século XIX (IDEM, p. 35), quando a questão da soberania territorial passou a aparecer como fator político elementar, e a ideia de fronteira absolutista adotou também características burocráticas e liberais, necessitando determinar a área de jurisdição de cada Estado. Por certo, a historiografia nos mostra que a sangrenta guerra Guasú, ou guerra da Tríplice Aliança como popularmente conhecida²⁵, tem papel fundamental nessa divisão, visto que, segundo os pesquisadores citados, entre Paraguai e Brasil “houve uma série de tratados e negociações nos anos 1850 que definiram a fronteira como sendo o rio Paraná” (IDEM,

²⁴ Nesta mesma época em que o alerta fora emitido, tanto Brasil como Paraguai viviam em uma ditadura. No Brasil, uma ditadura militar-empresarial, que durou de 1964 a 1986, já no Paraguai a ditadura de Alfredo Stroessner, do partido Colorado, de 1954 até 1989, a mais longa da história da América Latina. Uma década depois, em 1976, o golpe militar foi dado na Argentina.

²⁵ A guerra envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai contra Paraguai se estendeu do período de 1864 a 1870, deixando milhares de mortos e uma ferida histórica aberta na região. Para mais informações, acessar: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. — São Paulo : Companhia das Letras, 1998 e BARATTA, María Victoria. *La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina*. *Hist. Historiogr. Ouro Preto* - n. 14 - . 2014, p. 98-115.

p. 37), mas que, após a guerra, novos tratados foram firmados - referindo-se aos litígios onde hoje é o estado brasileiro do Mato Grosso²⁶.

Já entre Brasil e Argentina, a situação se definiu através de tratados após a Questão de Palmas, onde a Argentina reivindicava a região das Missões, no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. A sentença da disputa esteve a cargo do então presidente dos EUA, Grover Cleveland, que decidiu a favor do Brasil (IDEM, p. 38), estabelecendo o rio Iguazú como divisa; já entre Argentina e Paraguai a questão da fronteira se definiu no pós-guerra Guasú, separando-se também pelas margens do rio Paraná. Nestes casos, nota-se que as fronteiras foram estabelecidas em rios, elementos naturais. Sobre isso, os autores comentam

(...) o conceito de fronteira natural surge junto com o Estado-Nação moderno, na evolução da cartografia no período renascentista, e que seus quadros geográficos, expressos em linhas nos mapas, foram construídos por teóricos e diplomatas sem consultar os povos localizados nesses lugares. (GIMENEZ; LISBOA, 2021, p. 39)

Isso porque a organização territorial dos povos que vivem nessa região desde antes da colonização, como os Mbyá Guarani, Avá Guarani, Kaiowá Guarani, Kadiwéu, era outra. Mas o que prevaleceu dentro da estrutura racista do sistema de Estados-Nações foi a ideia de “território vazio”, inviabilizando toda a trajetória ancestral da relação desses povos com o território, empreendendo iniciativas de povoamento que garantisse as atividades econômicas e sociais ligadas ao Estado (IDEM, p. 43), estabelecendo assim uma política de institucionalização do território e um processo de urbanização homogeneizante. Exemplo disso é a colônia militar em Foz do Iguaçu, fundada em 1889, vinte anos após o fim da guerra Guasú, modelo que também foi cogitado pela Argentina, mas que viria a ter ação semelhante de colonização apenas em 1934, com a criação do Parque Nacional Iguazú (SILVA, 2022, p. 27). Também o sentido da “marcha ao leste” encabeçada durante os anos 1950 pelo ditador paraguaio Alfredo Stroessner, que incentivou a ocupação dessa região leste do país, doando milhares de hectares de terras aos seus aliados do Partido Colorado e militares, que posteriormente vendiam para colonos e latifundiários da soja brasileiros²⁷, iniciando um fenômeno social

²⁶ Os tratados assinados no pós-guerra não incluem a região do Paraná, que já fazia parte da jurisprudência brasileira.

²⁷ Sobre a “marcha ao leste” e suas continuidades, o Observatório aponta que a Comissão da Verdade e Justiça paraguaia examinou mais de 200 mil títulos de propriedades rurais outorgados entre 1954 e 2003, ou seja, há uma expressiva continuidade de ocupação dessas terras por parte de latifundiários, que pode ser vista sem muito esforço nas margens das estradas que contornam a região.

que ficou conhecido como brasiguaios. Segundo a série de reportagens De Olho no Paraguai²⁸, realizadas pelo Observatório do Agronegócio do Brasil,

Ao seletos clubes de amigos do ditador foram outorgados mais de 6 milhões de hectares. Uma média de 4600 hectares por pessoa. Muitos deles eram militares e dirigentes do Partido Colorado, que venderam suas propriedades a colonos latifundiários brasileiros, fazendo fortuna com as quais não tiveram praticamente nenhum gasto. (BASSI, Bruno Stankevicius. Ditadura de Stroessner marcou ofensiva brasileira por terras. De Olho nos Ruralistas, 2017)

Stroessner pretendia traçar uma política econômica de modernização conservadora da agricultura e pôs em prática com a monocultura da soja - visto que até então o país baseava sua lógica econômica na extração de erva-mate (SILVA, 2022, p. 26) - já em voga na região brasileira da fronteira. Fator decisivo nessa relação política-econômica entre Brasil e Paraguai contemporânea foi a construção, durante as décadas de 1950 e 1960, da rodovia que liga Asunción, capital paraguaia, ao porto de Paranaguá, no litoral paranaense brasileiro. Segundo o Observatório citado acima, fora assinado um contrato entre ambos os países para instalar um terminal de grãos - majoritariamente de escoamento de soja - controlado pela Administración Nacional de Navegación y Puertos del Paraguay (ANNP) neste porto brasileiro, com o objetivo de transferir para o Brasil parte do escoamento de soja paraguaia, antes 90% feito em portos argentinos (BASSI, 2017). Desta infraestrutura rodoviária surgiu a Ponte da Amizade, como principal meio de ligação para o escoamento de produtos paraguaios pelo mar.

Contudo, a demografia da região sofreria impacto definitivo a partir de outro fator determinante para essa demarcação das atividades econômicas e sociais ligadas ao Estado-nação e suas estratégias de povoamento na fronteira: a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, dando o título à região de “fronteira energética” (SILVA, 2022, p. 45). O Tratado de Itaipu, assinado em 1973 pelos então presidentes-ditadores Alfredo Stroessner e Emílio Médici, deu origem à construção da hidrelétrica que impactou diretamente o território, as migrações e a consolidação da região dentro do contexto geopolítico. Por certo, a possibilidade do aproveitamento hídrico do rio Paraná - oitavo maior rio do mundo, percorrendo Bolívia, sul do Brasil, Paraguai e desembocando sua foz na Argentina, compondo o Aquífero Guaraní e a Bacia do Prata - já estava sendo estudado desde a década de 1960, como uma forma de apaziguamento dos litígios

²⁸ Acesso das reportagens em: <https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/>. Último acesso de 01/09/2023.

fronteiriços entre os países. Tais estudos começaram na região dos Saltos das Sete Quedas²⁹, entre os municípios de Guaíra/BR e Saltos del Guairá/PY - e avançaram até onde onde foi instalada a hidrelétrica, entre Foz do Iguaçu e Hernandarias/PY, ponto do rio em que os pesquisadores da IECO-ELC, empresa italiana contratada para fazer os estudos, consideraram o melhor para construir o empreendimento, devido à geologia do leito do rio.

As consequências dessa construção - que também faz parte do megaevento turístico fronteiriço - foram exponenciais e dolorosas para região, desde a inundação dos Saltos das Setes Quedas e dos territórios ribeirinhos para a construção do lago da represa, acarretando a expulsão, invisibilização e desterritorialização de indígenas e camponeses que viviam nesses locais, como também um forte fluxo migratório em massa de brasileiros e paraguaios, de diferentes partes dos países, para trabalhar na construção da barragem da usina. Em linhas gerais, para termos uma ideia desse impacto no e sobre o território da fronteira a partir da construção da Itaipu Binacional, o historiador Micael Silva, em seu livro *Breve História da Tríplice Fronteira* (2022), aponta que durante o “pico da obra”, entre 1978 e 1980, havia 40 mil pessoas trabalhando na construção da barragem da hidrelétrica e, acompanhando esses trabalhadores, também migravam suas famílias. Segundo o historiador, “em 1970, havia 76.733 pessoas em toda a Tríplice Fronteira. Em 1980 eram 249.250; e, em 1990, 466.054. Em três décadas, praticamente havia quase meio milhão de pessoas no espaço onde, em 1950, existiam por volta de 4.000” (SILVA, 2022, p. 47), números que nos mostram o exponencial crescimento populacional da região durante as décadas auge de construção da usina³⁰.

Concomitantemente, eram construídas vilas habitacionais, hospitais e escolas para, minimamente, subsidiar a vinda e estadia desses homens e mulheres que migraram em massa para trabalharem nos setores da construção civil, comércio e serviços da região, processo relacionado ao êxodo rural acentuado durante meados e final do século XX³¹. Neste sentido, nota-se que a construção da usina hidrelétrica corroborou diretamente para o processo de crescimento demográfico e urbanização da fronteira,

²⁹ Onde até então se localizavam quatorze quedas.

³⁰ Segundo o historiador citado, o lado paraguaio da fronteira, que até 1940 se resumia a “quinze casas”, passou a reunir a partir da década de 1990, a maior população da região (SILVA, 2022, p. 47).

³¹ Mesmo caso de êxodo rural de pessoas que migravam para trabalhar em projetos monumentais do Estado ocorreu durante a construção de Brasília, em 1954, e da rodovia Transamazônica, que ligaria o Nordeste do Brasil ao Peru e Equador, obra iniciada em 1974, também pelo presidente-ditador Emílio Médici, e nunca finalizada.

onde “grandes bosques [de Mata Atlântica] foram transformados em 11 conjuntos habitacionais nos dois lados da fronteira” (IDEM, p. 49). Sobre isso, Silva comenta que

O projeto moldou a região da Tríplice Fronteira por meio de obras (construção das vilas e da própria usina) e da sua capacidade de atrair novas pessoas. Os dois lados brasileiro e paraguaio foram praticamente construídos, e o lado argentino foi influenciado indiretamente. (SILVA, 2022, p. 48)

Como aponta o autor, a construção da hidrelétrica não impactou apenas os dois países em acordo, como também se estendeu à vizinha Argentina, que por estar na jusante do rio e também usá-lo para navegação, demonstrou sua preocupação desde o início do acordo de construção, alegando que sairia prejudicada no aproveitamento do rio Paraná (BARROS, 2021, p. 51) e valendo-se de argumentos de impactos ambientais. Segundo Barros (2021), “para evitar isso, [a Argentina] convocou todos os Estados ribeirinhos da Bacia do Prata para uma reunião que passaria a ocorrer anualmente”, onde os desejos de uma integração econômica, principalmente entre o Brasil e Argentina “foram relevantes para o Acordo Tripartite de 1979³² que foi o desfecho do impasse e iniciou um processo que culminou na criação no Mercosul, em 1991, e possibilitaria nas décadas seguintes avanços na dinâmica política e hidroenergética da Bacia do Prata” (IDEM, p. 51). Com isso, destaca-se um protagonismo da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina e de seus implantados empreendimentos político-econômicos frente aos projetos liberais de integração da região, como é o caso do próprio Mercosul³³.

A partir dessa sucinta narrativa não-linear da história da Tríplice Fronteira, retornamos à pergunta de onde partimos: o que esta espetacularização estaria camuflando?

Aludindo a Michel de Certeau, em seu livro *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer* (1980), a ideia de “cidade-panorama” seria como “um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (CERTEAU, 2014, p. 171), sendo ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da

³² Segundo Eliseo Rosa, os pontos básicos do Acordo Tripartite foram: “O nível da água acima de Corpus e abaixo de Itaipu deve estar 105 metros acima do nível do mar; (2) Itaipu será operada pelo Brasil e Paraguai de tal forma que a movimentação da embarcação variará dentro de dois parâmetros mutuamente essenciais para permitir a navegação normal para o Rio Paraná; (3) Itaipu operará com dez turbinas de setecentos megawatts cada; (4) durante o preenchimento do reservatório de Itaipu, as informações serão compartilhadas entre todas as partes e o Brasil garantirá um nível de água satisfatório no momento certo, liberando água suficiente de sua barragem no Rio Iguazu; (5) Os três países cooperarão para preservar o equilíbrio ecológico e a qualidade ambiental das áreas de influência das hidrelétricas.” (ROSA, 1983, p.96, apud BARROS, 2021, p.66).”

³³ O Mercado Comum do Sul, ou MERCOSUL, é uma organização intergovernamental, fundada em 1991 pelos países que compõem a Bacia do Prata, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil - com exceção da Bolívia -, com o objetivo da criação de uma bloco regional de cooperação econômica.

modernidade (IDEM, p. 174). Quando observada de cima, os vultos se entrelaçam em meio a uma onda vertical de prédios - e neste caso, de uma megaconstrução hidrelétrica -, camuflando rostos, vozes e percepções de mundo, em uma imposta “mobilidade opaca e cega da cidade habitada” (IBIDEM, p. 159). Existe, assim, um paradigma em voga: a cidade-panorama, vista desde cima, coordenada por mãos poderosas e capitalizadas, e a cidade vista de baixo, vivenciada nos encontros e desencontros, por seus praticantes e habitantes.

Essa complexa história de litígios, tratados e ocupações demográficas acarretou significativas influências na organização territorial e no modo de vida e subsistência dos habitantes da fronteira, para além da opacidade das cidades-panoramas e das cifras numéricas. A fim de compreender o que está por trás dessa camuflagem e adentrar nas redes tecidas a partir desse encontro entre o rio Paraná e o Iguazú, nossa cartografia contou com uma insistente prática *flâneur* pela fronteira, registrando e produzindo fontes sonoras que possam nos apresentar uma dimensão ampla de seu entorno e as consequências cotidianas dos desenrolares históricos sucintamente apresentados aqui. Contudo, antes de adentrarmos na cartografia feita a partir de registros sonoros, nos subtópicos seguintes apresento o passo a passo de sua construção, desde minha inserção no trabalho de campo ao trabalho com os registros. O motivo de explicitar o passo a passo desta pesquisa advém tanto da colaboração sobre a descrição e prática em campo dos métodos das investigações sonoras, bem como para apresentar desde já as decisões e espaços que percorremos no trabalho de campo.

3.2 PRÉ-CAMPO - ENTRE LEVANTAMENTO E ESCOLHAS

Diante da complexidade territorial, formação e câmbios demográficos na Tríplice Fronteira e seus aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais, foi necessário fazer escolhas prévias ao campo, frente ao que e como este seria registrado. Neste pré-campo, o primeiro passo dado foi exatamente o levantamento das referências bibliográficas apresentadas acima, que nos forneceram uma base conceitual - paisagem sonora, sonoridades, entorno sonoro, giro aural, verticalidades e horizontalidades, espaço-banal, colonialidade sonora, paisagem sonora orgânica e regime colonial de la sonoridad - como também as possibilidades interdisciplinares e metodológicas para colaboração com a rede dos Estudos Sonoros Latino-Americanos - histórias e fontes alternativas, etnografia de rua, caminhadas sonoras, gravação de áudio e registros

sonoros.

A partir do entendimento das sonoridades como lugar de conhecimento e o entorno sonoro como um espaço vivido, cheio de contradições e disputas, posteriormente aos levantamentos bibliográficos foi a vez de construir o que Barroso, Bexiga, Carvalho da Rocha (2010) chamaram de *sinopse*, isto é, a escolha de um objeto, que para as pesquisadoras do BIEV, “se relaciona ao tema pelo seu viés conceitual e nos faz pensar as expressões sonoras para além de sua causalidade” (2010, p. 9), ou seja, para além da emissão de sons em um sentido orgânico e causal, quais as sonoridades que seriam captadas para responder a questão do que se camufla por trás da espetacularização sobre a fronteira. Sendo assim, nosso objeto se tornou: as expressões sonoras das táticas populares de ocupação dos espaços públicos, ou seja, vendedores de rua, manifestações políticas, momentos de lazer, lugares de trabalho e bairros descentralizados. Dessa forma, o ponto focal não seria um objeto específico, mas diferentes objetos que nos auxiliassem a construir uma noção ampla das formas de ocupação fronteiriças.

Em seguida, foi a vez de escolher o contexto de onde essas gravações seriam feitas, ou seja, os recortes/escolhas de quais lugares pretendia percorrer que nos dessem pistas sobre nossa questão da pesquisa. Para isso, optamos por fazer o campo majoritariamente na rua, a céu aberto, entendendo que esta, de acordo com as palavras de João do Rio, “sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso, é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas” (1995, p. 22), não em um sentido romântico de espaço democrático e igualitário, mas sim de escancarar as hierarquias das relações e ser palco das ações coletivas. Essa escolha tampouco significaria a impossibilidade de registrar contextos não-públicos, coisa que viria a acontecer durante o trabalho de campo³⁴.

³⁴ Por não-públicos entende-se como lugares onde as pessoas precisam pagar para entrar, como o Estádio Antonio Oddone Sarubbi, em Ciudad del Este, o que não significa que são espaços privados, pois são gerenciados pelo poder público.

Quadro 1 - Condições de pré-roteiro da pesquisa

Quando a rua soa, o cotidiano é palco: Estudos Sonoros Latinoamericanos e narrativas de fronteira	
Objetivo de pesquisa	Mapeamento cartográfico do entorno sonoro fronteiriço
Sinopse/objeto	Sons de táticas populares de ocupação do espaço urbano
Contexto	Tríplice fronteira Paraguai-Brasil-Argentina: rua e espaços públicos

A partir desses levantamentos e recortes, seguimos para a construção do roteiro pré-campo, que neste caso diz mais a respeito sobre a forma da investigadora estar no campo do que das sequências sonoras, pois implica em como e onde estar, tendo um gravador em mãos e mediando a própria intencionalidade de captação dos sons e, por conseguinte, as formas como as demais pessoas também estão na rua. Sendo assim, a primeira ação proposta no pré-roteiro foi percorrer a Tríplice Fronteira sem o gravador, para a observação, reconhecimento e mapeamento do que registrar. Nesta conjuntura, percorrer também significa mapear as ações futuras que iriam ocorrer, como manifestações e ações culturais, coisa que as redes sociais muito nos auxiliaram.

Em conseguinte, partiríamos para as caminhadas sonoras, saindo de um ponto específico e estratégico mapeado de acordo com a finalidade de gravação daquele campo, como por exemplo a saída da aduana paraguaia para percorrer o microcentro de Ciudad del Este, a saída da movimentada ruta 2 para ingressar no silencioso bairro Virgem Fátima, ou o ponto de encontro na praça atrás da Biblioteca Municipal de Ciudad del Este para sair em marcha coletiva, feminista e sonora. Durante as caminhadas, também contávamos com possibilidade de gravação em pontos fixos, ou seja, pararmos diante de uma situação específica de emissão sonora para gravá-las, o que aconteceu por exemplo no registro do carro de som do vendedor de ovos, na Vila C em Foz do Iguaçu. A gravação em ponto fixo variaria de acordo com as circunstâncias apresentadas durante as caminhadas sonoras. Também prevíamos em nosso roteiro a possibilidade de gravação de entrevistas que poderiam nos auxiliar na compreensão de uma dada situação, o que ocorreu principalmente durante manifestações e com pessoas que se abriram a falar durante as conversas que, inevitavelmente, aconteciam durante as caminhadas³⁵.

³⁵ Embora não estivéssemos partindo da metodologia da história oral, bebemos de sua fonte através de entrevistas semi-estruturadas e temáticas, que serão explicadas durante o capítulo seguinte. Porém, como

Quadro 2 - Pré-roteiro da pesquisa, produzido pós caminhadas sem o microfone

Pesquisadora responsável	Viktória Tupini Pereira		
Equipamentos técnicos	- Microfone estéreo H1N; - computador; - equipamento de armazenamento de arquivos portátil (HD externo)		
Pontos focais das caminhadas sonoras	Ciudad del Este: - Zona Franca; - Bairros afastados; - Aglomerações em espaço público	Foz do Iguaçu: - Saída da Ponte da Amizade; - Bairros afastados; - Aglomerações em espaço público	Puerto Iguazú: - Feira; - Praça San Martín; - Bairros afastados

Em relação a estar no campo portando um gravador, nossa premissa foi que este estivesse sempre visível e à mostra, assumindo a condição de trabalho de campo e gravação, passível de estranhamentos e questionamentos sobre aquele objeto que, para nossa grata surpresa, não se mostrou um empecilho, pelo contrário, em boa parte do trabalho de campo motivou curiosidades e interações para com a pesquisa³⁶.

Com essas diretrizes de pré-campo esquematizadas, foi a vez de partirmos para a ação da pesquisa, ou seja, para o trabalho de campo. É válido mencionar que para cada trabalho de campo eram pensados pré-roteiros específicos, mas que seguiam a lógica do que apontamos aqui, e que, por sua vez, o corpus desses pré-roteiros eram semi-estruturados, visto a condição temporal e volátil das expressões e fenômenos sonoros, em especial no âmbito da rua.

3.3 CAMPO - FLANANDO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

A partir do pré-roteiro exposto acima, o trabalho de campo se iniciou em agosto de 2021, quando me mudei do interior do Rio de Janeiro para Ciudad del Este, uma das três e a mais habitada cidade da Tríplice Fronteira Paraguai-Brasil-Argentina. O primeiro motivo da mudança foi a condição de ingresso no Programa de Pós-Graduação

nosso foco eram mais as sonoridades coletivas do que percepções individuais, recolhemos a permissão de uso desses registros na própria gravação. Nesse sentido, informo desde já que evitamos nomear, bem como optamos por mudar os nomes quando assim houver necessidade de comentá-los, como uma forma de preservar nossos entrevistados.

³⁶ Com exceção de um homem que estava em uma das manifestação que gravamos, que visivelmente estava se afastando no microfone. Neste caso, a saída adotada foi nos mantermos o mais longe possível dele, a fim de não incomodá-lo.

Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGIELA/UNILA), com sede em Foz do Iguaçu, o que em seguida se mostrou uma rica alternativa de pesquisa-sonora prática de caráter transnacional, que circulasse entre três países latino-americanos, pondo em questionamento a dualidade de investigação entre o regional *versus* global em seu âmago, bem como uma rica perspectiva de entorno sonoro e aplicação metodológica.

Incubida, assim, de realizar uma imersão auditiva por esses três diferentes contextos deste continente, começamos o processo cartográfico de registrar modos de habitar e estar na fronteira. A primeira cidade a qual caminhamos sonoramente foi Ciudad del Este, no departamento Alto Paraná, Paraguai. Nela, gravamos o *Hito Tres Fronteras*, onde está o marco oficial que delimita a fronteira; a Zona Franca com seus prédios em construção e os vendedores dos mais curiosos produtos; o Lago da República; os bairros Área 1, Che la Reina, Virgem de Fátima, e Pablo Rojas; o Estádio Antonio Oddone Sarubbi; e a Universidad Nacional del Este e seu entorno.

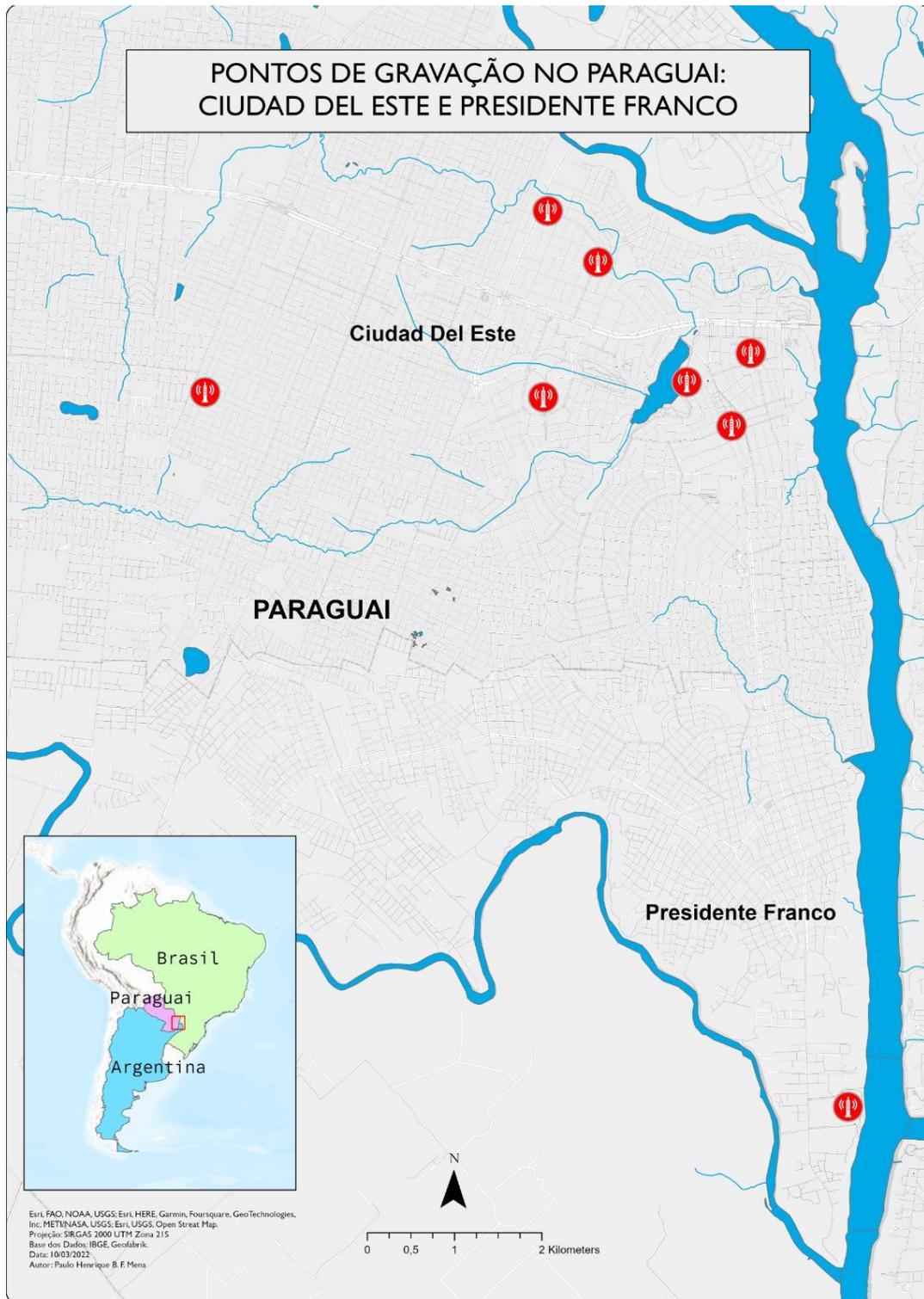


Figura 4 - Pontos de partida das caminhadas sonoras em Ciudad del Este/Paraguai
Fonte: MENA, 2023

Concomitantemente, também fazíamos as gravações em Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Na primeira, cidade do oeste do estado do Paraná, Brasil, as caminhadas sonoras foram feitas nos bairros Vila Portes, entre os transeuntes, o comércio e os mototaxistas; na Vila C com seus comércios e partidas de futebol amadoras mas que nada tem de esvaziadas; as manifestações culturais abrigadas na Biblioteca da Infância e Juventude Iguaçuense; e o centro da cidade.

Figura 5 - Pontos de partida das caminhadas sonoras em Foz do Iguaçu/Brasil



Fonte: MENA, 2023

Já em Puerto Iguazú, na província de Misiones, Argentina, foram feitas caminhadas e registros da feira turística da cidade e na Plaza San Martín, ponto de encontro cultural dos habitantes da cidade e nas ruas centrais da cidade misionera.

Figura 6 - Pontos de partida das caminhadas sonoras em Puerto Iguazú/Argentina.



Fonte: MENA, 2023

Nas imagens acima podemos visualizar geograficamente os pontos de onde partimos para as caminhadas sonoras. Tais pontos delimitam estaticamente o local de onde partimos para realizar as caminhadas sonoras, e a partir deles inúmeras sonoridades foram registradas. Assim, ao final do trabalho de campo, em novembro de 2022, nosso material contava com 233 registros sonoros, sendo eles: a Marcha do dia 8

de Março de 2022; a Feira Municipal de Ciudad del Este; o Hito das Três Fronteiras; a manifestação contra a subida do aumento dos combustíveis na Ponte da Amizade; shoppings em construção, circulação de transeuntes e vendedores na Zona Franca; as movimentações dos bairros citados; a Universidade Nacional del Este; o jogo de futebol e os arredores do Estádio Antonio Oddone Sarubbi; o concerto de Chamamé na Plaza San Martín; Feira de produtos nacionais argentinos; o desfile de 7 de Setembro, dia em que se rememora a independência institucional do Brasil; o trânsito e comércio do bairro Vila Portes; carro de som do vendedor de ovos e queijos; partida de futebol amador no bairro Vila C; aos passos e motores atravessando a Ponte da Amizade.

Entre sonoridades específicas e outras em contextos mais gerais, recolhemos as fontes que deram liga à construção de uma cartografia sonora da Tríplice Fronteira, embora tenhamos ciência de sua incompletude e que muitas outras sonoridades ainda faltam. Contudo, tínhamos um vasto material sonoro em mãos e assim passamos para a seguinte etapa, de escuta atenta dos registros e a necessidade de novos recortes e escolhas.

3.4 PÓS-CAMPO - ENTENDENDO O ANARQUIVO

A partir desses 233 registros sonoros, o pós-campo foi dedicado ao processo de audição e descrição das gravações. Para as sonoridades gravadas em contextos gerais e coletivos, decidimos por descrevê-las, como por exemplo “Barulho de motos passando lentamente” ou “Torcedores cantando ao som da bateria “Vamos Olímpia...”, já no caso de entrevistas, optamos pela técnica da transcrição. Para isso, utilizamos o método de decupagem³⁷ onde, em uma planilha, identificamos os registros com: título, número de série, tempo de duração da gravação, descrição do entorno sonoro e observações importantes e possibilidade para uso.

Quadro 3 - Modelo de decupagem. Autoria pessoal

Título da decupagem	Número do áudio	Tempo	Descrição	Observações	Usar

³⁷ As decupagens estão inseridas em Apêndice nesta dissertação.

Especificamente, o título da decupagem contém onde foram feitas as caminhada sonora e também o dia; em seguida o número de série do áudio, para identificarmos qual é aquele som no arquivo; o tempo de duração, constando os minutos e segundos³⁸; a descrição, detalhando as sonoridades que contém no referido registro, como conversas ao fundo, a transcrição da entrevista, os ruídos que podemos escutar; no campo das observações, se foi gravado durante uma caminhada, ponto fixo ou entrevista, além de informações sobre a qualidade do áudio; e no campo usar, se aquele áudio está em boa qualidade e entendível, ou até se caberia alguma edição³⁹.

Dessa forma, conseguimos ter um panorama geral das características sonoras e geográficas desse anarquivo e, com o auxílio das tabelas, não precisávamos retornar as audições com frequência para buscar uma gravação ou informação que queríamos. Salientamos também que as caminhadas sonoras e as decupagens foram feitas simultaneamente, ou seja, não separei um tempo para a caminhada e posteriormente a escuta de todo o material, mas sim já decupando-as com o objetivo de otimizar o tempo e de que os detalhes ainda estivessem frescos em minha memória, visto a impossibilidade de manter atualizado simultaneamente um caderno de campo durante uma caminhada/gravação na rua.

Na análise do panorama geral desse anarquivo destacam-se as condições plurais de emissores, expressões sonoras, conteúdos informados, contextos e características territoriais gravadas, bem como os variados tempos de duração dos áudios. Rico em pluralidade, mas que por vezes nos dificultaram em assumir recortes. Por esse motivo, na cartografia sonora que será apresentada no próximo capítulo, decidimos por selecionar alguns desses registros, com base em critérios comentados em seguida, e agrupá-los em quatro camadas - sendo eles ruas e vendedores; manifestações; festa; e reflexões sobre a fronteira -, tomando como referência a organização feita no projeto *Biblioteca de Sons do Sertão*⁴⁰, projeto que contém seus materiais sonoros analisados pela pesquisadora Camila Lima, na dissertação *Sonário do Sertão: Acervo e Memória de Experiências Sonoras (2019)*, onde a pesquisadora também os divide em quatro eixos⁴¹ e por localidade no sertão brasileiro.

³⁸ Em alguns casos, um só áudio pode ser recortado em vários tempos de acordo com a demanda de descrição das informações contidas.

³⁹ Principalmente os áudios que entraram nos Mapas Sonoros.

⁴⁰ Pode ser acessado em <https://sonariodosertao.com/>. Último acesso em 01/04/2023.

⁴¹ São eles: 1) Cotidiano; 2) Memórias e Narrativas; 3) Festas e Tradição; 4) Paisagem.

No caso desta investigação, dividimos as camadas prezando por uma circulação fronteiriça, nos valendo mais das finalidades sonoras e circunstâncias comuns do que precisamente por um agrupamento geográfico de acordo com o lado da fronteira em que o registro foi feito. Dito isso, no capítulo seguinte apresento tais camadas, bem como o corpus sonoro da cartografia, isto é, quantos e quais sons foram selecionados para posteriormente, enfim, mergulharmos na descrição e análise do nosso objetivo final da pesquisa.

4. CARTOGRAFIA SONORIDADES FRONTERIZAS

As ruas são de Exu, o morador das encruzilhadas, lugar em que não há fixidez. Mas Exu não mora só na encruza: ele tem a artimanha também de morar no som de um assovio ou nos desenhos de um surdo de terceira no meio da bateria de uma escola de samba. (SIMAS, Luiz Antonio, 2020, p. 25)

As táticas e formas de ocupação na Tríplice Fronteira criam um entorno sonoro contemporâneo tão particular quanto plural. Nas fontes que captamos durante o trabalho de campo são incontáveis os sotaques, os ruídos, as risadas, os chamamentos, as manifestações populares, bem como as informações que circulam tendo como cenário a encruzilhada dos rios Paraná e Iguazú e seus contornos, onde as sonoridades dão liga a um emaranhado contexto urbano dialético, ao mesmo tempo horizontais e vertical (SANTOS, 2000). Por certo, os registros captados durante as caminhadas sonoras em trabalho de campo nos possibilitaram mapear muitas dessas expressões e táticas. Sendo assim, este capítulo é dedicado ao objetivo final dessa pesquisa: a construção de uma cartografia sonora fronteiriça a partir dos registros sonoros captados, capaz de desmontar estigmas e recriar um imaginário social igualmente plural.

Para dar conta dessa cartografia sonora e ao mesmo tempo não deixá-la exaustiva, das 233 gravações que compõem nosso anarquivo selecionamos oito, que serão descritas e analisadas ao longo deste capítulo através de uma escrita-conto. Encontrei nessa forma de escrita uma viabilidade de aproximar a leitora e o leitor com as fontes e recriar a ambiência e texturas daquele entorno sonoro onde o registro foi feito. Contudo, também sugiro a escuta dessa cartografia nos mapas sonoros *Ganar la Calle* e *Sonoridades Fronterizas* - e na página *Sonoridades Fronterizas* no SoundCloud - pois, além de ser uma rica experiência de escuta situada, também é uma forma da leitora fazer sua própria análise.

Dentre diferentes possibilidades de recortes e temáticas, para dar corpo a esta cartografia decidi por agrupar esses oito registros selecionados em quatro camadas, isto é, quatro eixos temáticos. Tais camadas foram pensadas com base nos seguintes critérios: que as sonoridades registradas tivessem a mesma finalidade e/ou pano de fundo, por exemplo, o agrupamento de registros de pessoas comercializando alguma mercadoria, ou registros feitos em feiras; outro critério seria uma circulação pela fronteira, assim sonoridades tanto de Ciudad del Este, Foz do Iguazu como Puerto Iguazú estão presentes em pelo menos duas camadas; também que as sonoridades não tenham o

mesmo sentido simbólico, ou seja, que na camada *Festa* contenha diferentes formas de festejar ou que na camada *Vendedores de Rua* apresente distintas formas de comercializar na rua. Sendo assim, nossa cartografia ficou dividida da seguinte forma:

1) *Vendedores de rua*⁴², com a descrição das caminhadas sonoras na Zona Franca de Ciudad del Este, uma das maiores áreas de livre comércio do mundo; e em Foz do Iguaçu, com o registro do vendedor de ovos, vinhos e queijos que percorre com seu carro anunciando seus produtos, prática de comércio frequentemente utilizada no contexto latino-americano para vender diferentes produtos;

2) *Manifestações*⁴³, com registros captados durante a Marcha 8 de Marzo de 2022 em Ciudad del Este, encabeçada anualmente pelo coletivo feminista *Kuña Poty*; e a paralisação nacional dos transportistas paraguaios contra a subida do preço dos combustíveis, paralisação que fechou a Ponte da Amizade por quatro dias consecutivos, também em Ciudad del Este;

3) *Festa*⁴⁴, onde foram agrupados diferentes formas de festejar na Tríplice Fronteira, com as sonoridades da apresentação de *Chamamé* para o dia dos pais, em Puerto Iguazú; e a festa dos torcedores do Olímpia, popular time paraguaio, no Estádio Antonio Oddone Sarubbi, em Ciudad del Este;

4) *Reflexões sobre a fronteira*⁴⁵, onde dois moradores da fronteira compartilharam saberes e reflexões sobre o viver fronteiriço. Neste eixo estão gravações de entrevista de Teófila, uma senhora paraguaia que trabalha vendendo balas, água, refrigerante, gelo e outros produtos em frente a aduana e compartilhou como foi o trabalho durante a pandemia na região, e Décio, mototaxista brasileiro que todos os dias atravessa a Ponte da Amizade inúmeras vezes levando passageiros de Foz do Iguaçu para Ciudad del Este.

Nesta cartografia sonora, as táticas registradas nas gravações são apresentadas como uma forma de compreender as sociabilidades fronteiriças, que nada tem de homogêneas. Ao contrário, carregam uma variação de significados visto como foi o processo de povoamento e urbanização da região. Desde manifestações passando pelo trabalho e lazer, as táticas agrupadas nestas camadas representam um pequeno fragmento do viver fronteiriço pois, como estávamos comentando anteriormente, as sonoridades, quando entendidas como fenômeno, carregam suas temporalidades bem como são passíveis de mudanças frente à novos acontecimentos que surgem a todo o

⁴² Marcadas em azul no *Mapa Sonoridades Fronterizas*.

⁴³ Marcadas em vermelho no *Mapa Sonoridades Fronterizas*.

⁴⁴ Marcadas em roxo no *Mapa Sonoridades Fronterizas*.

⁴⁵ Marcadas em amarelo no *Mapa Sonoridades Fronterizas*.

tempo. Para o *corpus* sonoro desta cartografia, a descrição parte apenas de uma gravação específica, sendo elas a que estão contidas nos mapas.

4.1 Ruas e Vendedores

As sonoridades das ruas na Tríplice Fronteira possuem uma aguçada característica dual entre centro e interior. No caso das cidades Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, as regiões localizadas perto da Ponte da Amizade - respectivamente o bairro Vila Portes e a Zona Franca - compartilham um fluxo sonoro intenso. Em contrapartida, o entorno sonoro nos bairros e localidades afastados da ponte, como a Vila C em Foz do Iguaçu e o bairro *Virgen Fátima* em Ciudad del Este, se torna pacato, vide que são bairros residenciais e com pouco fluxo de comércio. Sendo assim, nesta primeira sessão da cartografia *Sonoridades Fronterizas*, abordaremos duas formas distintas de ocupação da rua através do comércio e como em ambos os casos o som foi utilizado como forma de aproximação do consumidor e compartilhamento da informação desejada pelos vendedores. Na primeira, a Zona Franca de Ciudad del Este, com suas pulsantes informações sonoras, e a segunda no bairro residencial Vila C, em Foz do Iguaçu.

Neste tópico, resalta-se diferentes táticas adotadas por comerciantes dessa fronteira, como o uso do portunhol - mistura entre o português e o espanhol -, a abordagem padrão com perguntas sobre o que os transeuntes da Zona Franca desejam comprar, a circulação, consumo e venda de produtos dos países vizinhos, as dinâmicas de câmbios oficiais e extra-oficiais de moedas, as circularidades musicais da América Latina e as inventividades populares utilizando técnicas de reprodução e amplificação sonora no espaço.

Zona Franca de Ciudad del Este

Sob as sombras dos enormes prédios e das tendas que cobrem as calçadas do microcentro, a Zona Franca de Ciudad del Este é como um labirinto a céu aberto para quem vem de fora. Junto aos cheiros, a textura do asfalto quente, os muitos produtos eletrônicos, camisas de futebol, bolsas, tererês e *termos*⁴⁶ expostos nas tendas, as sonoridades formam um denso emaranhado inicialmente confuso e posteriormente compreensível. O registro dessa caminhada sonora - desde a aduana paraguaia a Rotonda Oasis, passando pelas estreitas ruas de comércio - inicia com um intenso

⁴⁶ Garrafas térmicas em português.

burburinho indecifrável de trânsito dos que vêm do Brasil, acompanhado do murmurinho das conversas paralelas de vários homens de pé na calçada, observando a movimentação. À medida que caminhamos e a gravação avança, escutamos uma costumeira pergunta destinada aos turistas: “¿amigo, que estás buscando?”, e segue com outras “¿que quiere moça?”, “¿Eletrónico, Cell Shop?”. Tais perguntas funcionam como uma tática de abordagem ao turista e, caso recebam uma resposta - muitas vezes os turistas passam sem responder -, aqueles homens os levam a tendas e lojas que vendem o produto escolhido. Ao presenciar essa cena inúmeras vezes durante os trabalhos de campo no Zona Franca, percebi que costumam carregar nas mãos panfletos das lojas mais famosas, como Cell Shop, Monalisa, Nissei, MegaEletrônicos, mas prontamente levam os turistas às tendas que melhor convêm, ainda que não seja a mesma do panfleto.

Na sequência do registro, seguem as conversas paralelas entre feirantes, transeuntes e turistas em busca das compras. Tais conversas são fortemente marcadas por uma mistura de idiomas muito característico dessa região da cidade entre o espanhol, o português e o guarani, tática de comunicação híbrida adotada pelos comerciantes. Funciona da seguinte maneira: quando estão conversando entre si, os comerciantes falam em espanhol e sobretudo em guarani, idiomas oficiais do Paraguai; quando chegam os turistas, a maioria brasileiros, acionam o português; e quando chega alguém já se comunicado em espanhol, respondem da mesma forma. Contudo, há quem misture os três idiomas em uma só frase. Também é comum escutar conversas em chinês e árabe, devido a intensa migração de ambas comunidades entre as décadas de 1970 e 1990 (SILVA, 2021)⁴⁷.

Fotografia 2 - Zona Franca de Ciudad del Este

⁴⁷ Segundo SILVA e CASTRO (2021), entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1990, houve uma intensa migração para a região, onde se formaram duas comunidades, libanesa e chinesa. Ambas comunidades têm um importante papel no comércio de importação do lado paraguaio da fronteira e também um impacto na culinária local, com restaurantes e tendas de venda de shawarma, kibes, etc.



Fonte: A autoria própria - Frame das imagens gravadas para o álbum visual Estéreo Fronteira.

Fotografia 3 - Zona Franca de Ciudad del Este - Placa indicando shoppings



Fonte: A autoria própria - Frame das imagens gravadas para o álbum visual Estéreo Fronteira.

A tática de abordagem com perguntas também costumam vir anunciando desde já o produto que aquele feirante vende e aberto a negociações de preço e moeda: “¿Capa amiga?”, “¿amigo que tal, eletrônico?”, “sale bien baratinho”, “en guaraní, en dólar”. Na organização do comércio da região, algumas tendas são montadas na hora e outras já possuem uma estrutura, com balcões e portas de ferro de correr, outros comerciantes vendem seus produtos em carroças ou mesmo sentados em bancos com produtos nas mãos. Em determinado momento da gravação, escuta-se uma conversa minha com um desses vendedores, que anunciava umas pílulas coloridas que chamaram minha atenção:

*“¿Vos conoces de ese? ¿No conoces?
ese levanta pito es...para levantar pito es*

- ¿Qué es esto?

Ese es pramil... ese es para mulher e ese para hombre

- ¿Pero para que?

¿He?

- ¿pero para que...este de la mujer?

*ese es para levantar... mujer... y ese para hombre...ese para hombre...ese para hombre
también, de miel, chupa... y después... 3 horas, 3 horas ligero. Y ese 3 horas... para vos...
para ser ligera.*

- ¿y cuanto esta?

¿Cual?

- ese de mujer

¿De mujer? 50 reales.

- ¿Y este de hombre?

50 reales igual

- ¿Y en guaraní?

50 mil guaranis”

Nesta rápida conversa, o senhor me explica como funciona o Pramil, um remédio para disfunção erétil, apontando a diferença do que é para homem e o que é para mulheres e informando o preço em duas moedas distintas, em real, moeda brasileira, e em guarani, paraguaia. Na Zona Franca comercializa-se com diferentes moedas, como com guarani, real ou dólar. Nas lojas maiores os preços são anunciados em dólar, daí converte-se para a moeda em que a pessoa que estiver comprando quiser pagar; nas tendas das ruas, os vendedores costumam dar a opção entre guarani ou real, calculando o câmbio na hora da venda; já os que vendem sem um posto fixo, como o exemplo citado acima, usa-se o guarani e o real de forma equiparada, ou seja, sem adotar o câmbio oficial.

Retornando a caminhada sonora, as conversas paralelas e as frases em direção aos turistas se mesclam aos ruídos dos carros, que passam emitindo música romântica,

reggaeton e funk. É significativo as vezes em que escutamos músicas de outros países latino-americanos. Enquanto caminhávamos, *El Precio*, música do grupo mexicano *Bronco*, saía em alto e bom tom de uma garagem subterrânea que desemboca no meio de uma das vielas da Zona Franca. Também a cumbia de Mac Salvador e os funks brasileiros, que outrora fora denominado como “carioca” (RABOSSI, 2008), mas que hoje em dia é também mineiro e paulistano - pude reconhecer pelo sotaque.

O zunido dos motores das motos acompanha toda a gravação. Não era para menos, já que um dos principais meios de transporte para cruzar a fronteira são os moto-táxis, com as motos e capacetes amarelos. Já para o final da tarde, os sons das portas de ferro de correr chamam minha atenção - o horário de funcionamento da Zona Franca é de 5 horas da manhã às 15 horas, costumando se estender para as 16 horas. Três fontes de emissão de som são muito frequentes e lineares nas gravações desta caminhada sonora. A primeira são os mototáxis e a segunda são as músicas, embalando assim o ritmo das compras e do fim de tarde.

Esse é o carro do ovo na sua rua

Esse registro, em particular, tem um ponto focal distinto. Para gravá-lo não precisei estar em uma caminhada sonora, pois o próprio emissor do som estava se movimentando pelas ruas da Vila C, bairro de Foz do Iguaçu. De longe já escuta-se a frase “*quem quer ovo, levante a mão*”, ritmada por uma releitura da música *La Bamba*, um *Son Jarocho* de Vera Cruz/México, que posteriormente foi regravada por vários artistas, incluindo a versão da banda *Los Lobos*, em 1986, na qual o comerciante de ovos baseia sua releitura. A composição da música vai se completando à medida que o som se aproxima e ganha volume: “*quem quer ovo, quem gosta de ovo. Quem quer ovo, levanta a mão*”, e segue anunciando

*“Olha o Victor passando na rua da sua casa, com ovos e produtos coloniais.
Temos cartela com 30 ovos.
Eu disse: cartela com 30 ovos frescos e selecionados.
Cartela com 30 ovos, leve essa última para sua família.
Aproveite! Aceitamos cartões de débito e crédito.”*

No caso, trata-se de um carro-loja, uma espécie de ponto comercial que circula, indo ele mesmo de encontro aos fregueses enquanto anuncia, através da gravação que ecoa do alto-falante fixado no capô do carro, os produtos em venda: cartela de ovos, queijo colonial, salame de porco, banha de porco, banha a granel, vinho colonial,

azeitona, azeite de oliva e galinha semi caipira. Com o carro diante de mim, pergunto ao comerciante Victor - nome anunciado no próprio jingle - quais dias costuma passar por ali e aproveito para dar uma olhada na organização interna da pequena loja ambulante. Segundo ele, às quartas e sábados circula pelas ruas da Vila C. No porta malas do carro, que teve sua estrutura modificada para abrigar o comércio, encontramos os produtos anunciados, a maioria deles argentinos.

Marcando a passagem do tempo, tal registro sonoro do vendedor de ovos remete a um antigo ator histórico das ruas: os pregoeiros. Segundo GABRIEL (2021), a história dos pregoeiros alude a função social do vendedor ambulante, e é figura carimbada na historiografia do cotidiano e nas marcas sonoras urbanas. No Brasil, os relatos de cronistas sobre pregoeiros datam ainda das épocas da colônia e do império, praticado em áreas rurais e urbanas. Marcador de desigualdade social e racial, nessa prática de comércio popular, vendedoras de ervas, alimentos e utensílios utilizavam os pregões como forma de chamar atenção dos fregueses.

Atualmente, essa tática de comércio popular ainda vem sendo praticada em diferentes ruas da América Latina, ganhando novos contornos tecnológicos. Assim como o carro de ovos que circula pela Vila C com a releitura de *La Bamba* anunciando seus produtos, no *Mapa Sonoro Ganar la Calle*, por exemplo, escuta-se o “*cochecito del sabor*” de Quito, Equador, que através dos alto-falante, também anuncia seus produtos, garantindo que são naturais. A legenda desse áudio do mapa aponta que “*La práctica tradicional del voceo callejero ahora incorpora la tecnología y escuchamos una nueva forma de "voceo grabado". Los altavoces pregonan los remedios para distintas dolencias*”. Desse modo, a tática de expressão sonora dos pregões vem se modificando no decorrer dos séculos, com o uso da tecnologia das gravações e alto-falantes, mas carrega consigo uma bagagem histórica e cultural.

Ao final da gravação em que captamos o carro do ovo, o som volta a se distanciar, com o pequeno comércio sobre quatro rodas seguindo para outras ruas anunciando seus “*ovos e produtos coloniais*”.

4.2 Manifestações

Na segunda sessão desta cartografia, iremos analisar e descrever duas manifestações que ocorreram em datas próximas, mas com formatos e pautas distintas, ambas em Ciudad del Este, Paraguai. Tal sessão caminha de encontro com a discussão apresentada por Santos (2000) no segundo capítulo desta dissertação, onde as

assimetrias horizontais e verticais no território se acentuam e provocam uma disputa em relação a cidade. O primeiro áudio analisado é a manifestação encabeçada pelos coletivos e associações feministas do departamento Alto Paraná/Paraguai, no dia 8 de março, quando internacionalmente se rememora o dia da mulher, mas que em contextos de incisivo silenciamento, também é dia de apresentar pautas pontuais e estruturais. Neste sentido, a manifestação durou uma noite, com a necessidade de impacto expressivo e imediato.

No segundo áudio, trago o desenrolar da paralisação que fechou a Ponte da Amizade, encabeçada pelos transportistas paraguaios e demais frentes de organização, que tinham como pauta a redução do preço da gasolina no país. Neste segundo caso, a manifestação durou três dias consecutivos, pondo também em discussão a importância desta fronteira nos cofres públicos do país e no poder da mobilização social. Embora em ambas gravações o conteúdo de manifestação e reivindicação seja latente, nota-se diferenças significativas frente aos modelos como são conduzidas. No primeiro caso, uma manifestação ruidosa, estridente e com uma potência sonora alavancada em apenas poucas horas; no segundo, uma manifestação de caráter sonoro mais silencioso, com sua potência nas entrelinhas, conduzida ao longo de três dias. Contudo, em ambos casos nota-se a presença de uma acentuada organização coletiva.

Aquí las chicas luchan - 8M em Ciudad del Este

No dia 8 de março de 2022, dia internacional em que se celebra e rememora a luta das mulheres, movimentos feministas se organizam ao redor do mundo para reivindicar seus direitos e explanar em espaço público suas demandas. Neste registro sonoro, gravado em Ciudad del Este, escuta-se as componentes das coletivas *Kuña Poty*, *Diversxs*, UNES - *Asociación Unidas por la Esperanza* - e outras organizações civis se articulando para sair às ruas reivindicando melhores condições de vida para as mulheres paraguaias e migrantes, trabalhadoras, travestis e transexuais, estudantes e meninas. O local de encontro foi na praça atrás da Biblioteca Municipal de Ciudad del Este, onde as manifestantes se organizavam para sair em marcha pela Avenida Alejo García, contornando a Plaza Ex-Aeroporto e seguindo pela Avenida Gral. Bernardino Caballero (mapa em anexo), caminho oportuno para passar em frente a importantes instituições do Estado: a prefeitura - *Municipalidad* no espanhol paraguaio - e a sede do Governo do Alto

Paraná. No ponto de encontro, somavam-se dezenas de mulheres e crianças, confeccionando cartazes e faixas que estampavam as demandas.

Fotografia 4 - Organização da Marcha 8M em Ciudad del Este. Praça atrás da Biblioteca Municipal de Ciudad del Este



Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia 5 - Faixas da Marcha 8M em Ciudad del Este



Fonte: Acervo pessoal.

A gravação se inicia após a chegada de um ônibus que trazia meninos e meninas encarregados da bateria da marcha. Animados, assim que desceram do ônibus já soava o

início da batucada. Acompanhando-os, com o auxílio de um megafone, uma das lideranças do ato explanava alguns informes sobre a organização da marcha: os nomes dos coletivos que articularam o ato, citados acima; a indicação que a batucada ficasse à frente, seguida pelas manifestantes nas ruas; informava também a presença das bombeiras voluntárias de Ciudad del Este, que tocam um trabalho contra a violência de gênero dentro da instituição e que foram recebidas com aplausos pelas manifestantes. Puxadas pela voz que soava do megafone, as manifestantes aproveitavam para ensaiar os primeiros gritos:

*“Y ahora que estamos juntas
y ahora que estamos juntas.*

*Y ahora que si nos ve
y ahora que si nos ve.*

*Abajo el patriarcado, que va caer, que va caer
abajo el patriarcado que va caer, que va caer.*

Y arriba el feminismo que va vencer, que va vencer!”

Ao fim das apresentações, a avenida começou a ser ocupada. Desde o carro de som, saiam os gritos que eram seguidos pelas mulheres em marcha. Durante a escuta da gravação sonora, nota-se que os gritos de protesto gerais, utilizados em diversas partes da América Latina⁴⁸, como *“alerta que cambia, la lucha feminista por América Latina”* e *“ni una a menos, vivas nos queremos”*, eram acionados durante todo o percurso da caminhada. Em um momento específico, quando nos encontrávamos em frente a Municipalidad, as pautas gerais davam espaço a reivindicação local, específicas de Ciudad del Este e do departamento do Alto Paraná, onde escutamos *“basta de cubrir acosadores”*, *“albergue yá!”* e *“González Vaesken queremos un albergue”*. No caso, a pauta dos albergues destinados a vítimas de violência doméstica vem sendo reivindicada desde 2021 pelo coletivo feminista *Kuña Poty* - que em 2023 ganhou o título de Associação Feminista -, e em alto e bom tom, chamam a atenção do então governador do Alto Paraná, Roberto González Vaesken, a agir sobre a demanda⁴⁹. Também foram feitas performances e uma peça de teatro na frente da instituição.

⁴⁸ Exemplo desses gritos de protesto feministas em comum na América Latina são dois áudios do *Mapa Sonoro Ganar la Calle*. Um deles em Tandil, província de Buenos Aires/Argentina e outro em Ciudad del Este, ambos gravados no primeiro semestre de 2022. Nos dois áudios escuta-se o mesmo grito de protesto *“señor, señora, no sea indiferente, se matan las mujeres en la cara de la gente”*, embora cada um com seu ritmo e sua especificidade de organização.

⁴⁹ Embora a pauta do albergue esteja sendo reivindicada a alguns anos, incluindo a elaboração de relatórios e estudos sobre o tema, até o presente momento o departamento do Alto Paraná não possui um local destinado ao acolhimento de vítimas de violência doméstica.

Na gravação, nota-se que os gritos de protesto e a bateria eram acompanhados de conversas paralelas, risos e das buzinas dos carros e motos das apoiadoras e apoiadores, que soam em todo o registro de forma espaçada e rítmica. Após contornar em marcha pacífica a praça do Ex-Aeroporto, retornamos à praça da Biblioteca Municipal, decorada previamente com bolões e sopro e faixas. Ao som da música *Canción sin Miedo*⁵⁰, da compositora e cantora mexicana Vivir Quintana, nos sentamos para escutar a leitura do manifesto redigido de forma coletiva. O manifesto denunciava a inoperancia estatal nos casos de assédio sexual em suas instituições, apontava que 1 em cada 3 casos de violência de gênero registrados no Paraguai acontece no departamento do Alto Paraná e exigia profissionais capacitado com a perspectiva de gênero nas instituições públicas, um desenho de cidade onde as mulheres possam circular sem medo, transporte público de qualidade, políticas públicas para melhoria da condição de trabalho das estañas, uma campanha contra o assédio nas ruas e proteção integral e urgente as trabalhadoras sexuais⁵¹. Cada pauta lida era acompanhada de palmas e gritos afirmativos.

Nesta caminhada sonora, em especial, estive acompanhada de dezenas de mulheres que, assim como eu, necessitam reafirmar demandas todos os dias. Neste sentido, o dia 8 de Março é um dia de reivindicar coletivamente nossas pautas, mas também importante para lembrar que não estamos sozinhas, assim que as vozes escutadas neste registro se misturam, formando um intenso e histórico grito por melhores condições de vida.

“Si el presidente no hace acuerdo, solo amanhã de tarde”

Entre os dias 14 e 16 de novembro de 2021, o fluxo na Ponte da Amizade foi parcialmente interrompido. Desde quilômetros antes, ainda no lado brasileiro, escutavam-se os murmúrios que saíam das acumuladas filas de carros, motos e caminhões, na tentativa de entender o que se passava ali. Já os transeuntes, que não estavam impedidos de cruzar os países, se aglomeravam no estreito corredor da Ponte da Amizade destinado a pedestres e outros que, assim como eu, decidiram atravessar a ponte no meio das filas de carros, a fim de coletar informações sobre tal ato. Já em terras paraguaias, o piquete fora montado a poucos metros da aduana, onde caminhões e kombis fechavam a passagem para a *ruta 2* - estrada que faz a conexão entre Ciudad del Este e outras partes do país.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLLyzqkH6cs>.

⁵¹ Manifesto disponível em: <https://www.facebook.com/KunhaPoty/>.

Em diálogo com os manifestantes, a informação era de que a ideia da paralisação surgiu no sábado (8), em uma reunião fraternal entre organizações e sindicatos, como as federações de mototaxistas, táxi rádio, kombis e caminhões de médio porte, onde chegaram a conclusão que era necessário fazer uma medida de força frente o aumento do preço dos combustíveis, que em dois meses, já havia subido 26%. Diferentes explicações sobre o motivo do aumento me foram informadas: desde a guerra entre Rússia e Ucrânia, que afetaria as vendas dos barris de petróleo, às constantes privatizações das estatais paraguaias, como a *Eletropar*, responsável pela distribuição de energia elétrica e gasolina no país, que segundo uma das lideranças do movimento, fora privatizada sem que a população ficasse sabendo. A demanda dessas organizações, que fecharam as estradas dos 17 departamentos do país, era uma negociação com o governo do país.

Fotografia 6 - Piquete de caminhões de médio porte impedindo a passagem de veículos



Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia 7 - Piquete de vans impedindo a passagem de veículos.



Fonte: Acervo pessoal.

Contudo, em oposição a ideia de manifestação ruidosa, esta oscilava entre conversas sobre a pauta, motores das motos, silêncios, vuvuzelas espaçadas e as buzinas dos manifestantes e dos que queriam furar o bloqueio. Nos registros sonoros que captamos nestes dias que correram a manifestação, escuta-se uma confusão de sons, desde um senhor anunciando bananas por cinco mil guaranis aos manifestantes que conversavam entre si, mesclando o espanhol e guarani e momentos de descontração e risos. De tempo em tempo, nas gravações soam os manifestantes se organizando para informar como seria a continuidade da paralisação, assim que uma senhora grita: *“sete hora lá em casa... só si o presidente alí faz acordo, si o presidente no faz acuerdo, só amanhã de tarde”*, fazendo alusão aos diálogos que já estavam ocorrendo em Assunção, capital do país, entre o presidente Mário Benitez e as lideranças do movimento. Essa tática de misturar espanhol e português - já apontada em outros momentos - presente na fala da senhora transcrita aqui, acontecia constantemente quando os manifestantes dialogavam com os motoristas que aguardavam para atravessar a ponte, nos levando a entender que grande parte deles eram brasileiros.

Ficara acordado entre os manifestantes e as polícias aduaneiras do Paraguai e Brasil que a paralisação aconteceria por etapa, ou seja, duas vezes por dia os veículos

poderiam transitar livremente pela ponte durante duas horas, que depois seria fechada novamente, desse modo, os motoristas que não sabiam da paralisação tinham a opção de retornar ao local de origem, enquanto outros somavam-se ao ato. Ao anúncio deste informe, escutamos na gravação uma voz dizendo *“bora povo, não a gente não volta mais”*, enquanto ligava sua moto para seguir.

Fotografia 8 - Motociclistas aguardando para atravessarem a ponte



Fonte: Acervo pessoal.

Para compreender o panorama geral do ato, realizei uma série de entrevistas com as lideranças do movimento⁵². Segundo eles, estavam desde às 8 horas da manhã ali e pretendiam sair só quando o governo apresentasse uma redução justa - nas primeiras tentativas de negociação, o governo ofereceu reduzir em 50 guaranis e os manifestantes queriam no mínimo 1000. Sobre parar a Ponte da Amizade, comentavam que o maior impacto a nível de país se estava sentindo nessa zona fronteiriça, com uma perda financeira calculada em 4 milhões de dólares no primeiro dia, 6 milhões no segundo e 10 milhões no terceiro dia. Cientes de quem pagaria essa conta, uma das lideranças comenta: *“y quien va pagar, nosotros verdad, pero si no hacemos esto nadie nos*

⁵² Tais entrevistas não estavam na programação deste dia de trabalho de campo, portanto não foram estruturadas. Repeti então, as mesmas perguntas para todos os entrevistados: 1) Como surgiu a ideia da manifestação; 2) Porque o preço do combustível subiu; 3) Qual o impacto desta paralisação na fronteira. Os próprios manifestantes que estebelci diálogo me levavam até as lideranças.

escucha”. Portanto, a paralisação era uma tática adotada pelas categorias de trabalhadores de transporte para que a negociação ocorresse de forma justa para a população.

À medida que corriam os dias, a manifestação foi ficando mais silenciosa. Se no primeiro, o caos dos ruídos das motos dos que foram pegos de surpresa causavam uma agonia sonora, no segundo só os mais corajosos tentavam furar o bloqueio, que eram prontamente hostilizados com vaias e gritos. Mas esse silêncio não significava inércia, e sim uma espera pelos novos informes que viriam da capital. Enquanto aguardavam, diferentes conspirações se formavam, como as de uma senhora que estava reclamando que o presidente paraguaio estava no Brasil, visitando a sogra, ao invés de se comprometer com a causa - informação que posteriormente me foi desmentida pelo Secretário da Federação Internacional de Transportistas.

Me chamou atenção nessa manifestação a quantidade de mulheres que estavam envolvidas. Embora tenha sido puxada por categorias majoritariamente masculinas, as mulheres planejavam ações, davam os informes, controlavam o piquete, organizavam as faixas e os manifestantes, algumas elas mesmas motoristas, lideranças de movimentos e outras que estavam ali por terem parentes envolvidos.

Fotografia 9 - Mulheres na paralisação.



Fonte: Acervo pessoal.

As gravações sonoras desses dias de paralisação narram uma dicotomia entre os sons emitidos de forma espaçada e o real impacto financeiro a nível de país exposto acima. Neste sentido, mais do que uma manifestação ruidosa, essa continha um não-dito que só era compreendido na íntegra por quem acompanhava de perto as negociações que ocorriam a quilômetros de distância dali. Ao finalizar essa gravação, a sensação que me percorria era da potência da organização coletiva, reafirmada por uma das lideranças “*¿Pero cómo vamos a ejercer nuestro poder? Solamente en forma organizada. Porque en forma individual nadie tiene poder, pero en forma conjunta y organizada podemos tener fuerza*”.

4.3 Festa

Nas duas camadas sonoras apresentadas acima, trouxemos duas experiências de caminhadas sonoras relacionados aos modos de subsistência e existência na fronteira: o trabalho e as reivindicações por melhores condições de vida. Já nesta terceira camada, adentramos nas formas de festejar os encontros e a pluralidade cultural e sonora da América Latina. No primeiro tópico, a sonoridade musical do *Chamamé* de Misiones, ritmo musical, de canto e dança que surgiu “del encuentro entre los ritmos de los pueblos guaraníes e el barroco Jesuita en el vasto territorio de las Misiones (Argentina)”

(BRITTES; ROSSI, 2021, s/p). Popularmente escutado e produzido nas regiões argentinas de Misiones e Corrientes, o Chamamé representa nesta dissertação tanto um motivo de encontro entre os moradores de Puerto Iguazú, como uma prática popular de reivindicação sonora-musical fronteiriça. Neste sentido, nos recordamos da perspectiva de Schafer sobre a música como ela mesma produtora de paisagem sonora, apresentada no primeiro capítulo desta dissertação. Assim que neste tópico, apresento a gravação de um pequeno show de Chamamé ocorrido em outubro de 2022 na Plaza San Martín.

Já o segundo áudio analisado nesta camada, contamos com a gravação de um festejo que movimentava o coração dos latino-americanos: o futebol. Gravado no mesmo ano em que a Argentina foi campeã da Copa do Mundo depois de anos de jejum, o áudio conta com a gravação de um jogo profissional ocorrido no Estádio Antonio Oddone, em Ciudad del Este, entre os times *3 de Febrero* e *Olimpia*. Nesta gravação, os cantos, gritos e adrenalinas são acompanhados dos passes de bola que deram vitória ao *Olimpia*.

El Chamamé de Misiones

Segundo os pesquisadores Magali de Rossi e Alejandro Brittes, em seu livro *El Origen del Chamamé: Una historia para ser contada* (2021), o Chamamé constitui uma prática identitária de música e dança que “se sustenta y recrea en espacios rurales y populares” (BRITTES; ROSSI, 2021, s/p). Sua criação, datada pelos aproximadamente no século XVI pelos pesquisadores citados, através do encontro entre as músicas europeia barroca e guaraní, suportou a imposição de normas dominantes musicais até se converter “en identidad para los pueblos de las cuencas de los ríos Paraná y Uruguay” (IDEM, s/p). Deste modo, o Chamamé está presente tanto nas regiões argentinas citadas como também na fronteira mais ao sul, entre Argentina e os estados brasileiros fronteiriços.

Portanto, é um ritmo que por si só nasce de um entre-lugar: desvinculando-se de fronteiras nacionalmente impostas, bem como conversando tempos e formas de dança guaranis, com uma coreografia a dois em sentido anti-horário. No caso do áudio de Chamamé gravado em abril de 2022 durante o trabalho de campo na Plaza San Martín, em Puerto Iguazú, a música embalava o festejo de um domingo que antecedia o dia dos pais, onde na praça, decorada com bandeirinhas coloridas, também estavam feirantes de comidas, bebidas, de roupas, artesanatos, crianças brincando e adultos dançando.

Fotografia 10 - Plaza San Martín no dia da gravação de campo



Fonte: Acervo pessoal.

No áudio, escuta-se uma apresentação ao vivo da música *Compadre que Tiene el Vino* (2010), do grupo argentino *Soledad*, que diz

*“Compadre, que tiene el vino
Que usted al tomar
Comienza a sentirse hombre
Y empieza a hablar...
A hablar de lo que más quiere,
De su verdad,
Y es como si despertara
A la realidad.*

*Compadre, piense un poquito,
¿Que va a pasar
Si un día de estos la gente
Llega a tomar
El vino que necesita
Y empieza a hablar...
A hablar de lo que más quiere...?
Que va a pasar...?
Traigan el vino más vino,
Tráiganlo acá,
Que mi pueblo está callado
Y es hora que empiece a hablar...*

Denle vino y vino bueno

*Y ha de gritar su verdad...
Y ha de cantar para el mundo
Su canto de Libertad.”*

A letra, que narra uma conversa entre dois amigos, onde depois de um vinho seu povo começa a despertar para a realidade. Pedem assim “*vino más vino*”, e com isso vão expressar para o mundo sua reivindicação de liberdade e suas verdades, nos remetendo, assim, a um sentido político do cotidiano chamamecero⁵³. Ao fim da gravação, escuta-se variações rítmicas do próprio Chamamé, inicialmente com uma melodia mais romântica e lenta, da música descrita acima, e termina com um instrumental mais acelerado, acompanhado pelos dançantes, que aproveitam para acelerar o passo.

Olímpia versus 3 de Febrero

Em setembro de 2022, o jogo do Olímpia *versus* 3 de Febrero, times consagrados no coração dos paraguaios, os sons oscilantes entre o incentivo e a reclamação narram por si só o tenso jogo que terminaria em 3 a 0 para o time da capital - Olímpia. Para o 3 de Febrero, time local de Ciudad del Este, o jogo terminaria com a cidade banhada de camisas, bandeirinhas e chapéus pretos e brancos que homenageavam o rival. Durante o trabalho de campo, a caminho do Estádio Antonio Oddone Sarubbi onde a partida ocorreria, a percepção visual era de que apenas o Olímpia jogava, “*pases para ver o Olímpia señora*”, era como os vendedores ambulantes estavam anunciando o jogo, enquanto balançavam um punhado de ingressos em direção aos transeuntes das calçadas e também para os que enfrentavam a fila de carros, ônibus e motos que corria da frente da sede da *Municipalidad* até os portões que davam acesso ao estádio e que dali mesmo conseguiam adquirir seus passes para a festa alvinegra.

Fotografia 11 - Vista à esquerda do Estádio Antonio Oddone Sarubbi durante a partida de futebol Olímpia versus 3 de Febrero.

⁵³ Terminologia utilizada por ROSSI e BRITTES, em *El Origen del Chamamé: Una historia para ser contada* (2021).



Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia 12 - Partida de futebol Olimpia versus 3 de Febrero, no Estádio Antonio Oddone Sarubbi. Ao fundo, arquibancada onde estava a bateria.



Fonte: Acervo pessoal.

Com o estádio lotado, os esteños estavam em festa, onde a multidão fazia coro enquanto acompanhavam a bateria - que durante nossa gravação parou de soar -, concentrada atrás do gol esquerdo cantando firmemente “*Vamos Olímpia, vamos a ganar*” e “*dale olé olé olé mi corazón*”. Neste registro sonoro, escuta-se com frequência os torcedores reclamando de um passe mal dado, o juiz apitando a falta, os gols quase feitos, as conversas - sobretudo em guarani -, as vuvuzelas que funcionavam como gritos de incentivo, às risadas de um domingo de futebol, até que, como um anúncio para a atenção no campo, um torcedor alerta “*gol gol gol*”, e assim o Olímpia saiu da fronteira com mais um jogo ganho.

4.5 Reflexões sobre a fronteira

Como apresentado até aqui, a mobilidade e circulação na Tríplice Fronteira ocorrem de diferentes modos. Contudo, há um conjunto de pessoas que vivem um cotidiano transfronteiriço, ou seja, dia a dia atravessam as pontes que ligam os países, seja para trabalhar ou por questões familiares. Nesta última camada da nossa cartografia sonora, apresentamos duas reflexões sobre esse viver transfronteiriço: a de Teófila, uma senhora paraguaia, que trabalha vendendo doces, água, refrigerantes e gelo, apoiados em uma mesa de madeira desmontável grande e retangular, posicionada exatamente em frente a aduana paraguaia, entrevista gravada em julho de 2022; a segunda é de Décio, mototaxista brasileiro, que cruza com sua moto amarela incontáveis vezes por dia a Ponte da Amizade levando seus passageiros de um lado ao outro, entrevistado também em julho de 2022.

Com diferentes perspectivas, histórias de vida e narrativas apresentadas sobre a fronteira, ambos convivem com esse cotidiano e fazem desse movimentado lugar seus espaços de trabalho. Nesse sentido, em ambas gravações busquei compreender o que cada um entende sobre como é viver na fronteira. Utilizei da metodologia de entrevistas semi-estruturadas para guiar as conversas, que foram devidamente consentidas. Com tais análises, embarcamos em dois mundos paralelos sobre o viver fronteiriço, mas que se encontram na construção da estética desse espaço.

Brasil es muy lejos

De longe já avistávamos Teófila organizando seus produtos em uma mesa de madeira. Uma senhora de um pouco mais de 1m50cm de altura e que aparenta ter entre

40 para 50 anos. Ao aproximarmos, nos apresentamos - visto que estava acompanhada durante esse trabalho de campo -, comentei a proposta da pesquisa sobre o “viver na fronteira” e perguntei se poderíamos entrevistá-la. Gentilmente ela concordou, com um sorriso estampado no rosto enquanto relembrava que já havia aparecido em algum canal de televisão argentino.

Diante de seu pequeno comércio, localizado em frente a aduana paraguaia - no sentido de quem vem do Brasil -, Teófila acompanha cotidianamente aquela densa multidão que atravessa a Ponte da Amizade, e se mistura no meio dos carros para vender doces, balas, água, refrigerante, gelo e outros produtos. Dentre um gole e outro em seu tererê, nos comenta que trabalha ali há 25 anos e complementa *“porque no hay otro lado para trabajar, solo acá. En mi parte por ejemplo, yo ya, no quiero trabajar como empleada doméstica, porque la gente te aprovecha ella. Y gana muy poco (...) Acá soy yo, si quiero venir, vengo, si no, no. Nadie me obliga”*. Natural da cidade de Coronel Oviedo, aproximadamente a 200 quilômetros de Ciudad del Este, a comerciante relata que se mudou para a fronteira nos anos de 1980, *“después del golpe de estado, 4 meses yo vino acá. Hace 32 años que estamos acá.”*, se referindo ao golpe de Estado que derrubou a ditadura de Alfredo Stroessner, em 1989.

Nos conta que desde então trabalha vendendo seus produtos na fronteira como forma de sustentar sua família. Desse modo, a comerciante acompanha essa mobilidade transfronteiriça, o frenesi do vai e vem dos passos largos e dos motores sobre a ponte. Quando questionada sobre a diferença que percebe entre os lados brasileiro e paraguaio do rio, responde *“No es más grande, más es muy lejos ya queda para nosotros”*. Tal afirmativa da percepção de Teófila sobre o Brasil me guiou durante todo o processo desta dissertação, pois embora trabalhe exatamente na ponte que liga os países, entende que o Brasil fica muito longe para eles. Analisando esse áudio, me deparei com duas possibilidades do porquê Teófila aborda essa distância, embora esteja geograficamente ao lado. A primeira, é de uma distância subjetiva, que confirmasse diferenças culturais e identitárias. A segunda seria uma distância econômica, visto que Teófila complementa que

*“nosotros vamos procurar en vender un poquito más caro también,
y la gente no quiere pagar caro, caro, no quieren valorar, verdad?
Y hay que valorar la gente, porque nosotros dejamos nuestra casa, nuestra familia para
venir acá.
Pagamos pasaje, comida, hay mucha cosa.
Tenemos que comprar hielo, agua caliente no va a querer la gente, gaseosa caliente
tampoco.
Y es difícil la cosa.*

Hoy en día subió toda la mercadería, está por las nubes. La carne, por ejemplo, subió muchísimo acá, la carne subió muchísimo. El puchero estaba a 17, 18, ahora está a 24 mil el kilo y la carnasa está a 45 mil el kilo.”

Nesta passagem da conversa, seu sentimento de desvalorização sobre a relação de trabalho informal se acentua, e uma narrativa que até então saía de uma voz calma e com tom explicativo dá lugar a uma voz firme, mais acelerada e de questionamento. Ao fim, o viver transfronteiriço apresentado por Teófila está diretamente ligado à questão do trabalho e seus conflitos, tanto sociais quanto pessoais, pois embora nos apresente esse sentimento de desvalorização, iniciou nossa conversa apontando que *“no hay otro lado para trabajar, solo acá”*, apontando para uma frágil linha tênue existente entre suas reivindicações quanto trabalhadora e moradora fronteiriça e as condições de trabalho que esse lugar apresenta.

Todos os dias atravessando a ponte

Uma das imagens sonoras e visuais mais marcantes do nosso trabalho de campo na Tríplice Fronteira foram os mototaxistas. Com seus capacetes e motos amarelas, diariamente cruzam dezenas de vezes a Ponte da Amizade, indo e vindo com passageiros do Paraguai para o Brasil e vice e versa, desempenhando um papel de conectivo cotidiano entre os dois países. Em entrevista realizada com o mototaxista Décio, em novembro de 2021, este nos relata algumas das características de seu trabalho, bem como sua experiência de cruzar a fronteira todos os dias. Segundo ele, que iniciou a conversa com entusiasmo sobre a realidade fronteiriça, atravessar a ponte todos os dias o leva a conhecer pessoas novas, de outros países, de outros estados, citando exemplos de pessoas que vem “do Maranhão, Bahia, vem de Manaus, vem de Minas, vem de Sergipe, até da própria Argentina, mesmo vem, vem da Venezuela, vem da Colômbia”, argumentando que por este motivo, tem a facilidade para conversar com as pessoas.

Fotografia 13 - Mototaxista saindo da aduana brasileira e chegando no Paraguai. Fonte: Autoria própria. Frame Estéreo Fronteira. Novembro de 2021.



Fonte: A autoria própria - Frame Estéreo Fronteira. Novembro de 2021.

Décio aponta que a fronteira “ensina bastante”, sobretudo em aspectos culturais, afirmando que “você tem a facilidade para conversar com as pessoas... e digo assim, a fronteira ensina bastante coisa para a gente, a humanidade, você tem que ser sempre educado, ajudar as pessoas, porque muita gente precisa... esses tipos de coisas assim, a cultura a gente vai aprendendo”, nos apontando para a pluralidade cultural ao qual os mototaxistas se deparam cotidianamente. Ele, que a 30 anos mora na cidade de Foz do Iguaçu e a 27 anos trabalha no ramo do transporte, nos conta que poderia ter trocado de emprego, mas que gosta de seu ofício pois “é sempre mais tranquilo, você sempre vai estar livre, é um serviço que se você quiser ir você vai, se não quer não vai...”, mas complementa afirmando que “mas você tem que ir para ganhar né”.

Quando questionado sobre a organização de trabalho entre os mototaxistas brasileiros e paraguaios, Décio nos explica que os mototaxistas brasileiros só trabalham no lado brasileiro, tendo em conta que “a gente pega o passageiro, leva do outro lado e deixa ele lá... aí os paraguaios trazem o povo de lá, a gente só leva”, devido a jurisprudência em relação a esse transporte transfronteiriço, mas logo sinaliza que “a gente se dá super bem. Assim, ao passar do tempo as coisas vão andando né, vão se amigando, um precisando do outro... No começo é difícil né, mas depois vai se ajustando tudo, então hoje tá tudo... tem umas desavenças pouquinho coisa, mas assim, isso é coisa da vida, sempre tem mesmo né”, indicando uma relação de acordos transfronteiriços desde sua profissão.

Assim como Teófila, a perspectiva transfronteiriça que Décio apresenta é a partir de sua relação de trabalho. Com distintas nacionalidades e ofícios, o argumento que os une é o mesmo: o fato de que encontraram na fronteira sua forma de sustento, talvez não por opção própria, mas por consequência de um processo de hierarquia, acentuada pela verticalidade (SANTOS, 2000) que sofrera esse território, conectados ao mesmo tempo que separados na encruzilhada dos rios Iguazú e Paraná.

5. CONCLUSÃO

Chego ao final dessa escrita me recordando de todas as movimentações que foram necessárias para que esta investigação pudesse ser feita e compartilhada, desde as pesquisas com o acervo fonográfico, à mudança de país, as vezes que atravessei as aduanas, os diferentes pôr do sol que pude acompanhar em frente aos rios Iguazú e Paraná, as manifestações políticas que apontaram a não neutralidade dessa investigação, as reações curiosas quando avistavam o gravador, os companheiros que me animavam a sair para gravar, os dias em que colocava em conflito os caminhos da pesquisa, assim por diante.

Desde um campo tão aberto e fluido como são as sonoridades de um determinado território, o objetivo desta dissertação foi, além de cooperar para construção de pontes teóricas dos Estudos Sonoros na América Latina, em especial pôr em prática uma proposta metodológica que rompa fronteiras disciplinares. A partir do paradigma das verticalidades e horizontalidades de SANTOS (2000), a relação sonoridades-cotidiano ocupou a pesquisa representando uma máxima dos encontros, que assim como o som, não são homogêneos. Compreende-se que as pesquisas que compõem os Estudos Sonoros carregam consigo o desafio de analisar dinâmicas espaciais sincrônicas e diacrônicas, bem como criar e produzir métodos de divulgação e compartilhamento onde seja possível ter um acesso direto à fonte.

Na análise do panorama geral das gravações realizadas na Tríplice Fronteira, destacam-se as condições plurais de emissores, expressões sonoras, conteúdos informados, contextos e características territoriais gravadas. A conclusão que se chega ao fim desse processo de meses de trabalho de campo e organização dessas fontes, lidando com emissões sonoras tão diversas, é que para trabalhar a partir de um entorno sonoro com a aplicação de campo, deve-se levar em conta que os recortes da investigação precisam ser maleáveis, porque necessariamente não temos controle sobre como serão os conteúdos dessas emissões, podendo provocar readaptações ao recorte inicial a partir do momento em que a investigação é inserida em espaço público e comunitário.

Ao adentrar nas experiências sonoras captadas na Tríplice Fronteira, inúmeros recortes foram planejados e readaptados, e as referências de trabalhos interdisciplinares com fontes sonoras foram fundamentais para a construção da *Cartografia Sonoridades Fronterizas*, que, além de ser o capítulo final desta dissertação, também pode ser escutado no *Mapa Sonoridades Fronterizas*, um dos produtos finais deste trabalho, onde

através das quatro camadas temáticas, pretendeu-se reunir múltiplos modos de ocupar, estar, habitar, viver e refletir sobre essa fronteira.

REFERÊNCIAS

Ahmed Zaoug, Mehdi Eugene. **El Espacio desde el Paisaje Sonoro: Caso de la Plaza Grande de Quito**. Maestría en Estudios Urbanos. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - Sede Ecuador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/xmlui/handle/10469/10212?locale-attribute=en>. Último acesso em: 01/10/2023.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ÁLVAREZ AZCÁRRAGA, Luis. **Paisaje sonoro como archivo documental alternativo. Los casos de Griselda Sánchez y Elena Castillo**. ARTE IMAGEN Y SONIDO, 3(5), 60-74. Disponível em: <https://revistas.uaa.mx/index.php/ais/article/view/4266>. Último acesso em: 29/09/2023.

APENAS EL SOL. Direção: Arami Ullón. Produção de Pascal Traechslin e Arami Ullón. Distribuição Arami Ullón, Asunción, Paraguay, 2020.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. Preocupações ambientais? A Argentina e suas ações no contexto do projeto hidro energético de Itaipu entre o Brasil e o Paraguai (1966-1979). Em **Tempo de Histórias**, v. 1, n. 38, 2021.

BARROSO, P. F.; BEXIGA, S. F.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia sonora na cidade: algumas contribuições metodológicas acerca do registro sonora na pesquisa de campo**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15529>. Último acesso em: 29/09/2023.

BAS, Pablo. **Territorios Sonoros/Cartografías del tiempo - grabaciones de campo y sonidos geolocalizados: mapa sonoro como forma**. In: **Il Simposio Internacional de Arte Sonoro : cruces, circulaciones, experiencias** / Valeria Alcino ... Et al ; Compilación de Raúl Minsburg : Vanessa Ruffa. - 1ª ed compendiada - Sàenz Peña : Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2021. Disponível em: <https://artesonoro.untref.edu.ar/es/simposio-edicion-2021>. Último acesso em: 10/10/2023.

BASSI, Bruno Stankevicius. Ditadura de Stroessner marcou ofensiva brasileira por terras. **De Olho nos Ruralistas**, 2017. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/>. Último acesso em: 01/09/2023.

BRITTES, Alejandro; ROSSI, Magali de. **El origen del Chamamé: Una historia para ser contada**. Simplíssimo, 2021.

CASTANHEIRA, José Cláudio S. et. al. **Poderes do som: Políticas, escutas e identidades**. Insular Livros, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer** / Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

DOMÍNGUEZ RUIZ, Ana Lúcia. **El oído: un sentido, múltiples escuchas**. El Oído

Pensante, Vol. 7, nº. 2, 2019, p. 92-110. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7050979>. Último acesso em: 01/09/2023.

ESTEVEZ TRUJILLO, Mayra Patricia. **Estudios Sonoros en y desde Latinoamérica: del régimen colonial de la sonoridad a las sonoridades de la sanación**. Doctorado en Estudios Culturales Latinoamericanos. Universidad Andina Simón Bolívar. Quito, 2016.

ESTEVEZ TRUJILLO, Mayra. **Suena el capitalismo en el corazón de la selva**. *Nómadas (Col)*, núm. 45, octubre, 2016, pp. 13-25. Universidad Central, Bogotá, Colombia. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n45/n45a02.pdf>. Último acesso em: 03/03/2023.

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Memórias e notas sobre pregões e vendedores de rua. **Revista História em Reflexão**, vol. 15, n. 19, 2021, p. 134-149.

GIMENEZ, Heloísa Marques; LISBOA, Marcelino Teixeira. Fronteiras e relações internacionais: território, segurança e comércio. In: SILVA, Micael Alvino da; CASTRO, Isabelle Christine Somma de (org.). **Além dos limites: A Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas**. Alameda Editorial, 2021. p. 33-60.

História Pública no Brasil : Sentidos e itinerários / Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida, Ricardo Santhiago, (organizador). - São Paulo : Letra e Voz, 2016

LA BARRE, Jorge de. **Poder, território, som: alguns comentários**. *El oído pensante*, vol. 2, nº 1, 2014. Buenos Aires. CAICYT, CONICET.

LAFUENTE, Antonio. **Los laboratorios ciudadanos y el anarchivo de los comunes**. México City, 2015. Disponível em:
https://www.academia.edu/14834106/Los_laboratorios_ciudadanos_y_el_anarchivo_de_lo_s_comunes. Último acesso em: 01/10/2023.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] – Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Camila Machado Garcia de. **Sonário do sertão: acervo e memória de experiências sonoras**. 2019. 168 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/35529?mode=simple>. Último acesso em: 10/10/2023.

Mapas Sonoros de Latinoamérica (I) - **Transformación Sonora en Cuarentena**. Usted no Está Aquí - Publicación Digital de Artes Visuales y Sonoras + Cartografías. 2020.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar** / Walter Mignolo; tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

OLIVEIRA, Nathália Fernandes de. **A Repressão Policial às Religiões de Matriz Afro-Brasileiras no Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2015

RABOSSI, Fernando. **En las calles de Ciudad del Este. Una etnografía del comercio de frontera.** Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica: Biblioteca Paraguaya de Antropología. Vol. 68, 2001.

RIO, João do, 1881-1921. **A alma encantadora das ruas: crônicas.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Tinta Limón Ediciones, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina.** Tinta Limón Ediciones, 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Razão, Técnica e Emoção.** 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora / R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench Fonterrada.** - 2ª. ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** — São Paulo : Companhia das Letras, 1998 e BARATTA, María Victoria. La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina. Hist. Historiogr. Ouro Preto - n. 14 - . 2014, p. 98-115.

SILVA, Micael Alvino da. **Breve História da Tríplice Fronteira: Como a maior hidrelétrica binacional e a segunda maior cidade do Paraguai foram decisivas para a formação da fronteira mais importante da América do Sul.** Instituto 100 Fronteiras, 2022.

SILVA, Micael Alvino da; CASTRO, Isabelle Christine Somma de. Introdução. A Tríplice Fronteira nas relações internacionais. In: SILVA, Micael Alvino da; CASTRO, Isabelle Christine Somma de (org.). **Além dos limites: A Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas.** Alameda Editorial, 2021. p. 15-32.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à História Pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Singer, Deborah. **De músicas amenazantes a músicas devocionales. Los sonidos indígenas en el imaginario colonial de Guatemala (Siglos XVI e XVIII).** Estudios de Historia Novohispana 60, enero-junio 2019, p. 109-130

SODRÉ, Muniz. **A cultura como crise**. Políticas Culturais Em Revista, v. 10, n. 1, 2017, p. 11-22. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/24535>. Último acesso em: 10/10/2023.

TORRES, Marcos Alberto. **Tambores, rádios e videoclips: sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades**. GeoTextos, vol. 7, n. 2, dez. 2011, p. 69-83. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5645/4087>. Último acesso em: 01/09/2023.

VARELO, Francisco Rodriguez. **Construcción de las identidades latino-americanas. Una aproximación desde el entorno sonoro**. Temas de nuestra américa Vol. 33 nº 61. Universidad Nacional de Costa Rica. 2016.

Viviane Vedana (2010). **Paisagem sonora e antropologia urbana: um ensaio sobre as sonoridades da cidade**. VII Congresso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, San Pedro de Atacama.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira” - estudo etnográfico das “artes de fazer” dos feirantes e fregueses da Feira Livre Epatur no contexto da Paisagem Urbana de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3731/000403659.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 03/03/2023.

VEDANA, V. **Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. DOI: 10.22456/1984-1191.15537. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/15537>. Acesso em: 6 ago. 2022.

WESTERKAMP, Hildegard. Soundwalking. In: **Sound heritage** 3, nº 4, Victoria British Columbia: Aural History. 1974, p. 18-27.

Ponte da Amizade tem movimento diário de aproximadamente 41,2 mil veículos, aponta estudo. G1, Foz do Iguaçu, 06 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/04/06/ponte-da-amizade-tem-movimento-diario-de-aproximadamente-412-mil-veiculos-aponta-estudo.ghtml>. Último acesso em: 10/10/2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – DECUPAGENS

Decupagem Zona Franca_10/03/2022

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Zona Franca de CDE	ZOOM0055	00:00-01:52	Vozes em espanhol, português e guarani	Caminhada sonora	não
Zona Franca de CDE	ZOOM0056	00:00-02:05	Conversas paralelas. vozes em espanhol, português e guarani. Música ao fundo. pessoas me chamando.	caminhada sonora	SIM Muito interessante
Zona Franca de CDE	ZOOM0057	00:00-05:27	Vento, motos, funk, vozes me chamando. muitos barulhos	caminhada sonora	SIM fazer cortes
Zona Franca de CDE	ZOOM0058	00:00-05:26	“em guarani, em dólar”, seguido da voz de Marcelo. Barulho das fitas crepes. Vozes, risos e passos	Ponto fixo	Fazer cortes vozes marcelo
Zona Franca de CDE	ZOOM0059	00:00-08:28	Começa com uma música em espanhol. Motos passando. 02:11' começam os diálogos com a gente (tentando descobrir de onde somos)	Caminhada sonora	sim fazer cortes
Zona Franca de CDE	ZOOM0061	00:00-00:56	Música romântica	Ponto fixo Cortar a partir de 00:17'.	Sim
Zona Franca de CDE	ZOOM0062	00:00-00:27	Música romântica “el amor!”		Não
Zona Franca de CDE	ZOOM0063	00:00-00:51	Barulho de obra	Voz minha e de marcelo	não

Zona Franca de CDE	ZOOM0064	00:00-00:16	Barulho da obra + música brasileira + voz do marcelo	Ponto fixo	Sim
Zona Franca de CDE	ZOOM0065	00:00-00:17	Barulho de obra + minha voz e do marcelo		não
Zona Franca de CDE	ZOOM0066	00:00-01:28	Cortar a partir das 00:30. "Cinco latinhas e uma grande", segue de música paraguaia.	caminhada sonora	sim fazer cortes
Zona Franca de CDE	ZOOM0067	00:00-08:55	vozes + transitos + vendedores + senhor vendendo viagra + barulho de eletrochoque	caminhada sonora	sim fazer cortes: 02:39' - 04:38'; 05:15' - 06:00'; 08:20' - 08:55'.

Decupagem_Carro do Ovo_Vila C_Foz do Iguaçu

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Carro do ovo	ZOOM0173	00:00' - 01:22'	Carro ao fundo anunciando os produtos e música La Bamba passos, vento, moto, pássaros	00:26' começa a música 00:54' anúncio dos produtos (ovos, queijo colonial, salame de porco, banha de porco)	fazer cortes
Carro do ovo	ZOOM0174	00:00' - 01:39	Carro anunciando seus produtos: torresmo, banha de porco, galinha semi caipira. Música: "quem quer ovo, quem gosta de ovo. Quem gosta de ovo, levante a mão. "Olha o Victor, passando na rua da sua casa, com ovos e produtos coloniais. Temos: cartela com 30 ovos. Eu disse: cartela com 30 ovos frescos e	00:17' - música em bom volume	sim

			seleccionados. Cartela com 30 ovos, leve essa última para sua família. Aproveite! Aceitamos cartão de débito e crédito.”		
Carro do ovo	ZOOM0175	00:00' - 00:19'	Temos: banha em granel, gelado, vinho colonial, azeitona, azeite de oliva, galinha semi caipira.		sim

Decupagem 8M_2022

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Outras
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0035	00:00-02:26	<p>Menção em altofalante às organizações que organizaram a marcha</p> <p>“Visibles una serie de demandas, y quisiera mencionar las organizaciones que hoy están presentes en esta marcha. Esta marcha es convocada por Kuña Poty, organización feminista de Ciudad del Este, por favor las compañeras de Kuña Poty alcen las manos. Un aplauso para las compañeras</p> <p>-uuuuuuuuuu</p> <p>Que hicieran posible esta marcha.</p> <p>-tututututu</p> <p>Estan las compañeras de Diversxs, por favor,</p>	<p>Menção a: Kuña Poty, organização feminista de CDE; Diverses, coletivo trans de CDE; UNES, Associação Unidas por la Esperanza, de trabalhadora s sexuais (Angela); As bombeiras voluntárias de CDE, trabalhando contra a violencia de genero dentro da instituição.</p>	<p>Quando mencionado a associação UNES, pedem para que a polícia intervenha quando elas denunciam. Acompanha um grito “la policia no me cuida, me cuida mis amigas”.</p>

			un aplauso para las comañeras de Diversxs - uhuuuuuu		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0036	00:00- 00:51	Canto feminista acompanhado da batucada	O canto diz “Y ahora que estamos juntas (2x), Y ahora que si nos ve (2x), Abajo el patriarcado, que va caer (2x), y arriba el feminismo que va vencer (2x). Gritos no final	Alto-falante: organiza a batucada na frente da marcha e as participantes organizam atrás delas, fora das calçadas.
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0037	00:00- 00:18	Batucada e a música Canción sin Miedo	Primeiro a batucada, depois sona a música	sim
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0038	00:00- 00:30	Batucada + Canción sin Miedo	Confusão de sons entre a batucada e a música	não
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0039	00:00- 01:19	Ensaio dos cantos da marcha: “y ahora que si nos vê. Abajo el patriarcado que va caer, que va caer (2x). / Poder, poder (2x), poder popular (2x). Luchar por las compañeras le gusta usted, le gusta usted (2x). Y ahora que estamos juntas (2x), y ahora que si nos ve (2x). Abajo el patricardo que va caer, que va caer. / Aqui las chicas luchan (3x)	Risos à 01:00.	Barulho de vento
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0040	00:00- 00:08	Batucada e no fim grito “alerta”, acompanhado das participantes		últimos 3 segundos
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0041	00:00- 01:44	Cantos da manifestação +	Continuação áudio 0040	Áudio Interessante

			conversas paralelas + buzinas do carro		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0042	00:00-03:36	Cantos da manifestação + batucada + buzinas de carros	Do lado do altofalante	Áudio Interessante
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0043	00:00-01:47	Continuação do áudio 0042 / Aproximação da batucada	Barulho de motos no fundo	
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0044	00:00-00:24	Continuação do áudio 0043		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0045	00:00-00:53	Gritos "Basta de cubrir acosadores". Mensagem na frente da municipalidad de CDE		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0046	00:00-00:24	Gritos na frente da municipalidad "Baste de cubrir acosadores"		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0047	00:00-00:27	Batucada + conversas avulsas		

Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0048	00:00-02:31	Gritos da manifestação "Señor y Señora no sea indiferente, se matan las mujeres en la cara de la gente" / "Alerta, alerta, alerta que cambia, la lucha feminista por América Latina. Y tiemblan (3x) los machistas, América Latina va ser toda feminista!" + gritos de comemoração	"Y arriba el feminismo que va vencer, va vencer!"	Áudio interesante
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0049	00:00-00:44	Gritos da manifestação + buzinas "Donde esta, no se ve: la igualdad de las mujeres"		

Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0050	00:00-00:46	Gritos da manifestação		
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0051	00:00-01:28	Gritos da manifestação + batucada	00:49- 00:15 "Gonzalez Vaesken queremos un albergue	Gonzalez Vaesken é o governador do departamento Alto Paraná/PY
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0052	00:00-02:25	Gritos da manifestação "Albergue yá" e outros	Albergue yá tem sido uma das principais campanhas do coletivo Kuñ Poty	corte: 1'04 - 01'29
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0053	00:00-00:20	Batucada ao fim da manifestação		Áudio interessante
Manifestação do Dia Internacional da Mulher	ZOOM0054	00:00-09:07	Leitura do manifesto no final da manifestação. Apresentação das companheiras e das organizações que compuseram a manifestação.		Áudio importante

Decupagem_Manifestação_gasolina_ponte_14 de março

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0068	00:00-01-13	Conversas confusas ao fundo	Primeiro dia de manifestação o contra o aumento do combustível PY. Ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0069	00:00-00:29	Começa com uma voz no megafone falando de guarani + vozes ao fundo e conversas	Ponto fixo	não

			acaloradas paralelas		
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0070	00:00-00:32	vozes ao fundo	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0071	00:00-02:04	som ruim (muito vendo)	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0072	00:00-03:24	conversas pouco inteligíveis ao fundo	ponto fixo	sim cortar 02:30' - 03:24'
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0073	00:00-02:15	<p>Pergunto como começou a ideia da manifestação “no sábado passado fizeram uma reunião com a federação de transporte, e outros setores da sociedade e chegaram a conclusão que deveria ter uma medida de força para solucionar a questão do tema dos combustíveis.</p> <p>Pergunto porque se deu o aumento do combustível</p> <p>“legalmente depois da invasão da Rússia na Ucrânia, e começou o aumento do combustível, e outras coisas sobem também.” pergunto porque uma guerra tão longe afetaria o Paraguai e a América latina “se não é o Paraguai não tem petróleo”. Pergunto: e qual é a posição do presidente, “e agora mesmo está reunido com seus ministros.</p> <p>Pergunto se ele é caminhoneiro e por onde viaja “é de Ciudad del este, e trabalha com despacho menor, até foz”. Pergunto se a relação deles é boa com o presidente, ele fala: “é difícil, os trabalhadores quase</p>	entrevista	sim

			não tem boa relação com o governante”		
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0074	00:00-05:11	Pergunto se o Paraguai tem petróleo, ele afirma “o Paraguai não tem petróleo, só maiz e trigo, é o que mais produz aqui, e soja”. Pergunto com quem o PY faz comércio de petróleo, ele afirma “antes com a Venezuela, agora não sei.” Começamos a conversar sobre outros assuntos. ele comenta sobre as frentes que estavam nas manifestações. Comenta os lugares onde esta rolando as manifestações	entrevista	sim cortar 00:00'-00:58' 02:28'- 02:50'. 03:07'- 04:30'.
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0075	00:00-01:48	alguém falando no megafone que estão protestando contra a subida dos combustíveis. Sequências de apitos	ponto fixo	Cortar 00:10-01:48
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0076	00:00-01:51	conversas paralelas + buzinas	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0077	00:00-00:22	pedindo para entrevistar as senhoras, elas falando que não	tentativa de entrevista	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0078	00:00-00:53	ruídos ao fundo (vozes, buzinas, etc)	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0079	00:00-02:37	Pergunto como foi a ideia da manifestação, ele responde “ese es por el precio del combustible, que está muy alto en PY, y los camioneros, empezó por los camioneros, con carretas grandes, después los más pequeños, ahora todo PY está en la calle. Asociación de los camioneros de PY.” Pergunto desde qué horas están, él	entrevista	sim entrevista M'bururu

			<p>responde “desde las 8 estamos acá, hasta que el presidente haga algo por la negociación. tiene que bajar el precio.”</p> <p>Pergunto porque o preço subiu, ele responde “aca se está cobrando asi, porque en argentina estan cobrando de 3, 500 a 4 mil, creo que algo no funciona. Está en manos privados la Eletropar, quem controla los combustíveis.</p> <p>Queremos que pase a mano del estado el combustible paraguay.” Pergunto a quanto tempo a eletropar está privatizada, e ele responde “no sabemos cuándo, cuando nos demos cuenta ya estaba privatizado.</p>		
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0080	00:00-02:30	<p>conversas em guarani. “ese es el problema acá, ya viene sucediendo así esporádicamente, nosotros pensamos que el gobierno puede manejar mejor, que el propio empresa privada, hace lo que quiere ahora, pone el precio como quiera, no tiene límite de subir.</p> <p>Pergunto como é a relação do presidente com ele, me responde “con nosotros no llegan bien, somos opositores.”</p> <p>Acrescenta outros lugares que estão tendo manifestação.</p> <p>Pergunto sobre a fronteira, ele responde “el impacto aca para nosotros es muy grande, imaginate, medio dia se cerro hoy, y ahora otro medio dia. millones de</p>	entrevista - continuação 0079	sim entrevista continuação M'bururu

			dólares la perda del estado paraguayo, y quien va pagar, nosotros verdad, pero si no hacemos esto nada nos escucha”		
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0081	00:00-00:44	conversas paralelas + buzina de apito de manifestação	ponto fixo	sim
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0082	00:00-03:57	vuvuzelas + manifestantes gritando contra quem queria passar + risos + conversas paralelas	caminhada + ponto fixo	fazer cortes
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0083	00:00-03:14	manifestantes + passos + vuvuzelas + conversas em guarani	caminhada + ponto fixo	sim
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0084	00:00-07:06	“es una manifestación de todos los ciudadanos paraguayos, todo el punto del pais hay, no solo aca, haciendo medida de fuerza contra el gobierno nacional, porque el combustible está subindo sem parar. PY no subsidia o combustível para que el salga mas barato. En Bolívia es asi, esta a 3500 guaraníes, en Argentina a 3800 el litro. aca es 8000, 10000. Los grandes no pagan imposto, los pequenos pagam imposto. Cuando es producto básico para la poblacion, el estado tiene que controlar.” Continua	entrevista	sim fazer cortes
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0085	00:00-04:49	Transportista alternativo. Falando em portugues. Ele explica como carregava o combustível e a média dos preços. Fala que concorda com a manifestação.	entrevista	sim fazer cortes
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0086	00:00-03:28	“Abre, abre” nos segundos iniciais.	caminhada sonora	sim fazer cortes

março			Muita buzina. Confusão de vozes em 01:50'. Diálogo comigo em 02:34'		
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0087	00:00-00:58	Palmas e gritos + buzinas + "si o presidente não faz acordo, só amanhã de tarde" 00:22'	ponto fixo	sim
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0088	00:00-02:13	Voz de criança. Diálogo em guarani.	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0089	00:00-06:10	Diálogo em portugues. Estudantes de medicina. Conversas paralelas em guarani e portugues "ele falou em árabe". 01:05 "vamos liberar solo para los brasileiros" e o povo comemorando. "Brasileiras no, solo brasileiros. brasileiras vão ficar com nós".	ponto fixo	sim tirar 01:38' - 02:21'
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0090	00:00-04:37	"Para que mire el presidente o que estamos haciendo acá" "Es que los brasileños no quieren escuchar. En el brasil cuando hacen huelga que queman, te quitan la moto." "Vamos a brasil, traemos huevo, y nos quitan todo". Conversa sobre os preços de gasolina 03:22'	entrevista	não fazer cortes
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0091	00:00-00:07	Conversa inteligível	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0092	00:00-01:50	Motos acelerando. Buzinas. Brasileiros atravessando.	ponto fixo	não
Paro_ponte de amizade_14 de março	ZOOM0093	00:00-01:47	Pergunto porque liberou, ele responde "para que os brasileiros voltem a sua terra, ou os paraguaios vão ter que ficar lá"	entrevista	sim cortar em 00:19'

Decupagem_Manifestação_gasolina_ponte_16 de março

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0094	00:00-01:01	Barulho de motos passando lentamente. 00:18' calmaria na avenida. Carros passando esporadicamente	Caminhada sonora	sim
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0095	00:00-00:31	Barulho de vento	caminhada sonora	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0096	00:00-01:16	até 00:15' tentativa de conversa. Motos passando, vento. 01:05' movimentação de vozes	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0097	00:00-01:31	vozes ao fundo. 01:00' risadas e conversas.	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0098	00:00-00:56	conversas em guaraní, com risos.	ponto fixo	sim
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0099	00:00-00:25	conversas e motos	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0100	00:00-01:02	Homem falando em portugues descrevendo a cena de uma pessoa passando pela barricada na ponte.	ponto fixo	sim
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0101	00:00-00:13	Continuação áudio 0100. "Vamos meter marcha"	ponto fixo	sim (juntar ao 0100)
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0102	00:00-01:32	Gravado na aduana. Pessoas conversando em guaraní e outras em portugues. Assobio, buzinas, motos. Grevistas impedindo as motos de entrarem.	ponto fixo	sim
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0103	00:00-00:54	Grevistas alertando quem quer passar pela ponte. conversa em guarani	ponto fixo	sim

Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0104	00:00-00:42	Uma mulher conversa em guarani	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0105	00:00-00:20	conversas paralelas	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0106	00:00-00:07	eu pergunto como está a negociação	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0107	00:00-01:08	A senhora me informa que o presidente do PY esta no Brasil. Pergunto fazendo o que. Ela diz que ele não falou nada em relação a manifestação. Pergunto quem então esta fazendo a negociação. Ela diz que do lado deles, tem um presidente da organização. Reclama do presidente, que estão esperando eles. No fim, ri dos grevistas impedindo as motos	entrevista	sim
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0108	00:00-00:33	Motos e apitos.	ponto fixo	não
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0109	00:00-04:47	Estão fazendo a manifestação desde segunda. A ideia da federação e dos compas paraguaios. Fizeram uma reunião e se levantaram contra o governo paraguaio levando em conta o aumento do combustível, que não tem trabalho. Em 2 meses o combustível subiu 26%. agora chamam "Oro líquido, el combustible". aumento se deu pela guerra rússia - ucrânia. Eles estão em negociação, para baixar 500gs, e ele	entrevista	sim cortar em 00:05'

			<p>diz que para os pobres isso não era solução. Presidente da associação de táxis de CDE.</p> <p>Pergunto como foi com os taxistas, e ele responde que fizeram uma reunião com todos os grêmios (caminhoneiro, mototaxista, transporte alternativo e táxi), e em uma assembleia decidiram fazer o paro. “En la frontera siempre hay más prejuicios, más sacrificios, pero del interior también sufre, está cerrado rutas.</p>		
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0110	00:00-03:58	<p>“El paro empezo con un encuentro fraternal de todas las organizaciones e gremios que estan involucrados em cruze de frontera CDE-Foz. Esta la federación de mototaxi, de taxiradio, federacion de los kombis, de los vehículo de menor porte, una mescla de várias organizaciones.</p> <p>Pergunto da relação do paro com o patronato, “las grandes empresas ahora mismo estan querendo fuzilarnos pelo que estamos haciendo. No vamos a parar, porque ahora nos demos cuenta que el gobierno bajo 500 guaranies, y nosotros queremos 1000.</p> <p>Ahora en Asunción están manifestando con molotov. Las negociaciones empezaran el</p>	entrevista	sim cortar em 00:17'

			<p>martes. No es nosotros, el pueblo paraguayo quiere 1000 guaranies, en los 17 departamentos hay manifestación. Mayor impacto a lo nivel de país se esta sintiendo aqui en esta zona. porque es muy raro ver paralizar totalmente una frontera como esa. La manifestacion empezo en lunes y el estado ya perdió millones de dólares. Ayer perderan 6 millones y hoy estaba una tendencia de perder 10 millones. La perdida es irrecuperável al gobierno, entonces tiene que encontrar una manera de ceder al que el publo esta pidiendo.</p>		
Terceiro dia de manifestação dos combustíveis	ZOOM0111	00:00-00:58	a caminha da calle Curupayty. Ambiente silencioso	caminhada	não

Decupagem_Jogo Olímpia e 3 de Febrero

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Olímpia <i>versus</i> 3 de Febrero	ZOOM0178	03:22	<p>Torcedores cantando ao som da bateria "Vamos Olímpia..."</p> <p>Conversas e risos + vuvuzela</p> <p>1'41 - assobios e agitação</p> <p>2'47 - "munheco", risos e vibrações da torcida</p>	<p> corte:</p> <p>1'41</p> <p>2'47</p>	sim
Olímpia <i>versus</i> 3 de Febrero	ZOOM0179	01'25	Torcida cantando ao som da bateria		não
Olímpia <i>versus</i> 3 de	ZOOM0180	00'00 -	"dale dale dale dale,	cortes:	sim

Febrero		10'46	cruze" torcedores reclamando. palmas acompanhando a bateria som da bateria	00'00 - 01'10 01'53 - 02'58 04'42 - 05'07 08'51 - 10'46	
Olímpia <i>versus</i> 3 de Febrero	ZOOM0181	00'00-02'49	Torcedores gritando e vuvuzela	gol!!!!	sim

Entrevista_Teófila

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	00:06-00:50	"Ih nosotros trabajamos acá y gracias a Dios nosotros acá sustentamos nuestro pan de cada día. Porque no hay otro lado para trabajar, solo acá. En mi parte por ejemplo, yo ya, no quiero trabajar como empleada doméstica, porque la gente te aprovecha ella. Y gana muy poco. Si llueve igual te vá, si no llueve se vá igual. Acá soy yo, si quiero venir, vengo, si no, no. Nadie me obliga.		sim
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	00:52-00:59	Pergunto se ela trabalha lá há muito tempo. Ela responde "Hace 25 años que trabajo acá".		
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	1:00-01:27	Pergunto de ela é de Ciudad del Este mesmo, e ela responde "Ciudad del este mismo. Pero acá.. yo nací en Oviedo, mi ciudad natal es Oviedo. Vim acá en 80, 82, en 90 vino acá. Se acuerdan cuando hubo ese golpe de Estado? Y, después del golpe de estado 4 meses yo vino acá. Hace 32 años que estamos acá."		sim
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	01:29-01:35	Pergunto se sempre trabalhando na fronteira, ela responde: "Siempre trabajamos acá. Y es mejor acá."	Barulho de moto alto ao fundo.	no
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	01:42-03:01	Pergunto qual a maior diferença que ela percebe entre o PY e o BR, ela responde: "No es más grande, más es muy lejos ya queda para nosotros, pero hay personas que se va a ir trabajar, por ejemplo, cuando hay fila, los vendedores se van allá en la fila, pero ellos venden más caro su mercaderia. Água por		sim

			<p>exemplo se vende a 3 real, en guaraní 5 mil guaranis. Pero ahora están todas los casos caros luego, nosotros vamos procurar en vender un poquito más caro también, y la gente no quiere pagar caro, caro, no quieren valorar, verdad? Y hay que valorar la gente, porque nosotros dejamos nuestra casa, nuestra familia para venir acá. Pagamos pasaje, comida, hay mucha cosa. Tenemos que comprar hielo, agua caliente no va a querer la gente, gaseosa caliente tampoco. Y es difícil la cosa. Hoy en día subió toda la mercadería, está por las nubes. La carne, por ejemplo, subió muchísimo acá, la carne subió muchísimo. El puchero estaba a 17, 18, ahora está a 24 mil el kilo y la carnasa está a 45 mil el kilo.</p>		
Entrevista com Teófila	ZOOM0021	03:02	<p>Comento da pandemia e ela responde: “Y si, con esa pandemia que pasó también, y después de la pandemia, nadie recupera más. Acá, usted recorrieran mucho y viran los negocios, todo cerrado. Por eso, por la pandemia. Si, eso nos perjudicó bastante, a todas las personas, mundial eso.</p>		si

Decupagem_Mototaxista

Título da decupagem	Número do vídeo	Tempo	Descrição	Observações	Usar
Diálogo com mototaxista	ZOOM0020	00:00' - 01:36'	<p>“Pra mim acho muito legal, por exemplo, você conhece pessoas novas, de outros países, de outros estados, entendeu. É gratificante para a gente ter o conhecimento... E outra, atravessar a fronteira a gente vai todos os dias no Paraguai, volta com pessoas diferentes... você tem a facilidade para conversar com as pessoas.. e digo assim, a fronteira ensina bastante coisa para a gente, a humanidade, você tem que ser sempre educado, ajudar as pessoas, porque muita gente precisa... esses tipos de coisas assim, a cultura</p>	<p>Editar e colocar no mapa</p>	SIM

			que a gente vai aprendendo... e assim se for falar vai aumentando. O transporte a gente transporta todo dia pessoas assim, do Maranhão, Bahia, vem de Manaus, vem de Minas, vem de Sergipe, até da própria Argentina, mesmo vem, vem de Venezuela, vem de Colombia. então assim, de viver na fronteira o bom é isso, que você sempre vai estar com pessoas diferentes, aprendendo, tomando conhecimento né.		
Diálogo com mototaxista	ZOOM0020	01:38' - 02:00'	Pergunto se ele nasceu na fronteira. "Não, não. To a 30 anos aqui mas não nasci aqui". Pergunto se ele sempre trabalhou como mototaxista. "Eu to já vai pra 27 anos. mas eu gosto né, podia ter trocado pra outro emprego, mas não. Eu gosto de ficar aqui porque é sempre mais tranquilo, você sempre vai estar livre, é um serviço que se você quiser ir você vai, se não quer não vai, mas você tem que ir para ganhar né. Mas se você falar 'hoje eu não vou', não vou ganhar mas também não vou, então você tem aquele..."	Para análise	NÃO
Diálogo com mototaxista	ZOOM0020	02:10' -	Pergunto se ele sempre trabalha no lado brasileiro. "É, eu sou brasileiro. A gente só trabalha no lado brasileiro, né. A gente pega o passageiro, leva do outro lado e deixa ele lá... aí os paraguaias trazem o povo de lá, a gente só leva." Pergunto se eles tem alguma relação com os mototaxistas paraguaios. "Sim, sim, a gente se dá super bem. Assim, ao passar o tempo as coisas vão andando né, vão se amigando, um precisando do outro, aquela ajuda assim humanitária é sempre isso aí vai acontecer. No começo é difícil né, mas	Para análise	

			depois vai se ajustando tudo, então hoje tá tudo... tem umas desavenças pouquinha coisa, mas assim, isso é coisa da vida, sempre tem mesmo né.”		
--	--	--	--	--	--

APÊNDICE B – LISTA DE MAPAS SONOROS LATINO-AMERICANOS CATALOGADOS⁵⁴

Título do mapa	País	Localização
Mapa Sonoro de México (Fonoteca Nacional do México)	México	https://mapasonoro.cultura.gob.mx/
Mapa Sonoro do Uruguay	Uruguai	https://www.mapasonoro.uy/
Mapas Sonoros de Latinoamérica	Continente	http://umap.openstreetmap.fr/es/map/mapa-de-mapas-sonoros-de-latinoamerica-archivo-ust_285395?fbclid=IwAR02YniCuE2sMchfhboNKLezeVjqGdDG6oaO7eCqIUmyVJrhmUUSIbUn-zU#5/15.843/-82.723
Ambientes Sonoros de Costa Rica	Costa Rica	https://repositorio.iiarte.ucr.ac.cr/handle/123456789/9180
Mapa sonoro de Querétaro	México	https://balamronan.wixsite.com/mapasonoroqueretaro
Audiomapa América Latina	Continente	https://www.audiomapa.org/
Sonoteca Bahía Blanca	Argentina	https://www.sonotecabahiablanca.com/wp/mapa-sonoro/
Mapa Sonoro de la Comarca Andina	Argentina	https://transitosonoro.com.ar/?fbclid=IwAR2vPK7xdEzssKPKq3XVZon6AMiV1Ts2kEjOv0laRG9BOEQLNxSdb8j6DCU
Cali Paisaje Sonoro	Colômbia	https://www.icesi.edu.co/cali_paisaje_sonoro/
Cartografía Sonora de Bío Bío	Chile	https://www.aoir.cl/
Ecuador Soundmap	Equador	http://www.ecuadorsoundmap.com/
Mapa Sonoro de Curitiba	Brasil	http://www.mapasonoro.com.br/categoria/temas/paisagem-sonora/

⁵⁴ Baseado na lista produzida pelo *Archivo Usted no está aquí*. Disponível em archivustednoestaaqui.org. Último acesso em: 01/08/2023.

Mapa Sonoro de Vitória/ES	Brasil	https://uploads.knightlab.com/storymaps/39436ccbe38ce5d627e960bf5304b0ec/teste/index.html
Mapa Sonoro de AricaParicacota	Chile	https://mapasonoroap.betaaudiovisual.cl/1_6_mapasonoro.html
Mapa Sonoro de Barranquilla	Colômbia	https://mapasonorobaq.wixsite.com/mapabaq/mapa-baq
Mapa Sonoro Casa de los Diez	Chile	https://pablobas.com.ar/mapas_sonoros/casadiez.html?fbclid=IwAR3d0UQxl8Q29k1ZeGpldKJ3z54-NRp3Jxc8Q1wWT9HuGarGlc79JfA1sh0
Mapa sonoro de Caseros	Argentina	http://www.pablobas.com.ar/mapas_sonoros/caseros.html
Mapa Sonoro de Curicó	Chile	https://recorridosonoro.webnode.es/
Mapa Sonoro de Cusco Qapariy	Peru	https://mapasonorodecusco.com/mapa/
Mapa Sonoro Difusor Austral	Colômbia, Brasil, Argentina	https://pablobas.com.ar/mapas_sonoros/difusor_austral.html
Mapa Sonoro Esto no es una Mapa Sonoro de Girasoles	Argentina, Chile	http://estono.es.com.ar/un-mapa-sonoro/del-rio-chubut/
Mapa Sonoro Isla Martín García	Argentina	https://pablobas.com.ar/mapas_sonoros/isla_martin_garcia.html
Mapa Sonoro de Lenguas Nativas	Colômbia	https://mapasonoro.mincultura.gov.co/Home/mapa#
Mapa Sonoro y Estadístico Lenguas Indígenas	Peru	https://geoportal.cultura.gob.pe/mapa/perfil/lenguas
Mapa Sonoro de Valparaíso	Uruguay	http://proyectosonec.org/mapa-sonoro-de-valparaiso/
Mapa Sonoro de Valdivia	Chile	https://www.acusticauach.cl/mapa/mapa.php
Otras escuchas: repositorio de escuchas alternativas	Peru	https://asimtria.org/otrasescuchas/?fbclid=IwAR2OWttGGsPlc3Zho

		xJdoPLzO-astvoeHG6CvELfAr-klEm6nzwpf5cHI2U
Paisagens Sonoras de Niterói	Brasil	https://paisagensonorasdeniteroi.wordpress.com/
Paisajistas sonoras de América Latina	Colômbia, Peru	https://paisajistassonoras-americalatina.bandcamp.com/
Registro Sonoro Parque Samanés	Equador	https://sites.google.com/view/espaciossonoros/registro-sonoro/canchas-deportivas?authuser=0
Rio Soundscapes. Paisagens Sonoras cariocas	Brasil	http://www.riosoundscape.org/
Sonidos de mi barrio	México	https://sonidosdemibarrío.org/
Sonidos del edén. Mapa sonoro de Tabasco	México	https://subcorticalmedia.wordpress.com/sonidos-del-eden/
Sonidos de Rosário	Argentina	http://www.sonidosderosario.com.ar/mapa-sonoro/
Sonósfera Bellanita	Colômbia	https://www.museosonorodigital.co/index.php/sonosfera-bellanita
Xeno-Canto	Chile, Argentina, Brasil	https://xeno-canto.org/contributor/SEVIQQAKWM